

# tineteiro

N.º 3 / 2020-2021  
ISSN: 2596-2841

## CIÊNCIA PRA QUÊ?

CIÊNCIA, NEGACIONISMO E O PAÍS  
QUE QUEREMOS CONSTRUIR

### O BICHO E O VENTO

EM RELATO SOBRE A ANTÁRTICA, PROFESSORA  
RELEMBRA O DIA EM QUE FOI ATACADA POR UMA FOCA

### ENTREVISTA

KLAUS ZEYRINGER E HELMUT GOLLNER,  
AUTORES DE *ÁUSTRIA:  
UMA HISTÓRIA LITERÁRIA*



4

### Crônica

Um passeio matinal com o zoólogo  
Marcos Rodrigues

p. 2

## Páginas em cores 18

Cliques em fotolivros

22



### Kafka é austríaco?

Entrevista com Klaus Zeyringer e Helmut Gollner, autores do livro *Áustria: uma história literária*

6

### Ciência pra quê?

Evento debateu a importância de enfrentar o negacionismo e defender a ciência



24  
clockwise

Poema de Thássio Ferreira

16



### O bicho e o vento

Em relato sobre a Antártica, professora da UFPR relembra o dia em que foi atacada por uma foca

26



29  
Som de cinema

Aprender a colaborar é a chave para quem quer trabalhar com edição sonora no cinema

p. 3

editorial

# Novos tempos

Em uma nova realidade que nos foi imposta, *Tinteiro* busca ser a voz dos que resistiram — por Alan Santiago Norões Queiroz, Francisco Roberto Szezech Innocêncio e Maria Cristina Perigo, os editores.

ESTA TERCEIRA EDIÇÃO da *Tinteiro* chega ao leitor bastante atrasada. Além disso, apesar de sua posição de resistência até então, adere ao meio digital. A tempestade causada pela pandemia da Covid-19 desde março de 2020 atingiu em cheio a publicação e o fluxo da revista *Tinteiro*. Além do choque imposto pela pandemia e dos diversos problemas — tanto de saúde física e mental quanto sociais e econômicos — causados pela crise sanitária, a Editora UFPR precisou enfrentar a luta adicional de continuar produzindo, apesar das sucessivas restrições orçamentárias impostas. Tudo isso impossibilitou a publicação da edição de 2020.

Em 2021, o cenário prosseguiu em grande parte inalterado: a pandemia de Covid-19 continuou exterminando milhares, no Brasil e no mundo, e os cortes e contingenciamentos impostos aos orçamentos de áreas tão imprescindíveis como a educação, a ciência e a tecnologia se tornaram ainda mais severos e arbitrários em nosso país. No entanto, o alento trazido no segundo semestre pelo avanço da vacinação — e um relativo descontingenciamento do orçamento — animou a todos. E mesmo com certo distanciamento social e com as dificuldades causadas pelo comprometimento de nossos planos e rotinas, arregaçamos as mangas para cumprirmos nossos acordos — mais do que isso, retomamos o projeto da revista como espaço privilegiado de difusão da cultura —, trabalhando com grande empenho na execução do novo cronograma e na realização das publicações. Assim, lançar esta revista, neste momento, em meio às adversidades que todos enfrentamos e após o hiato forçado na publicação não só é motivo de alegria para nós todos, como tem um especial sabor de vitória.

De certa forma, com uma nova cara, a *Tinteiro* chega ao leitor um pouco repaginada. A literatura e a arte ainda transitam muito por suas páginas, mas aos poucos elas são tomadas por outros temas urgentes, como a importância da ciência, o enfrentamento ao negacionismo, o combate à cultura da desinformação e o debate sobre o racismo estrutural brasileiro, por exemplo. No entanto, sua principal mudança, como já adiantamos, foi migrar para o universo virtual, abandonando sua característica inicial — tão cara aos seus fundadores — de revista impressa, ainda que não sem grande tristeza.

Mas são novos tempos e estes exigem adaptação e, principalmente, uma reconexão com os leitores, que acompanhe a realidade que nos foi conferida. O que importa é que a *Tinteiro* segue unindo amigos, artistas e escritores para levar informação de qualidade aos leitores (com um alcance ainda maior, dado seu novo formato). Os novos tempos renovam o seu papel e a revista busca ser a voz dos que resistiram. Neste sentido, *Tinteiro* segue sendo resistência. Uma ótima leitura!

“  
***Tinteiro* segue unindo amigos, artistas e escritores para levar informação de qualidade aos leitores. Os novos tempos renovam o seu papel e a revista busca ser a voz dos que resistiram. Neste sentido, *Tinteiro* segue sendo resistência.**

Tinteiro, Nº 3 / 2020-2021 — Publicação da Editora UFPR — ISSN: 2596-2841

#### Reitor da UFPR

Ricardo Marcelo Fonseca

#### Vice-Reitora

Graciela Bolzón de Muniz

#### Coordenador da Editora UFPR

Rafael Faraco Benthien

#### Editores

Alan Santiago  
Francisco R. S. Innocêncio  
Maria Cristina Perigo

#### Conselho Editorial

Daniel Zanella  
Diamila Medeiros  
Gabriela Ribeiro  
José Carlos Fernandes  
Luci Collin  
Manoela Leão

#### Entrevistas

Gisele Eberspächer  
Maria Cristina Perigo

#### Artigos e Resenhas

Caetano Galindo  
Clóvis Gruner  
Débora Opolski  
Francisco R. S. Innocêncio  
Jonatan Silva  
Lorena Klenk  
Maria Cristina Perigo  
Nicole Soares-Pinto  
Ricardo Marcelo Fonseca  
Thabata Caruzo

#### Ilustração

Dulce Regina Baggio Osinski  
Katiucya Perigo  
Reinaldo Weber

#### Dicas do editor

Alan Santiago

#### Revisão

Alan Santiago  
Francisco R. S. Innocêncio  
Maria Cristina Perigo

#### Coordenação Gráfica

Rachel Cristina Pavim

#### Projeto Gráfico

Nicole Jaroszewski  
Reinaldo Weber

#### Direção de Arte

Maria Cristina Perigo  
Reinaldo Weber

#### Diagramação

Reinaldo Weber

#### Editora UFPR

Rua Ubaldino do Amaral, 321, 1º andar  
Alto da Glória - Curitiba (PR)

www.editora.ufpr.br

crônica

# A AURORA E A ETERNA NOVIDADE DO MUNDO

Um passeio cheio de sons, cores e aromas nas primeiras horas da manhã. — por **Marcos Rodrigues\***

AINDA É MUITO CEDO, mas talvez seja o horário ideal para iniciar uma caminhada ao longo da orla de minha lagoa, ou de qualquer lagoa. Até pouco tempo atrás, caminhar era a atividade mais natural do ser humano. Hoje temos que nos forçar e marcar um horário para simplesmente caminhar. Aproveito essa janela para me reconectar à natureza. Enquanto caminho, observo.

Olho para o leste e percebo que o sol nasce atrás do morro. Na aurora, ainda escura, querendo clarear, a minha lagoa está cercada por este morro escuro pintalgado por diminutos e esparsos pontos brancos. A lagoa ainda é como uma enseada calma cercada por colinas. A lâmina d'água, que mal se percebe, é também ainda escura como uma chapa de aço fina, espaiada na vastidão. Essas águas, as percebo pela tênue neblina que levita e volatiza. Poderiam ser águas de um grande degelo; ou poderiam ser águas de dentro de um vulcão inativo, sonolento, ainda emanando sua fumaça. Os morros ao redor a protegem.

À medida que a aurora se esvai, é possível sentir o aroma e os sons das manhãs, principalmente de aves, em qualquer estação do ano. Uma melodia aqui, outra ali, irrompem no clarear do dia. Os primeiros sons são sempre os piados roucos dos sabiás. Ao longe ouço os periquitos já aos berros. O choró-boi chora; a corruíra rosna; a pomba arrulha; o bem-te-vi grita; o sanhaço assobia. Até galos podem ser escutados. Galos me dão o sinal de que existem casas com quintais grandes, onde havia, há poucos minutos, os pontos brancos, as lamparinas residenciais. E assim a manhã vai sendo tecida, como no poema de João Cabral:

## Leia mais

*O equinócio dos sabiás: aventura científica no seu jardim tropical*  
**Marcos Rodrigues**  
176 p.



Nikolaus Tarouquella

Um galo sozinho não tece a manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro: de outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzam os fios de sol de seus gritos de galo para que a manhã, desde uma tela tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

Os telhados agora podem ser vistos ao longe, quando o morro, que era escuro, vai sendo tingido por tonalidades verdes. Primeiro o verde-negro, quase cinza-escuro, aquele de tempestade por cair. Depois apenas o verde-escuro, intenso. Sem perceber, o verde achatado vai sendo matizado. Verde-broto, verde-chá, aspargo, verde-bandeira, abacate, lima, musgo, oliva, grama, menta, turquesa, mar. A partir daí surgem outras cores no morro, em harmonia com a paleta da natureza.

Em passadas nem largas nem curtas, calco o terreno duro da calçada de cimento que circunda a orla. Respiro no ritmo dos passos. É uma das “minhas” lagoas. Faço o giro de aproximadamente sete quilômetros há anos. Muito pode ser visto por aqui, embora a maioria dos transeuntes a neguem sensorialmente, ou simplesmente a recebam como se fosse de graça, algo que se toma como certo.



Floresta ao amanhecer com caçada ao cervo, pintura de 1635. (Peter Paul Rubens/Acervo do Metropolitan Museum of Art)

Aqui e em qualquer orla, ou em qualquer caminho, cada dia é dia para uma descoberta. Uma descoberta feita a partir da curiosidade, a partir da observação, a partir da escuta, a partir do aroma, a partir da sensação. Cada dia deveria ser assim.

A aurora se vai. A fina neblina que emana da lagoa se dispersa. Começo a caminhar em direção ao norte, recebendo os primeiros raios da manhã na minha face direita. Uma dupla de joões-de-barro alça voo bem à minha frente e pousa sobre um galho de flamboaiã. Tagarelam entre eles e já deduzo que é um casal. Joões-de-barro cantam em dueto. O macho começa com sua voz estridente um “ki-ki-ki” em um ritmo ascendente e parece que vai entrando numa alucinação enérgica, esticando o pescoço para cima, eriçando as penas da cabeça e abrindo levemente as asas; é quando a fêmea entra com suas notas, não menos esganiçadas, num perfeito cânone regido pelo balançar das baquetas das árvores. Os joões-de-barro são pequenos pássaros gorduchos e marrons que caminham pela zona entre marés procurando por barro. Usam barro úmido misturado a palha seca para fazer suas casas em formato de forno de pizza. Por isso o nome latino *Furnarius, furnus*, forno.

Nessa mesma calçada surgem pouco a pouco os caminhadores, os corredores, os transeuntes comuns, os babás de cachorro e os ciclistas mais apressados. Muitos deles com fones de ouvi-

dos. Desconectados do que está acontecendo lá fora. Desconectados dos sons primordiais da natureza. Desconectados do aroma do jasmim que floresceu em algum quintal nesta madrugada. Desconectados da brisa que poderia afagar bochechas e ouvidos.

Eu continuo caminhando e observando, sentindo a brisa, experimentando aromas bons e ruins, ouvindo pássaros, passos e os eventuais e onipresentes automóveis. Vem-me à mente Alberto Caieiro:

O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...

E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...

Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...

\***Marcos Rodrigues** é cronista e professor de zoologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Seu livro *O equinócio dos sabiás* ganhou o Prêmio Abeu de 2019.

Ciência pra quê?

# Militar pela vida

Combater a desinformação, disseminar o conhecimento de qualidade e incluir a população foram temas do ciclo de debates “Ciência pra quê?”. — por **Francisco Innocêncio\*** e **Maria Perigo\*\***

A parte que ignoramos é muito maior que tudo quanto sabemos.

Platão, em *Ménon*

SE HÁ UM FENÔMENO que a pandemia da Covid-19 evidenciou de maneira trágica é o fato de que as medidas necessárias para se enfrentar com eficiência uma calamidade sanitária dessa dimensão, ainda que conhecidas pela ciência e pelos serviços de saúde pública por já terem sido postas à prova com bons resultados anteriormente, podem ser fortemente impactadas pela produção e disseminação sistemática de desinformação. Isso é bem demonstrado pelos números da evolução da pandemia no mundo: os países cujas populações foram afetadas de maneira mais drástica pela doença ao longo do ano de 2020 foram justamente aqueles em que o negacionismo da ciência ganhou terreno na opinião pública, em grande parte por ter sido promovido por grupos políticos e adotado como postura oficial de seus respectivos governos. Nesses países, a população foi — e ainda vem — sendo desestimulada a aderir às medidas recomendadas pelos órgãos de saúde pública, seja pela ausência de campanhas governamentais de conscientização — uso de máscara, higienização, distanciamento social, vacinação —, seja pela defesa oficial de terapias e medicamentos cuja eficiência é refutada pela ciência — cujo exemplo mais próximo é o tão polêmico *kit covid*.

É o caso, por exemplo, dos Estados Unidos, do Reino Unido e do Brasil: três dos países mais afetados pela Covid-19, cujos governos defenderam posições anticientíficas desde o início da pandemia. Por outro lado, é igualmente notável que, enquanto nos dois primeiros houve uma forte diminuição dos casos (sobretudo os fatais) quando seus governos abandonaram as políticas negacionistas e passaram a adotar medidas sanitárias de eficácia já comprovada, o Brasil, cujos governantes repetidamente ainda se posicionam contra medidas profiláticas prescritas pela ciência, tornou-se rapidamente epicentro da pandemia no mundo e um dos países com maior número de mortes — mais de 610 mil, oficiais. Como afirmou o reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Ricardo Marcelo Fonseca, durante a primeira mesa de debates do ciclo “Ciência pra quê?”, realizado pela Editora UFPR

em abril deste ano: “negar a ciência hoje é militar em favor da morte”. Se isso é uma verdade, o seu inverso não é menos verdadeiro: militar em favor da ciência é militar em favor da vida.

Existem muitas formas de empreender essa militância pela vida. Uma das mais eficientes (e, acreditamos, urgentes) é combater a cultura da desinformação, que é o combustível do negacionismo, por meio da disseminação da informação e da popularização do conhecimento científico. Segundo o pesquisador Renan Leonel, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), que vem pesquisando justamente o processo de institucionalização do negacionismo e de produção de ignorância (em contraposição à produção de saber), “o Brasil foi o mais impactado pela produção sistemática de desinformação por ter uma educação para a ciência bem menos consolidada que a britânica e norte-americana, além de uma população com menos anos de estudo em média”. Em entrevista concedida ao jornal *Correio Popular*, de Campinas, em setembro de 2020, Leonel acrescenta que “os instrumentos de comunicação científica, que são necessários para contrabalancear a produção de ignorância e fazer a informação chegar até as pessoas, são mais frágeis no país”.

Diante desse quadro, acreditamos que as universidades públicas brasileiras, que são sem sombra de dúvida as principais instituições produtoras de conhecimento científico, precisam assumir o papel de protagonistas nesse embate contra o obscurantismo negacionista por meio da popularização da ciência. Até porque, conforme declarou recentemente ao *Jornal da USP* o médico Márcio Bittencourt, cardiologista da Divisão de Clínica Médica do Hospital Universitário da USP, “produzir conhecimento não é só publicar artigos científicos, é também traduzir esse conhecimento para a população”. Uma afirmação que é reforçada, por exemplo, pela bióloga Natalia Pasternak, presidenta e fundadora do Instituto Questão de Ciência, para quem “a comunicação pública da ciência precisa ser valorizada como um objetivo das universidades, tanto quanto o ensino e a pesquisa”.

Com esse propósito, o de promover uma comunicação mais ativa entre a universidade e a comunidade, especialmente nestes tempos de crise, a Editora UFPR realizou um ciclo de três dias de debates pelo seu canal no YouTube (<https://www.youtube.com/c/editoraufpr2020>), o “Ciência pra quê?”, concomitantemente ao tradicional Feirão de Livros, este ano virtual. A conferência de abertura, “Desafios da ciência em um contexto negacionista”, contou com a presença do reitor da UFPR, Ricardo Marcelo Fonseca. Com a máxima “Ciência é vida”, Fonseca ressaltou que o papel da ciência no pós-pandemia será essencial, dados os seus efeitos traumáticos não só econômicos, mas também sociais: “não se trata apenas do cientista que faz a vacina, mas daquele que nos reconcilia com a sociedade, com a gente mesmo, com a civilização”. Já o pró-reitor de Extensão e Cultura da UFPR, Rodrigo Arantes Reis, acrescentou à discussão a importância da ampliação da cultura científica: “pesquisas [...] mostram que o brasileiro tem grande interesse pela ciência. O problema é que temos pouca ação política para atender a esse interesse”. O terceiro convidado, o diretor-presidente da Fundação Editora da Unesp, Jézio Hernani Bomfim Gutierrez, respondendo ao tema central do evento — Ciência pra quê? —, afirmou: “a resposta pronta é: para que continue oferecendo os frutos que promovem o nosso avanço cognitivo e o aperfeiçoamento das tecnologias. Não existe progresso fora da ciência. Ela fornece os elementos que, bem administrados, melhoram as condições da vida humana”.

No segundo dia de debates, “Pensamento crítico: a importância das ciências humanas”, o professor de história da UFPR, Clóvis Mendes Gruner, abriu a discussão refletindo sobre a contribuição do campo de conhecimento da história para o pensamento crítico e, problematizando, foi além: “o que pode a história frente aos negacionismos?”. Na sequência, também como provocação, Maria Tarcisa Silva Bega, professora de sociologia da UFPR, questionou: há ciências humanas sem pensamento crítico? Para a pesquisadora, “o conhecimento moderno é apoiado em dúvida metódica, análise criteriosa dos fatos e comprovação de evidências. No caso das ciências humanas, por lidarem com processos histórico-culturais, a criticidade é central para sua existência.” As humanidades são espaços por excelência do pensamento crítico. A psicanalista Fernanda Zacharewicz, dando ênfase às ações “além muro”, ao diálogo da academia com a comunidade, marcado por ruídos que dificultam a apropriação da ciência, fechou o debate afirmando: “Muito além do banco da universidade, mas não sem ele.”

No terceiro e último dia do evento, “A ciência pela vida: uma corrida contra o tempo”, apesar de tecer um diagnóstico bastante positivo quanto ao legado que a ciência deixa, Marcelo Müller dos Santos, professor de Bioquímica da UFPR, apresentou um cenário de desinvestimento na ciência nacional e das dificuldades estruturais para competir internacionalmente. Já a bióloga e divulgadora científica Thabata Alessandra Ramos Caruzo exibiu um panorama do que se sabia até o momento sobre o coronavírus e a Covid-19 e o que dependeria de cada um para vencer essa batalha, destacando, também, a importância da comunicação entre o cientista e a população. Marcelo Pelajo Machado, pesquisador e chefe do Laboratório de Patologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), da Fiocruz, fechou o ciclo de debates falando um pouco das sequelas da Covid-19, bem como sobre o quanto avançamos rapidamente, ressaltando a importância do respeito ao tempo da ciência.

“**No nosso meio, o saber científico é valioso. Mas, fora do diálogo com os pares, a discussão acontece em um campo de disputas — de apropriação da ciência — e tensões — entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento do pensamento crítico.**”

Com a realização do evento — sempre procurando melhorar o seu papel como difusora do conhecimento —, a Editora UFPR buscou não só ressaltar a importância da ciência no enfrentamento da pandemia da Covid-19 — e de suas implicações sociais, econômicas e emocionais —, mas também refletir sobre o acesso ao conhecimento científico de forma crítica. No nosso meio, o saber científico é valioso. Mas, fora do diálogo com os pares, a discussão acontece em um campo de disputas — de apropriação da ciência — e tensões — entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento do pensamento crítico. Como divulgadores da ciência é nosso papel combater a desinformação, refletir sobre a nossa ação na sociedade e propor maneiras de incluir os que estão à margem desta discussão. Nesse sentido, esperamos que, com esse ciclo de debates — que continua dis-

ponível para acesso no nosso canal no YouTube — e com os textos a seguir, continuemos a contribuir para que a universidade venha a se tornar, além de instituição produtora de ciência e saber, também polo irradiador de informação e conhecimento para a população.



\* **Francisco Innocêncio** é doutor em Estudos Literários pela UFPR, tradutor e revisor de textos na Editora UFPR.

\*\* **Maria Perigo** é doutoranda em Educação pela UFPR e revisora de textos na Editora UFPR.

Ciência pra quê?

## Ciência, um antídoto contra a barbárie

*Pandemia da Covid-19: todos conhecerão alguém que não voltou do "front". — por Ricardo Marcelo Fonseca\**

O CENÁRIO TRÁGICO causado pela pandemia da Covid-19, particularmente no Brasil, deixará sequelas profundas e duradouras em nossa sociedade: vidas perdidas, famílias destruídas, economia arrasada e um imenso contingente de desempregados. Por outro lado, é fato que poucas vezes antes a ciência esteve em pauta no país de forma tão constante quanto agora, e é preciso que disso saibamos extrair algum ganho que nos leve a avançar no sentido civilizatório.

Foi, aliás, justamente um fenômeno indicativo do nosso baixo grau de civilização que, por contraste, trouxe a ciência para o debate público neste momento: o negacionismo. É fato que esse não é um mal recente e tampouco exclusivamente brasileiro. Há anos temos visto correntes que negam o aquecimento global, defendem o terraplanismo, militam contra vacinas ou refutam fatos históricos como o Holocausto. O negacionismo, portanto, não é fruto da pandemia, mas um processo que tem raízes e que merece nossa atenção.

Durante a pandemia, porém, esse fenômeno ganhou proporções alarmantes no Brasil, ao alimentar convicções que podem matar, como a de que o uso de máscaras é inútil ou que a vacina contra o coronavírus é ineficaz.

É inegável que a expansão de tais conceitos tem sido favorecida pelas novas formas de comunicação — redes sociais e aplicativos de mensagens. Já se tornou célebre a afirmação feita por Umberto Eco ao receber o título de doutor honoris causa da Universidade de Turim, em 2015: as redes sociais, disse ele, deram aos imbecis o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel.

Não que o direito de quem quer que seja à manifestação pública deva ser tolhido — certamente não foi isso que Eco pretendeu dizer. Trata-se de observar que a onipresença de vozes sem a presença concomitante de filtros qualitativos adequados, e com mecanismos de responsabilização ainda muito incipientes, representa riscos de diferentes ordens — por exemplo, para a democracia e, como temos visto durante a pandemia, até mesmo para a vida humana.

Nesse cenário, a informação ingressa no que muitos chamam de pós-verdade, e que tem causado interferências inclusive na política,

algumas vezes influenciando eleições e mudando os rumos de um país. O impacto na circulação de saberes também é significativo. Descobertas científicas decorrentes de décadas de estudos de repente passam a ser colocadas em xeque e, a ciência, a ser vilipendiada.

No Brasil, este último aspecto afeta especialmente as universidades públicas, que são o repositório do conhecimento científico no país. Diferentemente de países em que universidades privadas e institutos de pesquisa têm protagonismo nesse campo, no Brasil cerca de 90% da produção de ciência e tecnologia advém do sistema público formado pelas universidades federais e estaduais.

Assim, cortar o orçamento das universidades significa cortar o próprio fomento da ciência brasileira. Negar a ciência é também desvalorizar a universidade e, nestes tempos pandêmicos, implica em descompromisso com a vida. Negar ciência hoje — militar contra as vacinas e as máscaras, a favor de aglomerações e de remédios que os protocolos científicos não atestaram como eficazes — é militar a favor da morte, algo que temos visto no Brasil de maneira dramática.

O preço que pagamos em vidas nesta pandemia está em boa medida relacionado à redução do investimento em ciência e tecnologia no Brasil nos últimos anos. Não fosse isso, é bastante pro-

vável que já tivéssemos pronta ou em fase avançada uma vacina nacional contra o coronavírus.

Mas não se trata apenas do cientista que pesquisa a vacina ou o medicamento. A importância da ciência, particularmente nesta conjuntura de devastação que vivenciamos, está também no seu papel de antídoto contra a barbárie.

A pandemia da Covid-19 deixará efeitos econômicos e sociais traumáticos, muito semelhantes aos do pós-guerra. Todos conhecerão alguém que não voltou do "front", todos terão um conhecido que caiu na batalha contra o vírus, todos estarão próximos de alguém que perdeu sua fonte de renda.

Tenho convicção de que a ciência e a universidade terão papel tremendamente importante na reconstrução que se fará necessária, não apenas do ponto de vista da saúde e da economia, mas para nos reconciliar com a sociedade, conosco mesmos e com a civilização.

\* Ricardo Marcelo Fonseca é professor de Direito e reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

## Imaginação como presença: o corpo e seus afetos na experiência literária

Ligia Gonçalves Diniz



2021  
Prêmio  
ABEU

1º lugar  
Categoria  
Ciências Humanas



Fotografia de Alan Santiago Norões Queiroz

Editora UFPR conquista o primeiro lugar na categoria Ciências Humanas do Prêmio ABEU 2021, com a obra *Imaginação como presença: o corpo e seus afetos na experiência literária*, de Ligia Gonçalves Diniz. O resultado com os vencedores de cada categoria foi divulgado pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) no dia 23 de novembro de 2021, em cerimônia virtual.

Ciência pra quê?

# Precisamos de ciência e poesia

Um desabafo poético direto e desnudo sobre a vida. — por *Thabata Caruzo\**

DESDE MINHA PARTICIPAÇÃO no ciclo de debates “Ciência pra quê?”, realizado pela Editora UFPR, venho pensando no que escrever acerca da pandemia da Covid-19, pela qual já estamos passando há mais de um ano.

Eu poderia falar dos aspectos científicos do vírus SARS-CoV-2 e da doença em si... Poderia, também, falar da importância incontestável das vacinas para o controle da pandemia e para salvar vidas e de como, mesmo vacinados, precisamos manter o uso das máscaras, o distanciamento social e evitar aglomerações, até que a maior parte da população tenha recebido a vacina... Poderia reafirmar, incessantemente, que o tratamento precoce não existe, e que nosso governo, infelizmente, prefere trabalhar em favor do vírus e contra o povo brasileiro, levando o país à triste marca de mais de 610 mil mortes até o momento.

Entretanto, pensei em compartilhar com os leitores desta revista um pouco do meu lado humano, poético e cheio de sentimentos, o qual, claro, é parte fundamental da minha militância e move minha preocupação em levar esclarecimento e ciência, de forma fácil e acessível, para todos. Especialmente diante de uma pandemia que é, por definição, coletiva, precisamos ter, mais do que nunca, empatia e senso de comunidade, ainda que esses sentimentos nem sempre tenham oportunidade de se mostrar de forma franca e desnuda.

## DICA DO EDITOR

*Descolonizando metodologias*, de Linda Tuhiwai Smith (Editora UFPR): Mais do que sugerir o conteúdo do livro, o título deste trabalho é uma convocação para que seja repensado o referencial metodológico usado em pesquisas com os povos indígenas. Smith critica o modo como o conhecimento científico foi instrumentalizado para servir à política imperialista europeia, apenas classificando os povos originários sem levá-los em consideração como sujeitos. A autora debate também os problemas e prioridades atualmente discutidos pela própria comunidade indígena.



## Depois de um ano

*Depois de um ano finalmente desandei a chorar  
Depois de relaxar muito o corpo e a alma  
Depois de meditar, de deixar os pensamentos virem e irem  
Depois de respirar fundo e leve e devagar  
Depois de voar sobre lugares lindos só com a mente  
Depois de desejar o melhor para o mundo, para quem eu amo e para mim mesma  
Depois de sentir a angústia deste um ano sozinha em casa  
Depois de sentir a esperança de que uma hora isso vai passar  
Depois de sentir a dor de todos nós  
Depois de respirar, respirar, respirar  
Eu chorei... muito...  
A saudade de uma pessoa querida que se foi antes destes dias difíceis  
A saudade de olhar pela janela do apartamento dela as luzes da cidade à noite...  
o silêncio... a beleza... o mistério...  
A saudade de uma época que foi boa de viver...  
Eu chorei... muito...  
Respirei... chorei... respirei... até os olhos ficarem inchados e, a alma, lavada...  
A insegurança do momento  
A incerteza do futuro  
A segurança das escolhas  
A certeza de que a vida precisa ser vivida hoje  
A incerteza de quando a vida vai acabar...  
A segurança de que quando partir, foi porque muito vivi...*

*Eu chorei... muito...  
E aí... eu escrevi...*

*E agora vou dormir,  
Porque a minha alma afita  
Pôde sair um pouco de mim  
E se aliviar e se expandir  
Nas lágrimas. Nas palavras.  
E pôde voltar viva...  
Até quando eu precisar chorar de novo...*

A pandemia tornou ainda mais claro o fato de que não controlamos nada na vida. Nem ela própria, nem a morte, nem o desejo, nem o desprezo, nem a esperança, nem os sonhos, nem os planos, nem as palavras, nem os pensamentos, nem as lágrimas, nem os sorrisos, nem o amor... nem o ódio... nem o outro... nem o nada... nem o tudo...

Portanto, não percamos a esperança. Preocupemo-nos e lutemos pelo bem-estar de todos e vivamos intensamente. Só viver importa... se deixar viver... sempre e até o sempre acabar...

Mas, por enquanto, sempre usando máscaras...

\***Thabata Caruzo** é bióloga, doutora em virologia e organizadora do LaBio Canal, página de divulgação científica no YouTube (<https://www.youtube.com/c/LaBiocanal>). Poeta nas horas vagas, e não vagas.



Ciência pra quê?

# As Humanidades e o país que queremos construir

Desqualificação e desinvestimento: um duro cenário para as Ciências Humanas. — por Clóvis Gruner\*

NO MOMENTO EM QUE o Brasil atravessa uma de suas piores crises, econômica e sanitária, o governo Bolsonaro fechou, mais uma vez, o cerco contra as universidades federais, mandando ao Congresso um orçamento para o próximo ano que, embora nominalmente maior que o de 2021, não repõe as perdas sofridas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) nos últimos anos.

O valor impacta diretamente na manutenção das atividades nas IES, dificulta o retorno presencial, previsto na maioria delas, e pode resultar, inclusive, na paralisação das atividades, pela falta de verbas para custear despesas básicas, como segurança, energia ou água.

A redução não afetou apenas as chamadas “verbas de custeio”. Os dois órgãos responsáveis pela manutenção de bolsas de pesquisa, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), também tiveram seus orçamentos drasticamente reduzidos. Apenas a título de exemplo, o CNPq sofreu uma redução orçamentária no valor de R\$ 600 milhões. Uma diminuição que agrava, ainda mais, o cenário de escassez do órgão, que vê seu orçamento decrescer, ano após ano, desde o início dos anos 2000.

Isso tudo demonstra o que o governo Bolsonaro vem deixando claro desde que tomou posse. Em linhas gerais, sob o falso pretexto de contribuir para alavancar setores com maiores potencialidades “para a aceleração do desenvolvimento econômico e social do país”, órgãos de fomento à pesquisa atualizam, em uma linguagem pretensamente mais técnica, um discurso de ampla circulação nas redes bolsonaristas, que desqualifica a importância e a contribuição das pesquisas em Humanidades.

## Um novo velho hábito

O ataque às áreas de Humanas não é novo. A ofensiva, no entanto, recrudesciu nos últimos anos e, entre outras coisas, orientou e ajudou a dar forma a políticas públicas na área de Educação, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Reforma do Ensino Médio. É ela também, principalmente, que está na origem da sanha persecutória que mobiliza e sustenta ideologicamente movimentos políticos reacionários, como o Escola sem Partido, e, mais recentemente, da insistência de lideranças políticas ligadas ao bolsonarismo na adoção do *homeschooling*.

Como agora, um dos argumentos recorrentes, além dos de ideologia mais explicitamente conservadora, sempre foi o de que nós, das Humanas, estamos em descompasso com as exigências do “mundo contemporâneo”.

A expressão é usualmente empregada como eufemismo para “mercado”. Sob essa ótica, a produção e a transmissão do conhecimento devem adequar-se, necessariamente, às exigências do “mundo prático”. Logo, disciplinas como Filosofia, Sociologia, História, Literatura, Artes, ou mesmo Geografia, além de consumirem, no ensino superior, recursos valiosos que poderiam ser investidos em outras áreas com “retorno social mais imediato”, obrigariam estudantes do ensino básico a aprenderem inutilidades.

A tendência usual é contestar essa crítica argumentando que as disciplinas de Humanas produzem um “pensamento crítico”, objeção legítima, mas insuficiente, porque nem sempre se deixa claro o que se entende, exatamente, por “pensamento crítico”. Além disso, a existência das disciplinas humanísticas não é, *per se*, garantia do desenvolvimento de uma reflexão crítica, porque é preciso levar em conta – como em qualquer outra área do conhecimento – as condições de seu ensino.

Se nos objetam que somos inúteis, porque desconectados do “mundo prático” e incapazes de dar “retorno social imediato”, parece-me fundamental que mostremos o contrário, e por pelo menos duas razões. Primeiro, porque as objeções resultam do desconhecimento, proposital ou não, daquilo que as Humanidades podem oferecer para além da formação ética e crítica que proporcionam.

Mas também, e principalmente, porque é preciso confrontar o discurso perverso que, atendendo a interesses não raro escusos, confundem utilidade com utilitarismo, e reduzem a educação básica e universitária ao papel de formar mão de obra para suprir as demandas do mercado.

## Um projeto de país

Nas universidades, são principalmente os cursos de Humanas os responsáveis pela formação de novos docentes, além de promoverem as muitas atividades de extensão, pilar responsável pela inserção da academia nas comunidades externas a ela. O conhecimento produzido pelos departamentos e cursos de Humanas também está disponível aos poderes públicos e à iniciativa privada, que nem sempre sabem – ou querem – fazer dele um bom uso. Alguns exemplos, a título de ilustração.

Disciplinas como a Sociologia, a Antropologia e a História são fundamentais para o desenvolvimento e a implantação de políticas públicas de saúde, segurança, cultura e, óbvio, educação, entre outras. A agricultura e o desenvolvimento urbano precisam das Ciências Sociais, além da Geografia. A implantação e multiplicação de círculos de leitura, bibliotecas e outros espaços e aparelhos culturais serão precárias sem os profissionais de Letras e Filosofia. A preservação da memória e do patrimônio histórico e cultural não depende apenas de arquitetos, mas igualmente de historiadores.

Lemos pouco no Brasil, mas parte significativa do pouco que se lê é fruto da comunidade de leitores formada pelo trabalho de estudantes e profissionais de Humanas. Além disso, não é nada negligenciável nossa contribuição em áreas tão distintas como a organização de arquivos, públicos e privados; pesquisas e monitoramento da opinião

pública; a produção e consultoria cultural e museológica; o mercado editorial; a comunicação (tanto o jornalismo como a publicidade); o turismo; o *design*; a moda; a produção audiovisual e o desenvolvimento de *games*, entre outros.

Mas a “utilidade” das Ciências Humanas pode ser testada até mesmo agora, frente à crise gerada pela pandemia da Covid-19. Sabermos como, em tempos passados, governos e sociedades reagiram a experiências similares à nossa, e sobreviveram a elas, pode ajudar a mitigar nosso sofrimento atual. Redes de psicólogas e psicólogos se formaram para, gratuita e solidariamente, atenderem homens e mulheres premidos pela angústia do isolamento e o medo da contaminação.

Os instrumentos de pesquisa fornecidos pelas Ciências Sociais ajudam no mapeamento mais sofisticado e completo da

proliferação do vírus, o que, mais que apenas útil, é fundamental na implementação de medidas preventivas. A Ciência Política e a Antropologia podem auxiliar governos a, passada a crise, medir seus impactos para além das frias estatísticas econômicas, analisando dados que levem em conta, por exemplo, perfis de classe, gênero e etnia.

Não restam dúvidas de que uma formação humanística é fundamental à formação de indivíduos autônomos e éticos, condição essencial ao exercício da cidadania. Mas, não menos importante, as Ciências Humanas criam as condições para inserir-se no mundo, inclusive no mundo do trabalho, de maneira crítica e criativa: não se responde aos desafios de uma sociedade cada vez mais complexa com habilidades mecânicas, limitadas a uma formação tecnicista, como pretendem os governos e os detratores da área de Humanas.

O investimento em retornos imediatos no curtíssimo prazo, justificativa oficial para as investidas contra as Humanidades e pelo enfraquecimento destas, terá um custo social e econômico altíssimo no longo prazo. O ataque às Humanidades, que integra um desmonte mais amplo, que mira a universidade, o conhecimento e a

produção científica, além de ideológico, é parte de um projeto de sucateamento do país.

“ **O ataque às Humanidades, que integra um desmonte mais amplo, que mira a universidade, o conhecimento e a produção científica, além de ideológico, é parte de um projeto de sucateamento do país.** ”



# Fim glacial

Em trecho de profunda beleza poética, físico francês apresenta a Terra e a humanidade em seus últimos momentos.  
— por *Nicolas Camille Flammarion\**

A TERRA NASCEU. Ela morrerá. Morrerá, seja de velhice, visto que seus elementos vitais serão gastos, seja pela extinção do Sol, cujos raios lhe sustentam a vida.

Poderia também morrer acidentalmente, pelo choque de um corpo celeste que a encontraria em sua rota, mas esse fim do mundo seria o mais improvável de todos.

Pode, dizíamos, morrer de morte natural, pela absorção lenta de seus elementos vitais. Com efeito, é provável que a água e o ar diminuam. O oceano, como a atmosfera, parece ter sido em eras longínquas consideravelmente maior do que em nossos dias. A crosta terrestre é penetrada pelas águas que se combinam quimicamente às rochas. É quase certo que a temperatura do interior do globo afeta a da água fervente, a dez quilômetros de profundidade, e impede a água de descer mais para baixo; mas a absorção continuará com o resfriamento do globo. O oxigênio, o nitrogênio e o gás carbônico, que compõem nossa atmosfera, parecem sofrer também uma absorção lenta. O pensador pode prever, através da bruma dos séculos vindouros, uma época ainda muito distante quando a Terra, desprovida do vapor de água atmosférica que a protege contra o frio glacial do espaço ao concentrar em torno de si os raios solares, como em uma es-

tufa aquecida, se esfriará no sono da morte. Do alto das montanhas, o lençol de neve descerá sobre os platôs e vales, exterminando diante dele a vida e a civilização e cobrindo para sempre as cidades e as nações que encontrar à frente. A vida e a atividade humana se restringirão imperceptivelmente à zona intertropical. São Petersburgo, Berlim, Londres, Paris, Viena, Constantinopla, Roma dormirão sucessivamente sob seus sudários eternos. Durante séculos, a humanidade equatorial empreenderá em vão expedições árticas



## DICA DO EDITOR

*A civilização do Ocidente medieval*, de Jacques Le Goff (Editora Vozes): Um dos melhores trabalhos sobre a Idade Média ocidental, escrito por um dos maiores especialistas do mundo no assunto. Le Goff trata desde os aspectos políticos da instalação do medievo na Europa até a cultura material e a mentalidade daquelas populações. Pode ser considerada uma pesquisa abrangente e acessível sobre um período da história humana ainda cercado de concepções e conceitos distorcidos.

\***Nicolas Camille Flammarion** (1842-1925) foi astrônomo e divulgador científico francês. Trabalhou no Observatório de Paris. Pesquisou extensamente o espiritismo.

*A Terra — Astronomia popular: descrição geral do céu*  
**Nicolas Camille Flammarion**  
Trad.: Cristian Cláudio Quinteiro Macedo  
162 p.

para encontrar sob o gelo Paris, Lyon, Bordeaux, Marselha. As linhas costeiras terão mudado, e a carta geográfica da Terra estará transformada. Não se viverá mais, não se respirará mais, senão na zona equatorial, até o dia em que a última tribo sentará, já morta de frio e de fome, na praia do último mar, sob os raios de um pálido sol, os quais chegarão então num túmulo ambulante girando em torno de uma luz inútil e de um calor infecundo. Surpreendida pelo frio, a última família humana será tocada pelo dedo da Morte, e então seus ossos serão sepultados sob o sudário dos gelos eternos.

O historiador da natureza poderá escrever no futuro: aqui jaz a humanidade inteira de um mundo que viveu! Aqui jazem todos os sonhos da ambição, todas as conquistas da glória guerreira, todos os negócios financeiros retumbantes, todos os sistemas de uma ciência imperfeita e também todos os juramentos dos amores mortais! Aqui jazem todas as belezas da Terra. Mas nenhuma lápide marcará o lugar onde esse planeta terá dado o último suspiro. Porém talvez a Terra viva ainda muito tempo, tendo fim apenas com a extinção do Sol. Nossa sorte seria sempre a mesma, na verdade (seria sempre a morte pelo frio); mas seria transferida para uma data mais distante. No primeiro caso, a natureza nos reserva certamente ainda alguns milhões de anos de existência; no segundo, é por milhões de séculos que se devem contabilizar os estágios do futuro. A humanidade será transformada, física e moralmente, muito tempo antes de alcançar o apogeu, muito tempo antes de diminuir.

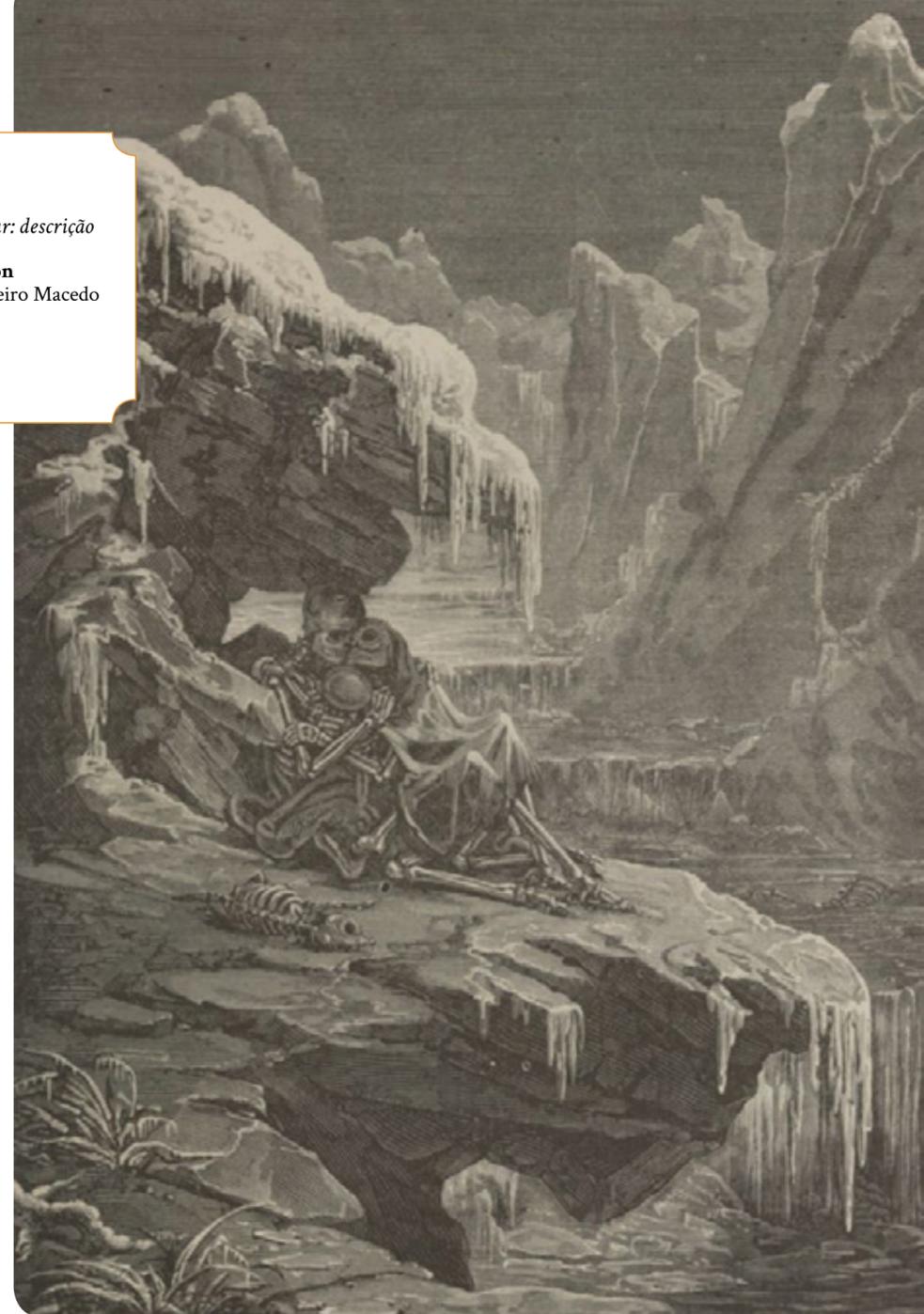


Ilustração da edição original de *Astronomia popular* mostrando o fim da Terra como uma era glacial.



## DICA DO EDITOR

*A cela enorme*, de E. E. Cummings (Editora UFPR): Conhecido muito mais por sua arte poética, o estadunidense também se aventurou pela prosa. Neste romance autobiográfico — traduzido aqui pela premiada escritora paranaense Luci Collin —, o autor reelabora o período em que esteve preso num campo de concentração francês durante a Primeira Guerra Mundial. O leitor se defrontará nestas páginas com personagens no mínimo exóticos e lerá um relato pungente sobre os infortúnios de um conflito armado.

o bicho e o vento

# PERSEGUIÇÃO CIENTÍFICA

Professora da UFPR relembra o dia em que foi atacada por uma foca na Antártica. — por *Theresinha Absher\**

## Leia mais

*Catálogo de moluscos marinhos do Museu de História Natural Capão da Imbuia (MHNCI) — Paraná, Brasil*  
**Adelinyr A. Moura Cordeiro,**  
**Augusto L. Ferreira-Junior e**  
**Theresinha M. Absher**  
 125 p.



A ESTAÇÃO ANTÁRTICA Brasileira Comandante Ferraz (EACF) fica na Ilha Rei George, Antártica. Uma das principais características da região é a variabilidade das condições meteorológicas. Quando saíamos para coleta em botes infláveis, era quando ficávamos mais expostos a essas variações. Lembro que, certa vez, nos molhamos inteiramente sob os efeitos dos fortes ventos. A estação de pesquisa mais próxima era a peruana, Machu Picchu, que nos acolheu. Como eu tinha ficado completamente molhada, a única roupa que eles podiam me emprestar era o pijama do médico. E foi vestida assim que, após esperar o tempo amainar, voltei para a nossa sede.

Várias vezes retornei das coletas deitada no fundo do bote inflável para me proteger da água que os ventos agitavam. Voltávamos para o Brasil, ao fim das Operações Antárticas (Operantar), nos navios da Marinha. Também nessas

ocasiões, o bote que me levava da estação ao navio era içado comigo dentro, e eu não tinha que subir pelas escadas que ficavam na lateral do barco.

Uma situação que poderia ter sido catastrófica aconteceu quando estávamos coletando na região entremarés. Uma foca-leopardo, que se alimenta principalmente de pinguins, veio em minha direção. Saí correndo rumo à estação, e ela, então, voltou para o mar. Mas, quando retornei para continuar meu trabalho, ela novamente veio para cima de mim. A sorte foi ter aparecido um pinguim e ela ter se interessado mais por ele que por mim, deixando-me finalmente em paz. Foi um grande susto.

Os meios de transporte que usávamos para coletar na Baía do Almirantado eram os mais variados, desde navios, lancha oceanográfica Skua e bote inflável, até mergulho autônomo.

Para chegar à EACF, era uma longa viagem. Saíamos do Rio de Janeiro num Hercules C-130, da FAB, até Pelotas, onde pegávamos as roupas especiais para enfrentar o frio da Antártica. De lá seguíamos para Punta Arenas, no sul do Chile, onde aguardávamos que as condições climáticas permitissem nossa travessia até o aeroporto chileno na Antártica. Depois, continuávamos de bote inflável ou helicóptero até o navio da Marinha que nos levava à Enseada Martel, a partir de onde um bote ou helicóptero nos deixava na EACF. Dependendo das condições climáticas, podíamos demorar até semanas para chegar ao nosso destino.

Participei durante muitos anos nas Operantar, presencialmente ou através da coordenação de projetos, tendo inclusive inverno duas vezes. São muitas memórias para relatar.

\***Theresinha Absher** é professora do Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná. Ao longo de 30 anos, foi 27 vezes à Antártica pelo Programa Antártico Brasileiro.

Cassie Matias (Unsplash)

Martin Sanchez (Unsplash)



Nesta colagem, fotos da autora durante uma de suas estadias na Antártica.

fotolivros

# Páginas em cores

Fotógrafa e pesquisadora seleciona imagens de artistas visuais que compilaram seus cliques em livro.

— por **Marina Feldhues Ramos\***

Fotolivros: (in)definições, histórias, experiências e processos de produção  
**Marina Feldhues Ramos**  
260 p.

história foi apagada pela violência colonial. É um livro sobre se conhecer, se reconhecer no outro e encontrar a ancestralidade no hoje, fora e dentro de nós. As fotografias revelam a presença do fotógrafo e, em sua maioria, possuem uma forte qualidade háptica, como se estivéssemos muito próximos de tocar nos objetos e nos corpos. Hugo se deixa guiar, e nos guia junto, pelos fragmentos, cores, detalhes, movimentos de corpo, gestos de troca e vivência da feira. Nesse fluxo, em que quase sentimos o cheiro da vida, a cor se apresenta como marcante; ela parece organizar a sequência. Em vários momentos, o detalhe visual numa foto se expande na página seguinte. O fotolivro foi autopublicado com apoio de financiamento coletivo, em 2020, e premiado no Festival Zum 2021.

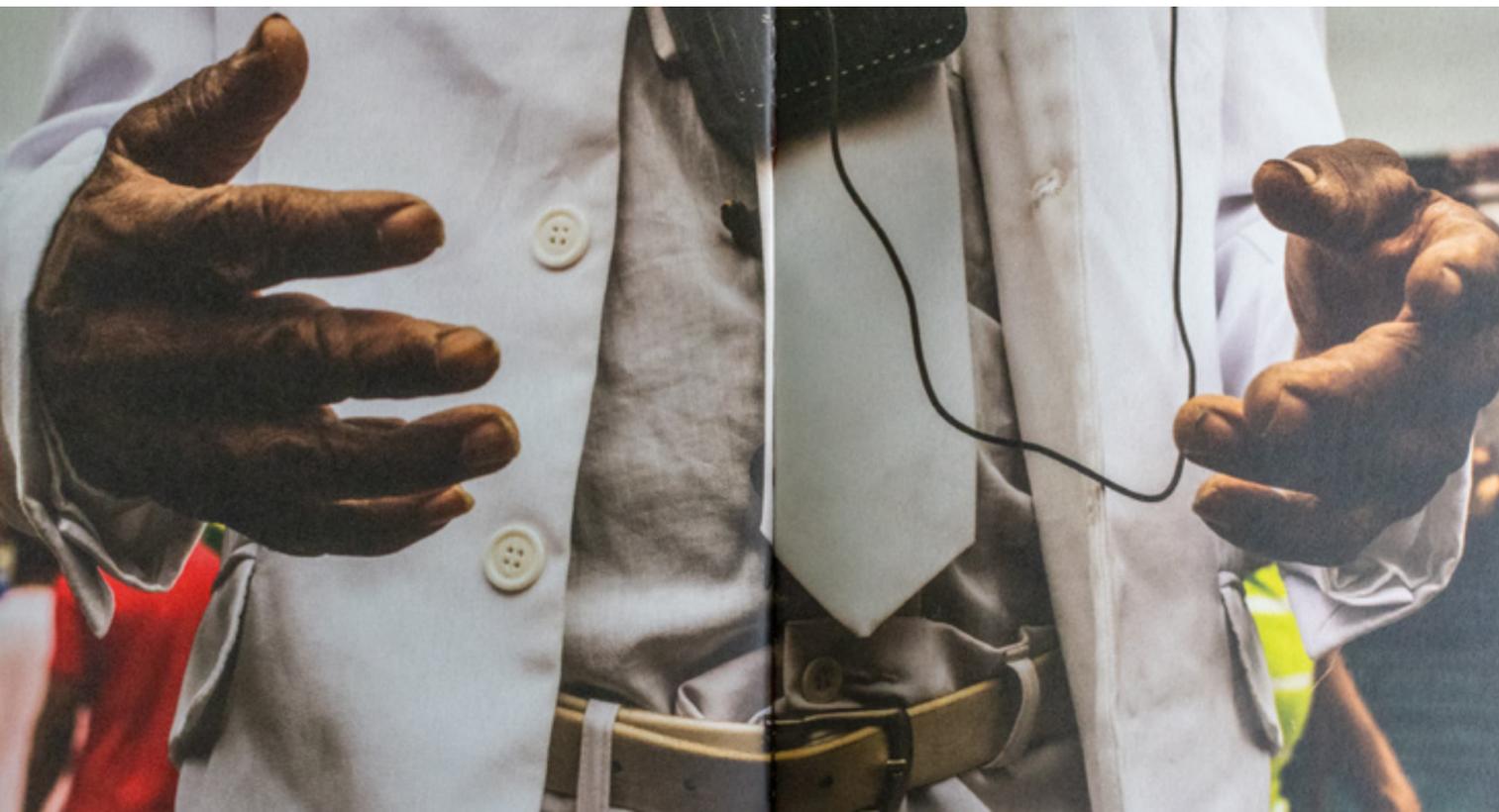
## ODU (2020), de Hugo Martins

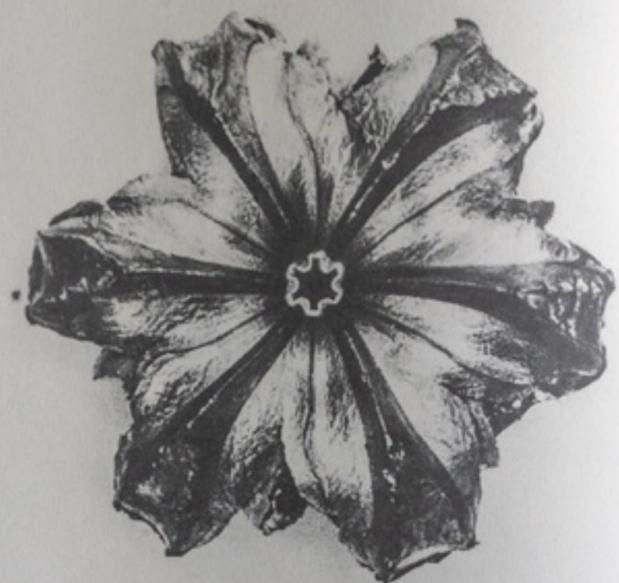
ODU narra os percursos trilhados por Hugo Martins na Feira de São Joaquim. Esses percursos são não apenas individuais e físicos, mas também coletivos: reelaboram a memória dos descendentes da diáspora africana, cuja

\* **Marina Feldhues Ramos** é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Seu fotolivro *Catálogo* participou de exposições nacionais e internacionais.

## Catálogo (2019), de Marina Feldhues

Autopubliquei o fotolivro *Catálogo* em 2019. Trata-se de uma pesquisa visual sobre espaços expositivos — sua arquitetura e regime simbólico — na relação com o corpo de nós, espectadores. Aborda também as possibilidades de contato entre o público e os próprios livros de arte. Desse modo, é, ao mesmo tempo, um fotolivro e um catálogo de obras que só existem ali. A narrativa, de certa forma irônica, se organiza como se o folhear fosse análogo ao caminhar numa mostra. Todas as imagens foram realizadas na Bienal de São Paulo do ano de 2018. Nesse sentido, como uma sinédoque, acabam por expressar a violência implícita desses ambientes, legitimados como lugares para “apreciação artística”, isto é, para ver e nunca tocar.

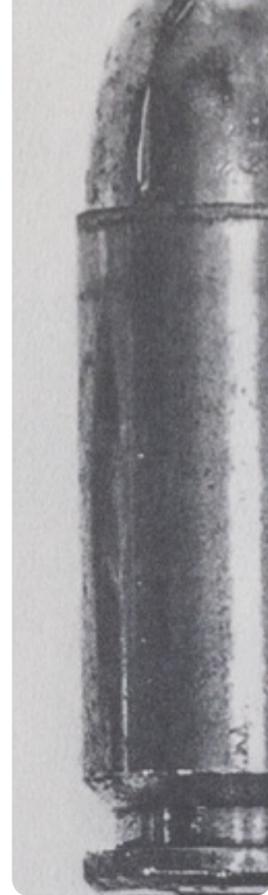




013

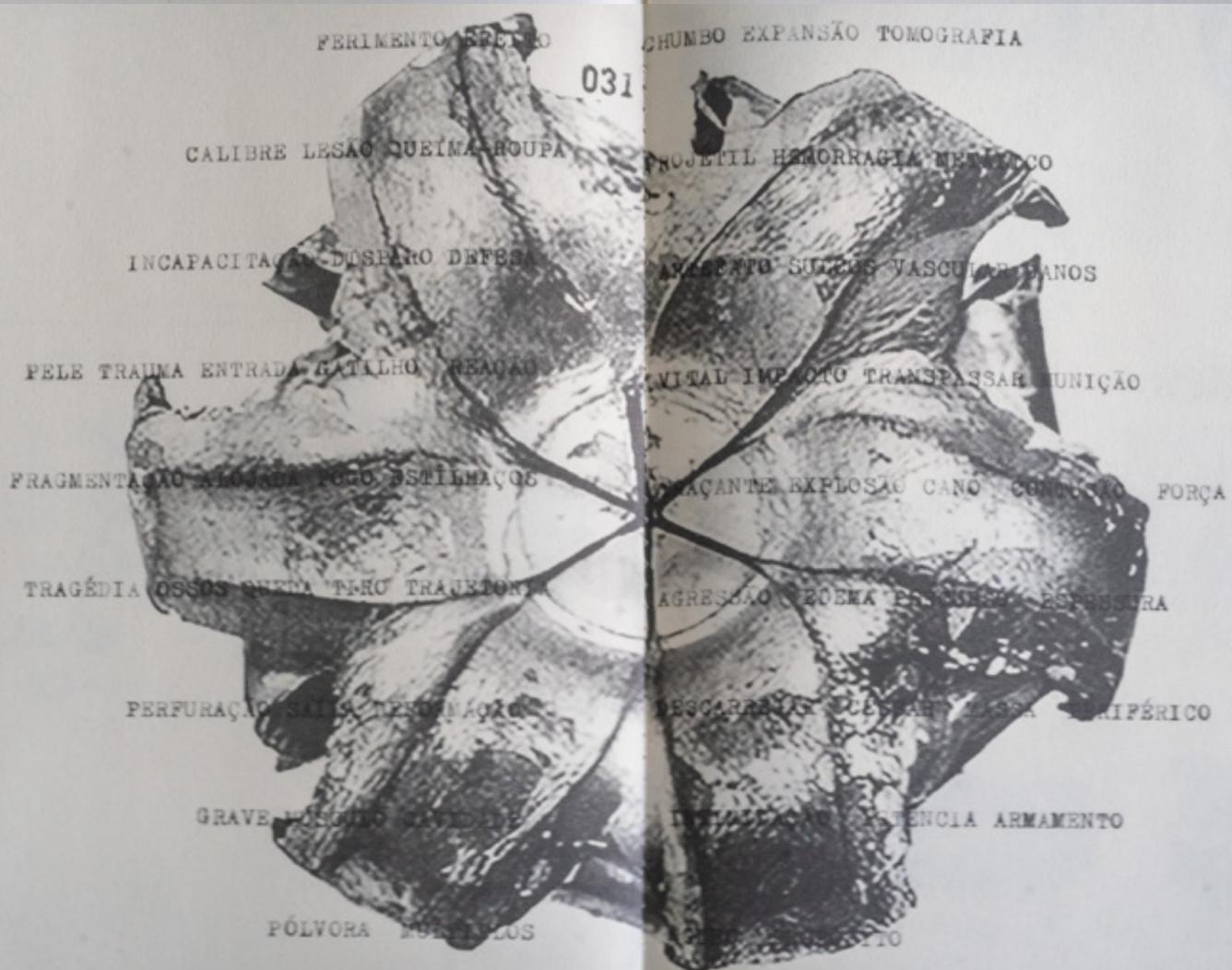


014



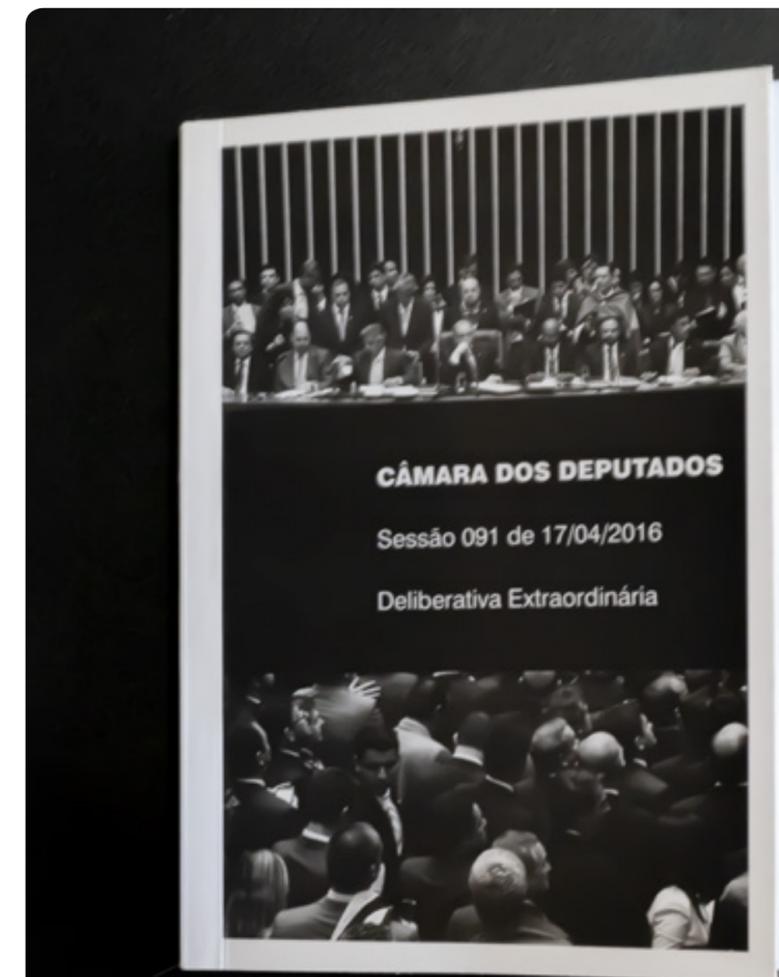
### **Pétalas (2021), de Julio Cesar Cardoso**

*Pétalas* é um fotozine contemplado com publicação pelo prêmio Lovely, do Festival Imaginária (2021). Composto de imagens tiradas da internet, parte de um paradoxo estético para nos levar a reflexões éticas sobre nossa sociedade contemporânea. A narrativa é fragmentada: o fotógrafo remonta imagens de pétalas e balas com palavras normalmente associadas à balística, termos médicos, policiais e também afetivos que acompanhavam tais imagens. O primeiro contato que tive com o livro foi de estranhamento; eu não conseguia juntar aquele formato de flor, belo, com a violência de uma bala. Pétala é o formato que a bala adquire quando encontra um corpo rígido. Questão que se revela só no final, quando somos surpreendidos pela informação. O livro ainda traz um índice de todos os *sites* dos quais imagens e textos foram retirados.



### **Câmara dos Deputados: Sessão 091 de 17/04/2016 Deliberativa Extraordinária (2016), de coletivo oitentaedois**

É um fotozine documental que produz um arquivo a partir de um evento político, a sessão que autorizou a instauração do processo de *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff. Organiza-se principalmente a partir de fotografias dos rostos dos parlamentares presentes. Como legendas, lemos o nome do(a) parlamentar e sua fala no plenário. Ao final, há o resultado da deliberação e a fala do presidente autorizando a abertura do processo. Nas últimas páginas, pode-se ver uma multidão aglomerada assistindo à votação pelo telão junto ao pato da Fiesp. Este fotozine rompe com a própria ideia ocidental de arquivo como instituição de Estado, responsável por determinar como, quando e o que deve ser lembrado.



entrevista

# KAFKA É AUSTRÍACO?

Áustria: uma história literária propõe uma separação entre as literaturas austríaca e alemã. — por **Gisele Eberspächer\***

NA TRADIÇÃO LITERÁRIA, é comum categorizar Franz Kafka, Rainer Maria Rilke ou Elias Canetti como escritores alemães. É o que fez Carpeaux, em seu clássico *Uma história concisa da literatura alemã* (Faro Editorial, 2013). Apoiando-se nas constantes mudanças geopolíticas da região e na consequente dificuldade de se classificarem esses autores em nações, se usou o termo “literatura em língua alemã” para abarcar todos aqueles que escreveram na língua, independentemente de sua localização geográfica.

Mas essa inclusão não acontece sem problemas. Segundo os pesquisadores Klaus Zeyringer e Helmut Gollner, autores do livro *Áustria: uma história literária*, essa é uma simplificação problemática, já que o desenvolvimento cultural e histórico da Áustria é muito diferente do alemão e os próprios períodos literários, como Classicismo, Romantismo ou Naturalismo, nem chegaram a acontecer no vizinho ao sul. É daí que decorre a proposta do livro: abordar uma história literária austríaca, que leve em consideração essas diferenças e insira os escritores em um recorte diferente do tradicional, permitindo novas interpretações e contextualizações de suas obras.

Em uma entrevista concedida por e-mail, os pesquisadores contam sobre o processo de pesquisa, a posição teórica que adotam e os motivos pelos quais acreditam que uma história literária austríaca difere de uma alemã.



O escritor austríaco Peter Handke, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 2019. (Wild + Team Agentur - UNI Salzburg)

**Vocês escreveram um livro sobre literatura austríaca, então partem do pressuposto de que existe uma (história da) literatura austríaca, que é diferente da alemã e da suíça. Vocês diriam que essa pode não ser uma opinião compartilhada por muitas pessoas? Por quê?**

**ZEYRINGER** — Já organizei quatro convenções com Wendelin Schmidt-Dengler e Johann Sonnleitner sobre isso em Angers, na França; o resultado da convenção foi publicado pela editora Erich Schmidt, em Berlim. Além disso, escrevi sobre isso em um capítulo introdutório de 20 páginas no livro *Österreichische Literatur seit 1945* [ainda não publicado no Brasil; *Literatura austríaca desde 1945*, em tradução livre] e no *Áustria: uma história literária*. Mas para resumir: o que diferencia e torna a literatura austríaca compreensível é o contexto específico da Áustria, com sua própria história e desenvolvimentos sociais e culturais. A existência de uma anexação da literatura austríaca em um conceito mais amplo de literatura alemã, feita principalmente por parte dos meus colegas alemães, e os motivos pelos quais isso aconteceu são o tema de dois capítulos do livro *Österreichische Literatur seit 1945*. Mas também para resumir: o método de anexação da literatura austríaca não é, de maneira alguma, defensável, nem cientificamente, nem cultural, literária ou historicamente. É fundada puramente na ideia de uma “nação linguística”, que nunca existiu, tornando-se facilmente um imperialismo cultural para afirmação de um centro e uma periferia, portanto uma afirmativa falsa. Fazer história literária é analisar e apresentar a arte linguística em seu contexto, naturalmente com todas as suas conexões e relações internacionais.

**GOLLNER** — Sim, me surpreendo com essa característica da literatura austríaca, uma vez que já se fala há décadas sobre isso em palestras e seminários de especialistas austríacos. Mas, claro, os tempos mudam a resposta para a sua pergunta, que precisa ser considerada novamente (quando falamos,

por exemplo, de literatura contemporânea). No prefácio de *Áustria: uma história literária*, resumi rapidamente as diferenças entre a literatura austríaca e a literatura alemã. Uma diferença histórica e social, assim como de desenvolvimento cultural e intelectual dos países. A esquematização das épocas literárias da literatura alemã (Iluminismo e Classicismo, do Romantismo ao Naturalismo) oferece pouco em termos de compreensão para Stifter, Grillparzer ou o Teatro Popular Vienense e assim por diante. Quando se quer estender isso para o presente, então a tendência anti-iluminista chama a atenção. Nem [Thomas] Bernhard, nem [Ernst] Jandl ou [Elfriede] Jelinek acreditam em algo como a verdade ou a razão. Nem [Peter] Handke. No epílogo, tentei amarrar essa diferença com a figura bastante alemã do Fausto, que procura, encontra e pratica o pecado. A diferença é flagrante (ceticismo



O dramaturgo e ator Johann Nestroy interpretando o personagem Kneriem na peça Lumpazivagabundus em 1866. (Autoria desconhecida)

\***Gisele Eberspächer** é jornalista, tradutora, doutoranda em estudos literários pela UFPR e crítica literária desde 2012. Tem o canal Vamos falar sobre livros?, no YouTube.

Áustria: uma história literária  
Klaus Zeyringer e Helmut Gollner  
Trad.: Ruth Bohunovsky  
965 p.



O escritor Franz Kafka (extrema direita) chega com a família na atual Špindlerův Mlýn, cidade na República Tcheca, em 1922. (Autor desconhecido)



Atriz se apresenta na peça Die Schutzbefohlenen, escrita por Elfriede Jelinek e dirigida por Michael Thalheimer, no Burgtheater de Viena, em 2015. (Christian Michelides)

com o sistema de pecado, anti-humanismo afetivo, recusa do pecado e seu otimismo). Quem briga contra um caráter próprio da literatura austríaca normalmente vem da Alemanha e cultiva uma postura imprudentemente hegemônica.

**Desde quando se pode falar de uma literatura austríaca? E por que esse é o ponto inicial da literatura austríaca?**

**ZEYRINGER** — No mais tardar a partir do começo do século XVIII, quando a administração dos Habsburgos decidiu transformar um reino disperso num *totum*, mas, como apresentamos em *Áustria: uma história literária*, de certa maneira já começa a partir de 1650. Naturalmente não demos um ponto inicial de partida, mas mostramos o surgimento — de maneira diferente dos outros espaços de língua alemã — de um ambiente cultural e de uma constituição literária.

**Existe alguma relação entre a literatura austríaca e o Brasil? Se sim, qual?**

**ZEYRINGER** — Provavelmente pouca, começando pela [Imperatriz] Leopoldina e pelos intelectuais que vieram com ela da Áustria. Depois, temos os exilados como [Stefan] Zweig, [Paul] Frischauer, ainda [Otto Maria] Carpeaux e depois [Robert] Menasse. De interesse, por exemplo, é uma palestra sobre literatura austríaca que Paul Frischauer deu (acho que em 1944) no Rio de Janeiro, na Academia de Letras. **GOLLNER** — Ruth Bohunovsky [tradutora do livro *Áustria: uma história literária*]. Fora ela, sei muito pouco.

**Qual foi a motivação de vocês para escrever esse livro? E quanto tempo precisaram para terminar o projeto?**

**ZEYRINGER** — Não havia nenhuma história literária como fizemos; apenas, em intervalos quase regulares, discussões e debates sobre o que e como era a literatura austríaca. Vi como uma obrigação lidar com um projeto assim. Depois que falhou uma primeira tentativa com Schmidt-Dengler e outros, felizmente encontrei um ótimo parceiro de trabalho em meu amigo Helmut Gollner, que assumiu as seções que seriam desconfortáveis para mim. Sem ele, não teria conseguido — não teria nem mesmo começado. É difícil responder quanto tempo o trabalho demorou, já que o esforço preliminar (os quatro volumes com Schmidt-Dengler e Sonnleitner) iniciou em meados da década de 1990 — e na verdade desde que comecei a ler. O processo de colocar tudo no papel demorou cerca de dois anos.

**GOLLNER** — Motivação? Em primeiro lugar, há muito considero uma história literária austríaca absolutamente necessária, ou seja, uma história literária que explicasse coisas austríacas e contextos austríacos. Em segundo lugar, eu já tinha pesquisado muito sobre [autores] austríacos. Em terceiro lugar, eu gostava particularmente dos autores pelos

quais o Klaus estava menos interessado. E a tolerância de Klaus. Levei dois anos e aproveitei o tempo para realmente me envolver com os autores (por exemplo, ler 30 peças de [Johann] Nestroy de uma vez).

**De uma maneira geral, no livro vocês refletem sobre a construção de um cânone literário, principalmente no que se refere à literatura austríaca. Como vocês veem as discussões atuais sobre o cânone (como no caso dos mecanismos de inclusão e exclusão de autoras e assim por diante)?**

**ZEYRINGER** — O primeiro volume preparatório que fiz com Schmidt-Dengler e Sonnleitner apresenta a questão do cânone com bom embasamento. É de fundamental importância tanto para a história literária quanto para o cenário literário atual. É por isso que na história literária apresentamos o capítulo “Campo literário, valores estéticos”.

**Quais escritoras ou escritores austríacos vocês consideram mais importantes? Por quê?**

**ZEYRINGER** — Eu não gosto desse tipo de lista limitadora, que vejo como um fenômeno do cânone e as considero, ao menos para mim, pouco significativas. E os esclarecimentos vão ser igualmente limitadores. Mas se você me perguntar quem mais gosto de ler ou ver no palco: [Johann] Nestroy, Karl Kraus, Joseph Roth e todos os meus grandes amigos e amigas...

**GOLLNER** — Adalbert Stifter, Franz Kafka, Ernst Jandl, Werner Schwab, Lydia Mischkulnig. [Nestroy, Stifter, Schwab e Mischkulnig ainda não tiveram obras publicadas no Brasil.]

**Como foi para vocês ter o livro traduzido e publicado no Brasil?**

**ZEYRINGER** — Ótimo, maravilhoso e muito incrível.

**GOLLNER** — Incrível e, claro, agradável. Um grande abraço para Ruth!



poema

# clockwise

Por que escrevo poemas? O que faço com esse reconhecimento do desejo inalcançável de mudar o mundo? — por **Thássio Ferreira\***

naquele domingo eu fazia exatamente três semanas de isolamento (embora eu não saiba ainda se isto é relevante ao poema) e assistia um vídeo pretensamente despretensioso num recém-descoberto canal do youtube movendo-me pelo apartamento: lavando a louça, estendendo a roupa no varal recém-(mal) consertado — inclinando-se como um julgamento moral de minha incompetência sobre a área de serviço —

quando

o homem no vídeo citou Lacan dizendo que o processo psicanalítico é uma travessia entre o desejo de reconhecimento e

o reconhecimento do desejo enquanto eu escovava os dentes (o que talvez seja ainda menos relevante ao poema)

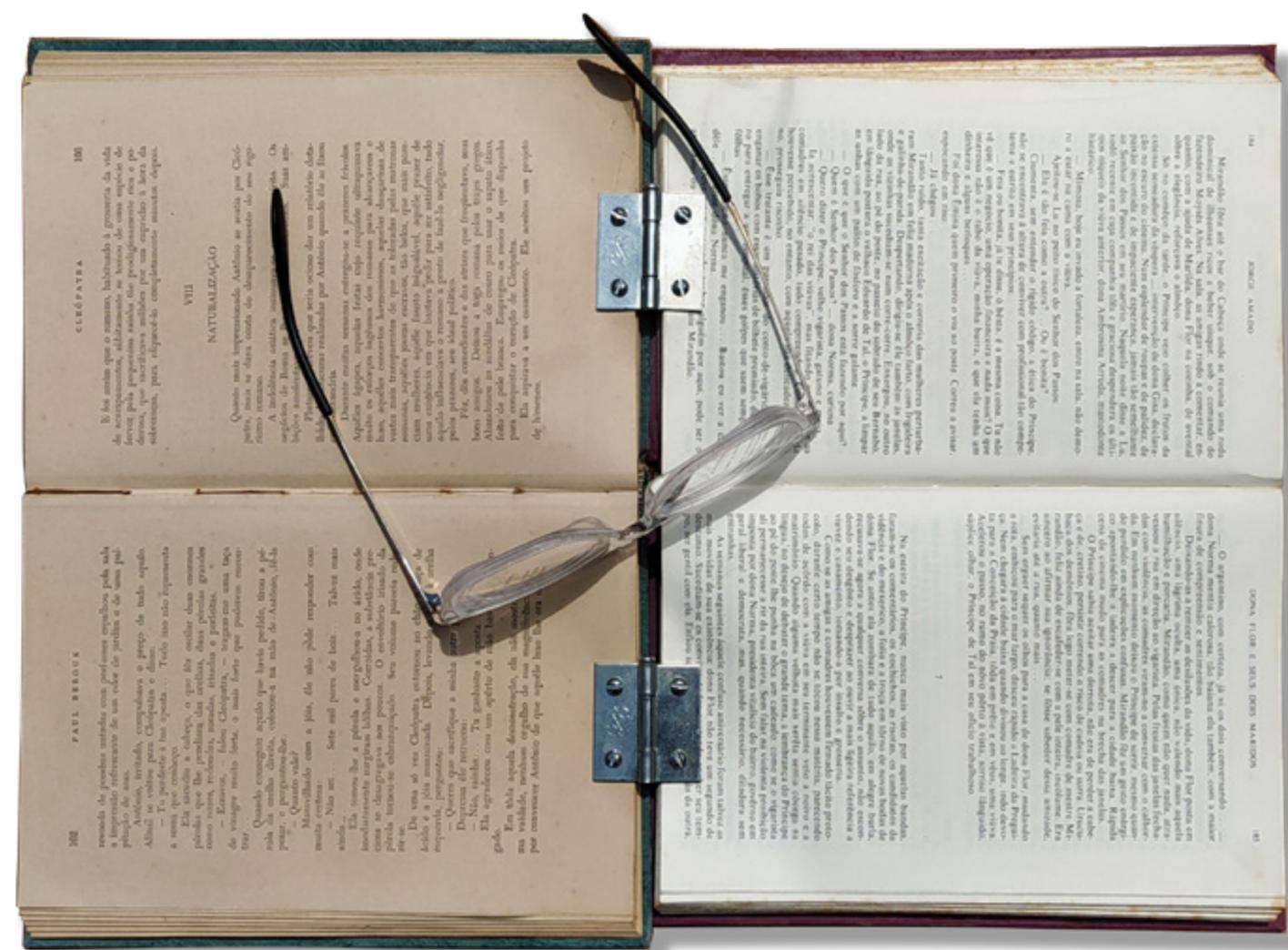
e como

se eu tivesse retornado à infância dos quatro anos em travessia-relâmpago *counterclockwise* disparei a mim mesmo questionamentos como: por que escrevo poemas? por que eu transo? o que faço com esse reconhecimento (que me oprime tanto) do desejo inalcançável de mudar o mundo?

### Leia mais

*Itinerários*  
**Thássio Ferreira**  
176 p.

\*Thássio Ferreira é poeta e advogado. Publicou *Itinerários* (2019), vencedor do I Concurso Literário Editora UFPR.



O livro impossível (2016), por Dau: obra composta por livros, dobradiças e porcas, 30x21 cm.

(por que não consigo fazer as pazes com meus *inalcances* e *desconseguiementos*?) e ao mesmo tempo em que acendia um incenso por ter lido uma notícia de que no Reino Unido várias pessoas com o vírus haviam perdido o olfato sem apresentar outros sintomas (eu carregava o vídeo pela casa no laptop) o homem na tela disse que a definição de desejo para Freud é a busca por um retorno a uma situação de prazer: o desejo é uma memória que evidentemente (isto digo eu)

nunca vai se repetir nos exatos mesmos termos — ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, se sairmos da psicanálise em travessia (*counterclockwise*) à filosofia antiga e talvez então o meu desejo (ou meus desejos) seja(m) retorno à memória de quando eu desejava (algum simples, mundano superficial) reconhecimento? por isso faço poemas? por isso transo? e por que (então) sigo (*inalcançando*) querendo mudar o mundo (e a mim mesmo)?



## DICA DO EDITOR

*A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*, de Florestan Fernandes (Contracorrente): Há muitos anos fora de catálogo, este estudo do sociólogo paulistano é um marco da área por olhar de maneira inovadora para as especificidades do desenvolvimento capitalista no Brasil. Ele mostra como as transformações econômicas e suas respectivas consequências sociais aconteceram numa chave autocrática, mesmo em tempos democráticos, mantendo ao longo das décadas as graves desigualdades que todos conhecemos.

conto

# O CICLO DAS COISAS

Dessa vez, o feijão vai realmente germinar do chumaço de algodão. É só esperar. — por *Mauro Guidi-Signorelli\**

## Leia mais

*Bifurcação*  
Mauro Guidi-Signorelli  
127 p.



NEM O PACOTE DE FEIJÃO sob a pia da cozinha escapou à sanha que me tomou naquela madrugada, mas primeiro foram os livros. Poupei os dois volumes do Dom Quixote pra quem sabe um dia, enchi três sacolas com o resto da estante e arrastei pela escada. Deixei na calçada. De volta pra casa, saqueei a cômoda ao lado da estante. O armário no banheiro. O armário sob a pia da cozinha. O guarda-roupas. Enchi e arrastei e empilhei sacolas na calçada até me deparar com uma senhora, luvas de lavar louça nas mãos e o telefone feito farol sobre as coisas que não eram mais minhas. Sem máscara. Deixei a última sacola na cadeira que tinha sido do porteiro e subi as escadas de dois em dois. Tranquei a porta de casa, agarrei o travesseiro e me fechei dentro do guarda-roupas, quase vazio. Tempos estranhos. Pra todo mundo.

Acordei tarde e com fome.

Na cozinha, contra o bege do chão de azulejos, avistei um cisco preto. Rato, pensei. De novo. Mas não.

Olhando de perto é só um feijão.

Um fugitivo do saco que passou anos no armário sob a pia, a feijoada que eu nunca cozinhei, que não precisava mais cozinhar, e que agora era responsabilidade da senhora insone de luvas de lavar louça. Promessa,

responsabilidade e cisco. O ciclo das coisas, e eu ali — de joelhos, o rosto inchado, os cabelos em batalha. Estudando feijão no chão da cozinha.

Dicotiledônea.

Tarefa simples: molhar um chumaço de algodão, plantar um feijão, pôr no sol, deixar germinar, crescer e trazer pro professor junto com o relato dos acontecimentos. A classe toda tirou A, menos eu. Meu feijão não aconteceu.

Nem o feijão nem nada que tenha dependido da minha responsabilidade até hoje.

Minha responsabilidade: a viagem mais curta da promessa ao cisco.

Até hoje.

Corro pro banheiro mas não acho o pacote de algodão, purgado na madrugada com os remédios e o resto dos armários. Cogito papel higiênico — molhado e embolado deve dar, mas está pra acabar...

O guarda-roupa. O travesseiro!

Corro pro quarto e arranco um chumaço do forro do travesseiro.

Na pia da cozinha, molho o chumaço de travesseiro até empapar. Enfio no fundo de um copo. Planto o feijão no chumaço no copo. E puxo uma cadeira.

A acreditar nos relatos dos meus colegas, uma hora o feijão vai abrir e dele vai despontar um tentáculo. O tentáculo vai enraizar no chumaço úmido. Vai levantar o feijão no rumo do sol que lambe a pia. Um par de folhas vai brotar do meio do feijão, vai crescer, vai abrir. Outro par de folhas vai seguir. Talvez mais outro.

Dessa vez o feijão vai acontecer. Prometo.

E quando o copo ficar pequeno e a casa ficar pequena, a gente pode descer pra rua. Pra avenida. Descer pro canteiro no meio da avenida e cavar. Um buraco, com as mãos, bem ali, bem no meio da avenida. No meio disso tudo.

É só esperar.



## DICA DO EDITOR

*Bifurcação*, de Mauro Guidi-Signorelli (Editora UFPR): O vencedor do II Concurso Literário Editora UFPR transita, como escreve Francisco R. S. Innocêncio na apresentação, “por temas difíceis como a solidão, a irrealizabilidade do desejo, a inexorabilidade da morte ou a fragmentação da individualidade com surpreendente humor e leveza”. Em dez narrativas curtas, o livro é uma viagem para dentro do ser humano contemporâneo ao mesmo tempo hiperconectado e solitário.



Feijão guandu antes de amadurecer completamente (Ahlan Dias).

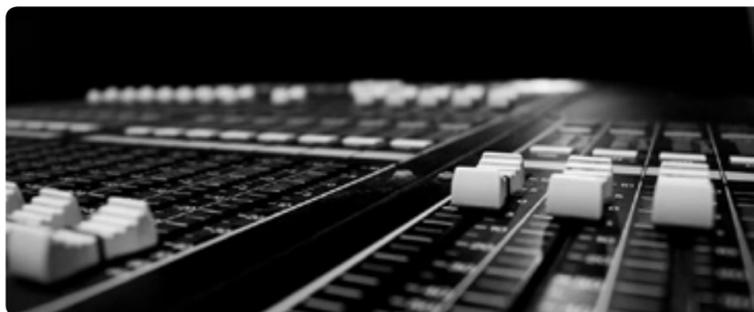
som de cinema

# ESCUTANDO OS OUTROS

Quem quer trabalhar com edição sonora no cinema precisa ter conhecimentos sólidos de áudio e música, mas o principal talvez seja aprender a colaborar. — por **Débora Opolski\***

## Leia mais

*Edição de diálogos no cinema: a fala cinematográfica como um elemento sonoro*  
**Débora Opolski**  
250 p.



VÁRIOS PROFISSIONAIS trabalham juntos para criar a trilha sonora de um filme. Neste texto, vou falar sobre aqueles que lidam com o som na etapa da pós-produção. Quais são as habilidades que precisam ser desenvolvidas para desempenhar as funções do artista de *foley*, do editor de som, do *sound designer*, do diretor de som, e até mesmo do mixador? Como obter essa formação? Onde procurar esse conhecimento? Uma pessoa que queira atuar na área precisa adquirir conhecimentos sobre áudio, audiovisual, e sobre os processos e procedimentos que compreendem a realização de uma obra audiovisual.

O audiovisual é uma forma de expressão criada pela articulação entre o

som e a imagem, e não pela soma desses dois elementos. Compreendê-lo como soma é um erro, porque implicaria pensar que entender de som e música é suficiente para realizar um trabalho sonoro audiovisual. E isso não é verdade.

Vou usar minha experiência como exemplo. Fiz minha graduação em música, com uma habilitação que se chamava produção sonora, na UFPR. Durante a faculdade, fiz o estágio obrigatório em um estúdio chamado 1927 Áudio, que trabalha com som para cinema aqui em Curitiba. Ali descobri que a trilha é composta de vários elementos e que a música é apenas um deles. Também descobri que, para trabalhar

com som, eu precisaria reorganizar minhas ideias sobre criação sonora. Aprendi que os componentes que criam a estrutura de uma trilha sonora são essencialmente audiovisuais, e não sonoros.

Tornei-me professora para trabalhar justamente com essa formação: a dos profissionais editores e mixadores de som.

No contexto brasileiro, é preciso lembrar que os cursos de cinema e audiovisual são recentes. O som para audiovisual como disciplina integrante desses cursos, sejam eles parte do ensino formal ou do não formal, é algo mais novo ainda.



## Saiba mais

O livro *Edição de diálogos no cinema* aborda a performance vocal sob a perspectiva da sonoridade. A voz é apenas um dos elementos que compõem a trilha sonora do audiovisual. Além das vozes, temos outras sonoridades, como os sons ambientes, os efeitos de ambiente, os *foleys*, os *hard-effects*, os *sound effects* e a música.

\* **Débora Opolski** é professora do curso de licenciatura em artes da Universidade Federal do Paraná. Trabalhou na edição de som dos filmes *Dois filhos de Francisco* (2005) e *Tropa de elite* (2007), entre outros.

## Leia também

Mais detalhes sobre os elementos que compõem a trilha sonora no audiovisual estão no terceiro capítulo de:

*O som do filme: uma introdução*  
**Rodrigo Carreiro (org.)**  
Débora Opolski, João Baptista Godoy de Souza e Rodrigo Carreiro (textos)  
223 p.

Isso significa que uma grande parte dos profissionais não teve formação acadêmica de som para audiovisual. Isso não é necessariamente um problema, mas também por causa dessa conjuntura acredito ser mais interessante falar sobre os conhecimentos e as habilidades que são úteis para um profissional da área.

Entendendo que um profissional do som deve elaborar o conceito sonoro da obra, bem como tratar da sua realização, que compreende, em essência, captação, edição e mixagem de som. Destaco três grandes campos que precisam ser relacionados.

O primeiro consiste em adquirir conhecimentos sólidos sobre áudio básico, através de uma experiência de educação sonora. Nessa primeira etapa, é importante aprender a lidar com as questões técnicas da prática e com equipamentos e *softwares* de gravação e manipulação sonora. Porém essa prática precisa estar vinculada a experiências de audição. A expansão das formas de escuta por meio de exercícios de treinamento auditivo é imprescindível para que tarefas de gravação e manipulação de som possam ser desempenhadas mais adequadamente.

O segundo trata de adquirir conhecimentos musicais: conhecer processos de criação e composição musical diversos. Esse campo é importante para o profissional que pretende trabalhar com a criação musical, mas, ainda que esta não seja sua ideia central, acredito que os conhecimentos exclusivos da música enquanto expressão artística são excelentes pontos de partida para o pensamento criativo que envolve todos os elementos da trilha sonora.

Por fim, como último campo, é imprescindível elaborar um pensamento audiovisual que não dissocie o som da

imagem. Nessa frente de aprendizado, é necessário sintetizar os conhecimentos dos dois eixos anteriores na prática da criação sonora articulada com a imagem. Para isso, é preciso compreender todo o fluxo dessa obra multiautoral, desde a fase de elaboração do roteiro, passando pela gravação de som e imagem no *set*, a montagem de imagem e a edição de som, até as etapas de finalização da obra. Isso não significa que é necessário se atentar aos detalhes que envolvem todos esses processos, muito menos saber executar essas tarefas. Porém é

“ **Talvez compreender e saber se relacionar com a essência da multiautoria da obra audiovisual seja tão ou mais importante do que saber sobre os processos de criação que envolvem as relações entre som e imagem.**

relevante saber como eles acontecem, porque o som é um dos elementos criados e modelados, em maior ou menor proporção, durante todas essas fases.

Aí vem a pergunta crucial, com muitas possibilidades de variação sobre esse tema: qual curso você recomenda? Ou: onde eu aprendo isso?

Poderia citar as graduações da UFPR (inclusive o curso de licenciatura em artes, no qual atuo); poderia falar do bacharelado em cinema e audiovisual da Unespar; ou do curso técnico em pro-

dução de áudio e vídeo do IFPR, apenas para mencionar as instituições públicas e gratuitas na região de Curitiba. Porém, além de ser necessário considerar a prática profissional como uma parte importante da área, acredito que essa formação é mais ampla e diversa e pode ser adquirida pela soma e confluência dos caminhos traçados individualmente.

Para finalizar, quando tive a oportunidade de entrevistar dois profissionais do som de Hollywood, Midge Costin (que foi minha orientadora de doutorado-sanduíche na USC) e Douglas Vaughan, perguntei quais eram as capacidades essenciais para trabalhar com pós-produção de som e com gravação de som direto. Entre algumas das competências citadas, a que mais me chamou a atenção foi a de trabalhar em grupo, de forma colaborativa, desenvolvendo habilidades interpessoais. Ou seja, talvez compreender e saber se relacionar com a essência da multiautoria da obra audiovisual seja tão ou mais importante do que saber sobre os processos de criação que envolvem as relações entre som e imagem.

## + Entrevista

Leia a conversa entre a professora Débora Opolski e os profissionais Midge Costin e Douglas Vaughan, que trabalham com som de cinema em Hollywood:  
<https://rebeca.emnuvens.com.br/1/article/view/250>

trecho

# O corpo no texto

Obra repensa nossa relação com a literatura por meio de conceitos como afeto e presença. — por **Ligia Gonçalves Diniz\***

Imaginação como presença:  
o corpo e seus afetos na experiência literária  
**Ligia Gonçalves Diniz**  
305 p.



A vinha (1860-1863)/Charles Francois Daubigny

ESTE LIVRO PARTE da certeza — ou seria melhor escrever “intuição”? — de que a leitura de um texto literário devotada à busca por um sentido secreto, por uma alegoria social, histórica ou mesmo ontológica, é uma leitura incompleta, porque, se lhe sobra razão, lhe falta alma, e principalmente lhe falta corpo, esse nosso liame bruto com o universo.

O corpo — o estar, substancialmente, neste mundo — é o centro de irradiação dos capítulos que compõem este longo ensaio. Desejo entender como a leitura literária pode possibilitar (disparar, inflar, preencher, redimir) nossa conexão com o mundo das coisas e nosso lugar cosmológico. O corpo não como casca aprisionadora da alma, no sentido cristão, mas como exercício dessa alma, entendida como nossa substância, no sentido aristotélico: aquilo que é a forma que atualiza o potencial da matéria, o que nos permite nos diferenciar dos outros, e mudar, permanecendo os mesmos.

Recorro à imagem heideggeriana de uma *volta para casa* para ilustrar a reconexão com o mundo material, por uma dimensão da experiência consciente que ainda não se

“**Porque pensar afetos é sempre ansiar por uma intensidade volátil e perdida, a fenomenologia dos afetos tem sempre como objeto a nostalgia dessas sensações e emoções, e não os afetos em si mesmos.**”

dissipa ou resolve em interpretação. Essa imagem inspira o *capítulo 1*, em que, buscando uma conceitualização para essa dimensão, lanço as bases para a proposta de um nível da experiência da leitura literária que não se funda no paradigma sujeito/objeto.

Como não se pode pensar em um contato físico com o mundo via texto literário — uma modalidade artística necessariamente intelectual —, desenvolvo a noção fundamental de *afetos*, que entendo como a dimensão das emoções e das sensações. Essa noção é formulada, no *capítulo 2*, a partir da tensão entre os conceitos de consciência, autoconsciência e atenção, que produzem estados reflexivos e não reflexivos, mas também, frequentemente, estados híbridos, em que os afetos se manifestam. Com isso, questiono a possibilidade de tratar dos afetos a partir de uma abordagem fenomenológica husserliana, em que são

Henrik Donnestad/Reprodução

pensados sempre em seus instantes de retenção, ou seja, quando transformados em objetos da autoconsciência. Porque pensar afetos é sempre ansiar por uma intensidade volátil e perdida, a fenomenologia dos afetos tem sempre como objeto a nostalgia dessas sensações e emoções, e não os afetos em si mesmos.

Uma *impossível fenomenologia dos afetos* disparados pela leitura na imaginação é o que começo a pôr em prática no *capítulo 3*. Uma impossível fenomenologia, ou uma antifenomenologia: uma defesa do caráter fluido, de evento-potência, daquilo que, da experiência viva, não resiste à redução fenomenológica; um elogio do que não se pode pôr entre parênteses, suspenso da nossa relação cúmplice com o mundo, sob pena de tornar-se apenas uma sombra do real. Merleau-Ponty defendia, contra o imperativo do cogito cartesiano, que a fenomenologia, a contrapelo, voltaria ao mundo, este que “está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele”, antes que se proceda a uma reflexão.

Pois é o que resiste à redução o que me interessa aqui: o que não pode ser descrito sem se converter em sentido, perdendo sua singularidade *alógica*, e sim se acumula não apenas como um excedente de vida a ser transmutado em nostalgia — e, então, em um desejo perene de repetição e redenção —, mas também como uma ampliação de uma relação com o mundo que escapa à ideia convencional de representação. Nesse contexto, a noção de presença funciona como lume para se pensar em seus efeitos na dimensão da consciência em que se interpenetram imaginação e memória, com suas imagens, cheiros, texturas e sons, disparados como fugazes instantâneos *quasi* alucinatórios. Essa fluidez da consciência é o tema do *capítulo 4*, no qual dialogo, entre outros, com Jean-Paul Sartre, Paul Ricoeur e Cornelius Castoriadis, para propor que, no interior imediato da experiência de leitura, produz-se intensidade precisamente pela confusão entre o percebido e o imaginado.

No *capítulo 5*, o último do tronco fundamental do livro, lanço a questão: é possível repensar a noção de representação de modo a abarcar uma relação com a realidade que não se reduza à separação entre sujeito e objeto — uma relação que seja mais sentida, ou intuída, do que pensada? Ainda sem pretender respondê-la definitivamente,



Garota com flores na grama /Jacob Maris (1878)/Rijksmuseum

vamente, apresento uma reflexão sobre dois autores que me parecem forçar os limites da representação: Luiz Costa Lima, com sua noção de representação-efeito e seu trajeto de recuperação do conceito de *mimesis*; e Wolfgang Iser, para quem a força da leitura de literatura, como jogo, performance e emergência, está em que o ser humano pode, por meio dela, vivenciar seus outros possíveis e apropriar-se deles.

Encerro o livro com um desfecho em duas partes. Na primeira, faço um apanhado das questões discutidas e evoco outras formas de pensar a consciência e a relação com o mundo que não as convencionalmente associadas ao ser humano moderno. Desdobro-as, então, para propor que uma resistência ao império do sentido é uma ferramenta para defender a força da literatura — uma força que, posta em movimento, significará um desejo de retorno às páginas. Em seguida, faço um convite ao compartilhamento de experiências imaginativas. Você, leitor ou leitora, é chamada ou chamada a ler trechos selecionados de obras que me comoveram e a deixar-se levar por elas, para depois deixar-se também levar pelo que delas ficou em mim.



## DICA DO EDITOR

*O romance de Tristão*, de Bérroul (Editora 34): Enfeitiçados por uma poção mágica, o cavaleiro Tristão e a rainha Isolda se apaixonam perdidamente e precisam manter essa relação proibida longe do rei Marco, da Cornualha, de quem são, respectivamente, sobrinho e esposa. Mas, claro, nem tudo sai como o planejado, e Bérroul, autor sobre o qual quase nada se sabe, apresenta em 4485 versos cenas empolgantes de prisões, fugas, juramentos traídos, flagras e golpes do destino. Traduzida pelo professor Jacyntho Lins Brandão a partir do francês do século XII, a obra faz parte do ciclo arturiano, com histórias de cavalarias igualmente cheias de aventura e reviravoltas fantásticas.

\***Ligia Gonçalves Diniz** é doutora em literatura pela Universidade de Brasília. O livro *Imaginação como presença* ganhou o primeiro lugar na categoria Ciências Humanas do Prêmio Abeu 2021.

em busca das origens

# A bordo do Beagle

Leitura surpreendente, diário de Charles Darwin é documento precioso sobre sua viagem mais importante.

— por **Caetano Galindo\***

EM 1831 O JOVEM Charles Darwin, de 22 anos de idade, estava sem grandes rumos na vida. Incerto entre a carreira clerical e a vida, digamos, acadêmica, ele acaba aceitando a sugestão do pai de se tornar o naturalista de bordo de um navio que estava prestes a zarpar para uma expedição de volta ao mundo, com a tarefa principal de atualizar mapas de navegação para a marinha mercante britânica.

Ele não tinha exatamente as melhores qualificações, especialmente em termos de experiência (nula), mas foi exatamente sua juventude o que pesou a favor de sua escolha, já que o capitão Robert FitzRoy era apenas quatro anos mais velho que ele e ficou muito satisfeito com a possibilidade de ter a companhia de alguém mais próximo de sua idade (e de sua classe social) numa viagem que deveria ser bastante longa.

Cinco anos depois, nada menos que cinco anos depois, quem chega de volta à Inglaterra não é mais o jovem algo desorientado, cujas maiores credenciais como cientista eram o fato de ter sido um grande discípulo de Charles Lyell, o geólogo mais

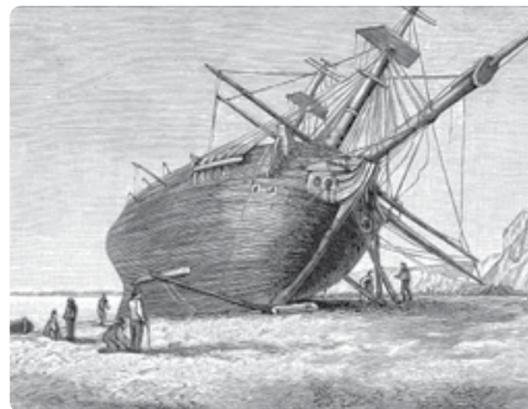
importante daquele momento. Mesmo o interesse do jovem Charles pela geologia, pelos processos, legíveis na pedra, que formaram a paisagem do mundo, tinha passado a um segundo plano.

Aquele garoto estava aprendendo a ler em plumas, bicos, crânios e pétalas o passado da vida sobre o planeta. Quem desembarca da viagem é o maior naturalista do século XIX. Tudo nele tinha mudado, depois da violenta imersão que o rapaz de boa família e com pouquíssima experiência de mundo tinha vivido na viagem daquele navio com nome de cachorro.

“**Tudo nele tinha mudado, depois da violenta imersão que o rapaz de boa família e com pouquíssima experiência de mundo tinha vivido na viagem daquele navio com nome de cachorro.**

Os trópicos.

A abundância infinita de formas de vida desconhecidas. Plantas, aves, insetos, mamíferos. Tudo isso encantou o garoto, que passava longas noites descrevendo os espécimes recolhidos e preparando caixas e mais caixas de amostras que enviaria a Londres a cada porto de



Desenho de Conrad Martens, feito originalmente em 1834, mostra o Beagle atracado na Terra do Fogo para conserto. (Reproduzido do livro *Life and Letters of Charles Darwin*/Wikimedia Commons)

passagem. Esses espécimes eram fruto de longas expedições terra adentro, já que o Beagle, ancorado, podia passar semanas num mesmo local enquanto seus marujos mapeavam em detalhe as costas daquela região. E Darwin, empolgadíssimo para poder sair do barco (ele nunca se curou dos enjoos e passou cinco anos vomitando sem parar enquanto estava a bordo), aproveitava para se enfiar mato adentro com sua tenda e seus instrumentos de pesquisa.

Se foi a passagem pelas Ilhas Galápagos o que determinou mais diretamente suas ideias referentes à seleção natural (que já se disse ser a ideia mais poderosa que a ciência produziu), sua ida ao Taiti, por exemplo, não foi menos colorida e cheia de novidades. E, para

nós, é claro que o tempo que ele passa no Brasil também tem interesse especial.

Eu traduzi *O diário do Beagle* (com a preciosa ajuda de Marcio Renato Guimarães para a nomenclatura biológica) cerca de dez anos atrás. E no entanto não preciso ir abrir o livro para lembrar dos comentários de Darwin sobre o quanto

era estranho que os brasileiros se negassem a andar e pegassem um cavalo para cumprir mesmo a mais breve das distâncias. Ou sobre a corrupção dos pequenos funcionários que encontrava pelo caminho. Ou sobre o Carnaval de Salvador, que o impedia de atravessar a cidade para chegar às matas onde buscava espécimes.

Seu olhar atento continua comigo, tanto tempo depois, e ainda colore muito do que eu vejo no nosso país e na nossa vida. Documento preciosíssimo de uma das viagens mais importantes de todos os tempos, *O diário do Beagle* é, além de tudo, uma leitura agradável e surpreendente... olha: encantadora mesmo.



**Barco russo de 1926 navega pelo Estreito de Beagle, ponto mais meridional da América do Sul por onde Darwin passou. (W. Bulach / Wikimedia Commons)**

\*Caetano Galindo é tradutor, escritor e professor do Departamento de Letras da Universidade Federal do Paraná.

resenha

# Sorte de ainda estarmos vivos

Com cuidado e coragem, André Baniwa fornece rotas de sobrevivência futura às vidas na Terra.

— por *Nicole Soares-Pinto\**



*Acampamento Terra Livre reuniu mais de 4 mil indígenas na Praça dos Ipês, em Brasília, em 2017. (Mídia Ninja/Mobilização Nacional Indígena/Apib Comunicação/Divulgação)*

*Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro*  
**André Fernando Baniwa**  
 João Jackson Bezerra Vianna e  
 Aline Fonseca Iubel (orgs.)  
 64 p.

NÓS “TEMOS SORTE de ainda estarmos vivos para continuar a luta”. Aqui resta uma das mais contundentes frases que pude ler nos últimos anos e em relação à qual temo ainda não saber como proceder. Depois de enfrentar epidemias para as quais não possuíam defesas, os Baniwa foram invadidos, deslocados e escravizados pelos colonizadores na *Terra Brasileira*. Portanto, essa frase encerra um sentido particular e localizado. Mas faz mais, muito mais do que isso. Se pode ser aplicada à história da maioria dos povos indígenas no Brasil, estaríamos — os não indígenas — agora habilitados, ao menos, a entendê-la? A identificação com a história indígena era tão insuspeita que alguns de nós diríamos inexistente ou impossível, mas poucos são os que hoje, em 2021, em meio a uma pandemia, conseguem sustentar tal desconexão sem maiores problemas ou constrangimentos. “Nós temos sorte de ainda estarmos vivos.” O sentido da frase se estende e se multiplica, o sujeito se desloca, embora mantenha seu ponto de inflexão.

A ameaça, destruição e reconstrução dos modos próprios de vida e bem viver marca a obra de André Fernando Baniwa transversalmente. André escreveu esse livro e somente depois do manuscrito pronto procurou pelos organizadores. Nisso, creio, repousa boa parte das particularidades inventivas com as quais somos agraciados, fonte de deslumbramentos e de desconcertos para o leitor. No transcorrer do livro, percebemos, os não indígenas, tanto deslumbrados pela profunda dessemelhança que os elementos do pensamento de André nos apresentam quanto desconcertados pela ressonância que a organização desses elementos estabelece com a nossa epistemologia. Entre a profunda diferença metafísica que nos arrebatava e a familiaridade com que seu pensamento nos alcança, resta-nos meditar sobre a natureza e a excepcionalidade dessa obra que conjuga acuidade histórica, conhecimento milenar e pragmatismo político. André não é pajé e nem exatamente um filósofo indígena: a força de sua escrita reside, em meu humilde entendimento, na resiliência, habilidade, experiência e inteligência estratégica de uma

grande liderança indígena, e do profundo conhecimento dos alicerces de seu mundo.

O livro conta com uma apresentação feita pelo autor, nove curtos capítulos, um posfácio escrito pelos organizadores João Vianna e Aline Iubel e uma minibiografia de André ao final. Seus objetos são os conceitos de *bem viver* e *viver bem* em acordo com a história de relações e com a sociocosmologia baniwa. Recupera a memória das inúmeras destruições causadas por não indígenas, costura-a com resistência e reconstruções empreendidas por seu povo face à destruição e fornece um panorama programático para o conjunto das comunidades baniwa. Os conceitos de *bem viver* e *viver bem* são submetidos a uma série de escrutínios ao longo do livro, que foi escrito sobretudo para seus parentes e, portanto, distinto de boa parte da literatura conduzida por intelectuais indígenas contemporâneos. Contudo, um leitor não indígena, caso seja capaz de cultivar um lugar de atenção e escuta, não se favorecerá menos. Certamente não ao molde de uma receita ou de um modelo a ser copiado, mas de uma visão, imagem ou diálogo capaz de o tornar autódiferente.

“[T]rabalhar duro, pesado, gastando nosso suor todos os dias a fim de obtermos nossa comida, o que é fundamental para o ser humano ter condições para se cuidar e promover o seu **bem viver**”: quantos de nós ainda somos capazes disso? A quantos essa capacidade não seria tão rara quanto necessária? Ou quando lemos “sempre foi preciso defender a terra porque eles [os não indígenas] sempre procuraram tomá-la”, em que momento esquecemos que essa é a real e mais contundente marcação de nossa história?

Para quem poderia pensar que as noções de *bem viver* e *viver bem* fornecem uma imagem inocente da relação com os não indígenas, encontraria dificuldades em transpor as questões que André apresenta, como a seguinte: “Com a Constituição Federal de 1988, restavam apenas menos da metade [...] daquelas etnias e das línguas que eram faladas. Para onde foram?”

\***Nicole Soares-Pinto** é antropóloga e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.



A Primeira Marcha das Mulheres Indígenas ocorreu em Brasília, em 2019. (Katie Mähler/ Apib Comunicação/Divulgação)

na manutenção inexorável do “fora” pelas metafísicas indígenas: a manutenção da diferença frente àquilo que eles definitivamente não são. O livro de André nos ensina sua maneira de fazer isso, ou seja, ensina-nos como ao mesmo tempo se diferenciar e estabelecer alianças, oferecendo uma imagem muito refinada e sutil da diferença constitutiva e inesgotável (porque continuamente construída) entre mundos que, não obstante, coexistem.

Aliás, é essa coexistência que fornece a matriz para todas as reflexões do livro, desde a origem do termo *bem viver*, nas sociocosmologias de outros povos latino-americanos, até a diferenciação entre não indígenas parceiros e não indígenas colonizadores. Não obstante estes constituírem diferentes “foras” aos Baniwa, é ainda desconcertante saber que tanto as noções de *bem viver* quanto a existência dos brancos são referidas ao começo do mundo, dispostas por seu “nascimento” na cachoeira de Hipana, “o umbigo do mundo, onde tudo começou e onde tudo irá terminar”. Como somos informados logo nas primeiras frases do livro, “todas as coisas já existiam, já estavam aqui prontinhas”. Entre a mitologia e a história, a sociologia e a cosmologia, a vida milenar e a contemporânea, o profetismo e o associativismo, o início e o fim do mundo, o pensamento de André fornece antes passagens que muros de contenção, antes transformações complexas que simples oposições, antes relações imanentes que hierarquias transcendentais.

Em formulações que encapsulam o passado, o presente e o futuro e explicitamente os desordenam, temos a impressão de estarmos ouvindo menos ecos de um lugar distante que de um futuro próximo, ou de qualquer futuro possível. À medida que as construções (invenções e reinvenções) não indígenas se realizam sob a forma da destruição de vidas humanas e não humanas, o livro de André é um exemplo tanto conceitual quanto pragmático de formas altamente resilientes de agir, conhecer e cuidar da vida e de vidas, no plural, num mundo profundamente ameaçado. A capacidade de prosseguir é, não obstante, remetida ao passado e à função de não esquecimento: “conhecemos bem a origem da humanidade, sabemos da sua complexidade, do futuro da Terra, que somos nós mesmos”. Com cuidado e coragem, o autor fornece rotas de sobrevivência futura. Quiçá poderemos nos valer delas, mas somente se admitirmos a profunda e fundamental importância dos povos e modos indígenas em qualquer futuro que possamos reivindicar. Isso também equivale a prestar contas do passado. Temos sorte de estarmos vivos e podermos ler as palavras baniwa de André Fernando! Seremos capazes?

Viajaram para outros países? Não! Foram exterminados, mortos pelos homens brancos que continuam matando até hoje no Brasil”. Portanto, se, por um lado, o autor não se furta à denúncia das relações com não indígenas, por outro, tampouco recai em ideias de um coletivismo indígena exótico e passivo: “por que parece que estamos sempre divididos e uns contra os outros? O que é que pode nos reunir [...]? Quais são nossos pontos fortes e quais são nossas fraquezas diante de um mundo tão complexo?”. Logo se vê que o pensamento de André não se deixa enfeitar por nenhuma imagem da unidade que conjura as contradições, expulsa as discordâncias, elege e aniquila inimigos. Atrelada a essa capacidade está a disposição em não se afetar pela alternativa infernal entre o coletivismo e o individualismo que marca(ou) boa parte das análises etnológicas. É quase como se não pudéssemos mais nos esconder da capacidade de alguns líderes e intelectuais indígenas de pôr em suspensão essas dualidades profundamente inverossímeis, ainda que altamente edificadoras das percepções não indígenas sobre esses povos.

A transposição de tais alternativas é realizada pelo autor por meio do reconhecimento da complexidade do mundo, da fragilidade e da inventividade embutidas no fazer diário. Em todo o livro depreende-se o cuidado e a atenção na produção da malha da vida, com atributos referentes a quem não é concedido pensar os seres como estando à sua mera disposição ou o mundo como palco para seus intentos: basta olhar a seção “*Bem viver e viver bem* na prática”, que contém, em língua baniwa e em língua portuguesa, os diferentes exercícios, conselhos e práticas que devem ser levados a cabo pelas pessoas baniwa.

“Ainda existimos, somos muitos e estamos perplexos, enfrentando dificuldades no entendimento do nosso direito intercultural.” Em que pesem as indicações sobre as dificuldades baniwa em lidar com o “direito” e seu direito a ter direitos, tais dificuldades não são

menores, nem da mesma ordem, do lado do Estado, afirma André. E o leitor ficará ainda assombrado pela equipolência demoníaca entre Estado, capitalismo e Igreja, que só mesmo um pensador indígena poderia oferecer: “O Estado brasileiro é a organização formal dos colonizadores na terra conquistada, que reúne seu povo sob um mesmo nome, uma nação. O capitalismo é uma maneira de consumir e destruir outras formas de vida na Terra, é uma vida diferente da dos povos indígenas. Igrejas são instituições das religiões para condenar as culturas e tradições milenares dos povos indígenas. Todas estas instituições são dos colonizadores”.

“**Ainda existimos, somos muitos e estamos perplexos, enfrentando dificuldades no entendimento do nosso direito intercultural.**”

Desconcertando até mesmo os mais sensíveis e combativos apoiadores, essa equação é mais provavelmente contestada do que realmente levada a sério por intelectuais não indígenas. Há mesmo quem diga: “veja bem, etc.”, mas André não concede uma vírgula sequer nem à exposição dos fatos nem à posição exclusiva de vítima, e é impossível não admitir que os Baniwa tomam para si a total responsabilidade na condução de suas vidas, seu bem-estar e seu território. “Nós, Baniwa, sempre lutamos pela nossa existência.” Parte dessa habilidade de responder (*response-ability*, no dizer de Donna Haraway) ao Outro, mesmo quando este é ameaçador, parece-me repousar



Você precisa saber o que passa aqui dentro! (2021), por Katiucya Perigo; obra composta por papel, tecido, bastidor de madeira, nanquim e tinta acrílica, 15,5 cm de diâmetro

em debate

## Racismo disfarçado?

O 13 de Maio não se construiu sem a agência e o protagonismo dos pretos, afirma historiador e cientista social.

— por *Maria Perigo\**

NO DIA 13 DE MAIO, ainda “comemora-se” o dia da Abolição da Escravidão no Brasil — data da assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel. Neste século, contudo, o dia 20 de novembro — Dia Nacional da Consciência Negra —

tornou-se o marco para a reflexão sobre a presença preta no país. Para problematizar o tema do racismo no Brasil, a Editora UFPR bateu um papo com o historiador, cientista social e professor Hilton Costa.

Dado que o Dia Nacional da Consciência Negra é a data da execução de Zumbi dos Palmares e que, em contrapartida, o dia da abolição não dá um lugar de protagonismo aos pretos, há motivos para “comemorar” o dia 13 de maio?

De fato, me parece que o termo “comemorar” não surge como o mais adequado para nos referirmos ao 13 de maio de 1888. A data de 13 de maio de fato foi “comemorada” durante algum tempo no Brasil, mas cabe indagar em qual contexto isso se deu. Nos anos imediatamente posteriores a 1888, a memória das pessoas envolvidas nos processos sociopolíticos que conduziram ao fim do escravismo no Brasil estava bem viva ainda, de modo que os diferentes protagonistas dessa história podiam ser lembrados. Ao longo dos anos a disputa pelas narrativas, seja da memória, seja da história, foi delimitando o 13 de maio não como um processo sócio-histórico produto de protagonistas diversos presentes tanto no parlamento quanto nas ruas e ou nos campos. A construção do 13 de maio como uma dívida oferecida às pessoas escravizadas pelas elites brasileiras não se sustenta quando se observam as evidências empíricas disponíveis; todavia, esta concepção dos fatos se ajusta a um tipo de discurso que tem em suas bases o racismo estrutu-



Homem se manifesta durante protesto a favor do Black Lives Matter (Vidas negras importam) no Champs de Mars, Paris, em junho de 2020. (Thomas de Luze/Reprodução)

ral. O 13 de maio de 1888 não se construiu sem a agência e o protagonismo das pessoas pretas; entretanto, a narrativa histórica que perdurou (e ainda perdura) indica o contrário.

Nessa direção, a resposta para a questão proposta é que não há motivos para “comemorar” a data de 13 de maio, ao menos no sentido mais literal do termo: fazendo uma parada, soltando fogos. Contudo, o 13 de maio pode ser data relevante para pensar como a história de um país é construída, como o racismo estrutural opera e define os rumos de uma sociedade.

“**O racismo se faz presente no Brasil não porque houve escravidão, mas porque ele garante privilégios e vantagens sociais, políticas e econômicas aos grupos dominantes da sociedade brasileira.**”

Da América, o Brasil foi o último país livre a abolir a escravidão. Hoje, discutir racismo no nosso país é sempre problemático, sobretudo porque parte dos brasileiros insiste em dizer que o racismo não existe. O racismo é uma herança “maldita” da escravidão? Um fantasma do passado que ainda assombra?

O racismo no Brasil, em particular, tem vínculos com o período escravista, mas ele não se mantém vigente, forte e estrutural porque houve escravidão no Brasil. Assim, respondendo de pronto, o racismo não é uma herança “maldita” ou um fantasma do passado. A sociedade brasileira poderia, quando do fim do escravismo, ter se colocado como objetivo a inclusão das pessoas egressas do cativeiro na vida social de modo mais completo, o mesmo objetivo poderia ter sido colocado em relação às pessoas pretas livres e libertas no momento da abolição. A evidência empírica demonstra que isso não foi feito, fazendo uso da ideia do historiador estadunidense Eric Foner, a população preta não teve nada

## Hilton Costa

Historiador, cientista social e professor de ciências sociais na Universidade Estadual de Maringá. É, também, um dos organizadores da série de livros *À margem do(s) cânone(s)*, publicada pela Editora UFPR, que já está em seu terceiro volume, recém-lançado.

além da liberdade. Não se constitui no momento do fim do escravismo, nem nos anos subsequentes, políticas efetivas de inclusão, o que ocorreu, de fato, foi o contrário. Aprimorou-se, nos anos seguintes à abolição, o sistema de exclusão da população preta através de refinados mecanismos de dominação que nunca ou quase nunca deixavam o caráter racista evidente. Pode-se pensar na manutenção das premissas da Lei de Terras de 1850, mesmo com o fim do Império, em 1889, a inexistência de uma reforma agrária prejudicava todos os camponeses e camponesas pobres, que em sua maioria eram pretas e pretos. A título de comparação, houve uma política de assentamento de distribuição de terras para imigrantes europeus. Também a ausência de políticas nacionais para a massificação do ensino público. Na primeira república, o que hoje se denomina ensino básico ficou a cargo de cada Estado; o resultado prático é que o ensino básico era, praticamente, privado. Esta condição se constituía em um impeditivo sério de acesso à educação por parte da população preta. Ainda, o código penal de 1890, e sua legislação contra a “vadiagem”, oficializa a perseguição aos pobres, às pessoas sem emprego e residência fixa que, à época, eram em sua maioria pessoas pretas. Estes são exemplos dos refinados mecanismos de dominação mencionados, fazendo uso da expressão de Wlamyra Albuquerque, era (e ainda é, em grande medida) o jogo da dissimulação. Dessa feita, o racismo no Brasil se mantém vigente, forte e estrutural porque ele responde a demandas importantes de determinados grupos sociais, garante privilégios e vantagens a estes grupos. Em outras palavras, o racismo se faz presente no Brasil não porque houve escravidão, mas porque ele garante privilégios e vantagens sociais, políticas e econômicas aos grupos dominantes da sociedade brasileira.

*À margem do(s) cânone(s)*  
— v. 1  
Alexandro Dantas  
Trindade, Hilton Costa,  
Simone Meucci (orgs.)  
280 p.

*À margem do(s) cânone(s)*  
— v. 2  
Alexandro Dantas Trin-  
dade, Hilton Costa, Simo-  
ne Meucci (orgs.)  
272 p.

*À margem do(s) cânone(s)*  
— v. 3  
Simone Meucci, Hilton  
Costa, Alexandro Dantas  
Trindade (orgs.)  
204 p.



A autora Lélia Gonzalez, uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU). (Cézar Loureiro/Revista Cult/Reprodução)

**Quanto ao sistema brasileiro atual de educação, o que você pensa sobre a política de cotas? Fale, também, da presença preta nas universidades, nas suas várias esferas?**

As políticas afirmativas são uma das maneiras de promover, por meio de políticas específicas, a universalização de direitos. Deste modo, em sociedades como a brasileira, elas são fundamentais para romper com estigmas e estereótipos, para reconfigurar campos profissionais. Entende-se que a entrada, por exemplo, de mais pessoas pretas na universidade e, sobretudo, nos cursos que ao longo do tempo se tornaram majoritariamente frequentados por pessoas brancas, obriga a universidade a se rever, pois outras demandas, outros problemas, soluções se colocam e outras visões de mundo aparecem. Um processo que obriga a universidade a ser mais universal atentando, justamente, para o específico. Uma ampliação do número de docentes pretos e pretas seria algo importante, se não fundamental, para a mudança da “subjetividade” da universidade, no sentido de atentar para um mundo maior e mais complexo. Nesta direção, seria importante que a lei de cotas para os concursos fosse de fato cumprida. A presença de pessoas pretas na universidade possibilita a reconfiguração de campos profissionais e o rompimento de algumas imagens preconcebidas da nossa sociedade, onde, sobretudo, profissionais da medicina, das engenharias, automaticamente são identificados como pessoas brancas, de modo a surgir a médio e longo prazo um efeito dominó positivo. O aumento de profissionais pretas e pretos nessas áreas pode cola-

borar para a quebra do estereótipo e servir de estímulo para que outras pessoas pretas almejem tais profissões, sem parecer, socialmente falando, um devaneio.

**Como você enxerga a situação de vulnerabilidade dos estudantes pretos neste momento de crise sanitária no país — gerada pela pandemia da Covid-19? O que acha que poderia ser feito?**

Do final para o começo. O que se poderia fazer, na verdade, o que se deveria fazer é uma campanha forte de vacinação em massa completa — todas as doses — da população. Fora essa ação, tudo é muito complicado e paliativo. É bastante plausível que campanhas coordenadas incentivando medidas de prevenção — isolamento social, *lockdown*, utilização de máscaras — poderiam ter evitado um número imenso de óbitos. Ações coordenadas que viabilizassem às pessoas poderem ficar em casa, bem como pequenos e médios empreendimentos comerciais e indústrias a se manterem funcionando, muito provavelmente teriam colaborado para menos óbitos. Mesmo que tardiamente, a adesão efetiva às medidas de prevenção vem sendo o único caminho para se frear a Covid-19. A pergunta é: como manter isso depois de se ter “convencido” boa parte da população brasileira que a doença não é tão grave? Nem mesmo o aumento exponencial do número de óbitos conseguiu isso. A crise sanitária, social, política e econômica gerada ou acelerada pela Covid-19 agravou, de uma maneira geral, a situação de vulnerabilidade dos estudantes pretos e das estudantes pretas. Um dos caminhos sugeridos, no que diz respeito à educação, para contornar a situação, é a tecnologia. Segundo evidências empíricas disponíveis, discentes pretas e pretos são os que mais utilizam o sistema público de ensino, no que diz respeito ao ensino fundamental e médio — seria um acaso este sistema ser recorrentemente negligenciado e/ou sucateado? — onde o acesso às tecnologias é mais complicado. Nesta direção, a crise sanitária trouxe à tona informações para um público maior sobre algo que as pesquisadoras e os pesquisadores de várias áreas do conhecimento, bem como os movimentos sociais vinculados à população preta, já sabem de longa data.



Durante protesto do Black Lives Matter (Vidas negras importam), na França, em junho de 2020, mulher ergue cartaz em que pede por justiça. (Guillaume Issaly/Reprodução)

Vale lembrar, ainda, que o acesso à tecnologia não é só ter o equipamento, é ter também a conexão eficaz e o espaço adequado para os estudos. Situações pouco comuns para a maioria das estudantes e dos estudantes pretos no Brasil (pensando o país como um todo). O investimento do poder público em equipamento e acesso poderia ajudar, mas isso deveria ser acompanhado de outras adequações, como, por exemplo, formato e duração das aulas, número de discentes por encontro virtual (no caso das salas de videoconferência). O sistema denominado de espelhamento — repetir no virtual a grade do presencial — pode ser algo muito desgastante, daí a necessidade de adaptações. Todavia, é muito complicado falar em ampliação de acesso às tecnologias etc. para um grupo social cujos pais e responsáveis são os mais atingidos pelo desemprego em massa que assola o país. Em caso extremo, ou não tão extremo assim, a pessoa recebe os equipamentos, o acesso à internet, mas se vê privada de comida e energia elétrica em casa.

\***Maria Perigo** é doutoranda em educação pela UFPR e revisora de textos na Editora UFPR.

\*\*A conversa foi originalmente realizada em maio de 2021 para o blog da Editora UFPR.



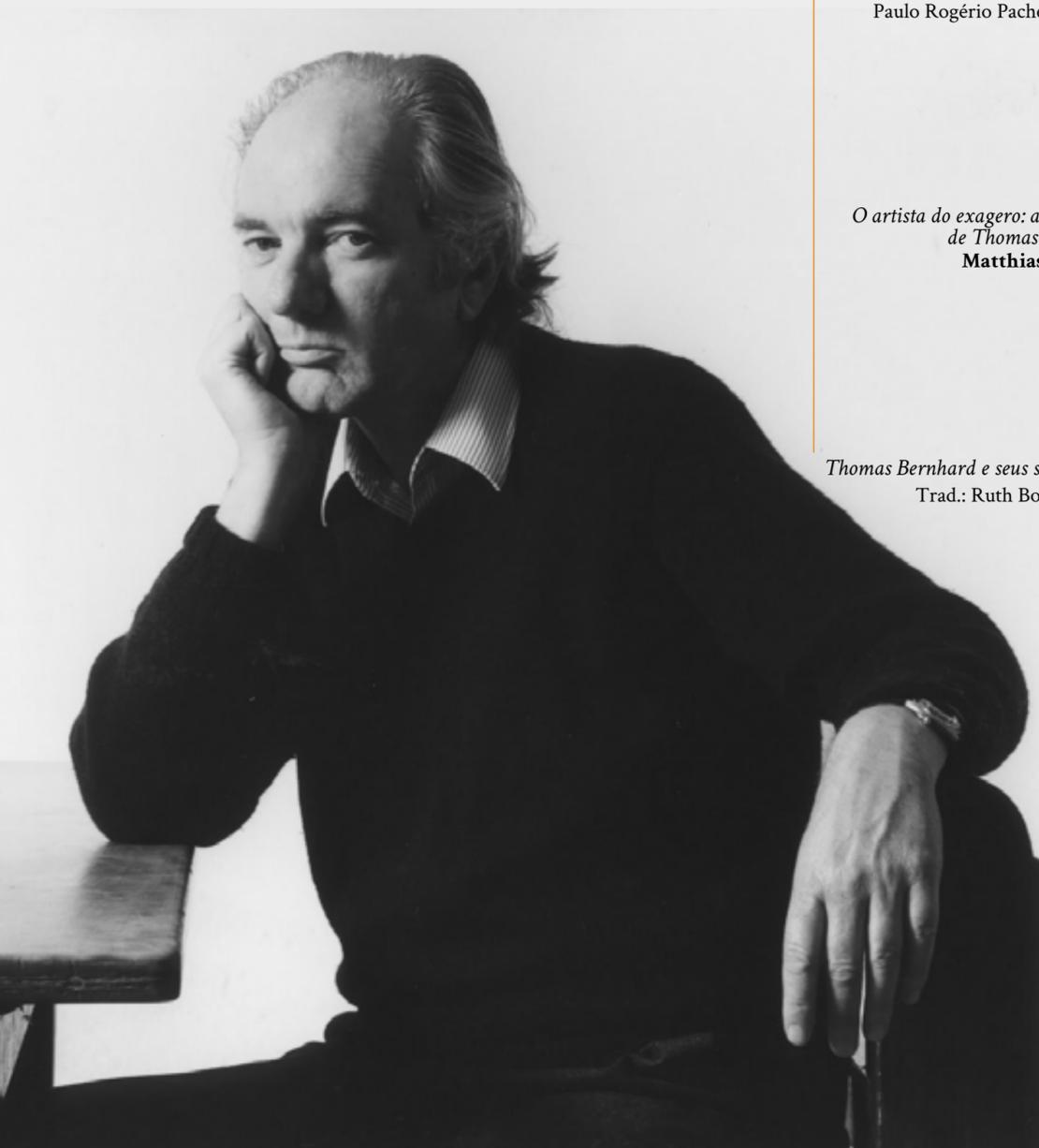
## Katiucya Perigo

é filha de pai preto e mãe branca, quando pequena gostava de paçoca de amendoim, de andar de bicicleta e de aventuras. Atualmente é professora de história da arte. Tem dois pequenos que encantam sua vida. Anda menos de bicicleta do que deveria e come menos paçoca de amendoim do que gostaria. Mas herdou o ímpeto ativista das mulheres da família. Com 45 anos de idade, continua acreditando que pode mudar o mundo.

trecho

# O presidente quer ser ditador

Neste país fictício, o presidente sonha em governar sem barreiras e se sente perseguido pela imprensa e pelas universidades. — por **Thomas Bernhard\***



O presidente  
**Thomas Bernhard**  
Trad.: Gisele Eberspächer  
Paulo Rogério Pacheco Junior  
195 p.

O artista do exagero: a literatura  
de **Thomas Bernhard**  
**Matthias Konzett**  
341 p.

Thomas Bernhard e seus seres vitais  
Trad.: Ruth Bohunovsky  
209 p.

O escritor austríaco Thomas  
Bernhard (1931-1989).  
(Monozigote/Acervo pessoal)

\***Thomas Bernhard** (1931-1989) foi escritor austríaco. Publicou *O naufrago* e *Extinção*, entre outros romances. *O presidente* é uma de suas primeiras peças editadas no Brasil.

## PRIMEIRA-DAMA

[...]  
Então quando ele  
meu marido  
viu a andorinha no Memorial do Soldado Desconhecido  
ele me mostrou a andorinha  
levantando a bengala  
de bengala levantada Frau Frölich  
isso salvou a vida dele  
se ele não tivesse levantado a bengala na direção do  
Memorial do Soldado Desconhecido

ele teria sido a vítima  
assim o coronel foi a vítima  
numa questão de segundos Frau Frölich  
numa questão de segundos  
E o segundo tiro no ar  
provavelmente os anarquistas tiveram medo  
porque eles não acertaram o Presidente com o primeiro tiro  
*olha para a caminha do cachorro vazia*  
A suspeita  
caiu sobre o seu filho Frau Frölich  
*de frente para Frölich*  
Seu filho está matriculado na Universidade  
não é  
não é Frau Frölich  
*o Presidente e o Massagista riem alto*  
Um país  
cheio de medo Frau Frölich  
*olha para a porta do banheiro*  
Ambição  
Ódio  
mais nada  
[...]

## TERCEIRA CENA

### PRESIDENTE

[...]  
Quando de repente tive a ideia  
político  
de me tornar um homem político  
e com essa ideia entrei nas pessoas  
e com nada mais além dessa ideia me juntei às pessoas  
E você disse a si mesma  
eu vou ser atriz  
naturalmente uma grande atriz conhecida mundialmente  
conhecida  
os caminhos para a política são os mesmos caminhos  
que os caminhos para a arte  
são caminhos pavimentados  
com descaso e brutalidade  
e você vai chegar no maior teatro o mais famoso o mais  
renomado

minha filha  
*beija-a no rosto*  
O objetivo nunca é alto demais  
sempre o mais alto objetivo

nenhum objetivo que não seja o maior objetivo minha filha  
sempre o maior  
Se for pra ser político  
então presidente  
presidente da República  
ditador  
[...]

## PRESIDENTE

Um ditador  
um ditador  
O país é muito pequeno pra mim  
a nação é muito pequena pra mim  
tudo é muito estreito e pequeno pra mim  
e assim um potencial como o meu não sai do lugar  
Tudo na minha cabeça  
se atrofia  
[...]  
A sociedade está literalmente gritando  
para que um homem assim  
ponha ordem  
Ordem minha filha ordem  
isso é tudo  
nada além de ordem minha filha  
dessa desordem descomunal  
que está se propagando  
e envenenando tudo  
envenenando tudo  
Pôr ordem  
Por outro lado  
somos felizes  
*beija-a no rosto*  
de termos sossego agora  
Aqui temos sossego  
A costa atlântica  
e a brisa da costa atlântica  
de repente  
Eles ainda não pegaram os terroristas  
Que tipo de polícia é essa

## DICA DO EDITOR

*O presidente*, de Thomas Bernhard (Editora UFPR): Uma série de atentados terroristas de viés anarquista está assassinando altos funcionários da república. Em meio ao caos, o presidente e a primeira-dama se preparam para o funeral do velho capitão, morto num desses episódios de violência. Nesta peça irônica, que teve estreia na Áustria em 1975, fica evidente como a produção teatral de Bernhard não está distante da obra em prosa dele: a mordacidade dos personagens em relação aos outros e à sociedade austríaca permanece intacta.



# Medeia dos pampas

O dramaturgo David Cureses transporta para a Argentina do século XIX o mito grego da mãe que mata os filhos num ato de desespero. — por **David Cureses\***



Pintura de Calixto Tagliabúe, feita em 1833, retratando a Campanha do Deserto, conflito militar que opôs exército argentino e povos originários nos pampas. (Reproduzido do livro Juan Manuel de Rosas y los bloqueos al Río de la Plata de Francia e Inglaterra/Wikimedia Commons)

A fronteira

**David Cureses**

Trad.: Maria Fernando Gárbero  
216 p.

Tiestes

**Lúcio Aneu Sêneca**

Trad.: José Eduardo S. Lohner  
262 p.

O presidente

**Thomas Bernhard**

Trad.: Gisele Eberspächer  
Paulo Rogério Pacheco Junior  
195 p.

A arte no teatro

**Manuel de Macedo**

160 p.

Velha: Índia... cê me dá medo...

Bárbara: *(Depois de uma pausa, com a mesma atitude)* Vão levá eles pra longe... tão distante que nem vão lembrá da minha cara... onde, com o tempo, nem vô existí... nem nos pensamento deles, nem no coração... vão crescê... longe disso... pampa e céu... vão acreditá naquele Deus... nas suas mentira... vão sê de pedra por dentro... egoístas... traidores... vão sabê mentí e enganá e assim vão ficá afamado... e ruim, contra nós tudo... contra o próprio sangue, vão ensiná reza pra engambelá... e com isso vão traí e vão matá... e vão esquecê de mim... vão falá uma língua cheia de palavra nova e vão cobrí os corpo deles que nem cristão... e vão esquecê de mim... vão dormí com mulher branca... e vão tê filho cristão... e vão esquecê de mim!... Vão sê soldado... pra destruí a gente... até acabá o sangue... sem fadiga... e sem medo... e vão esquecê de mim... vão esquecê de mim... Nãoooo!... *(Essas palavras foram crescendo até o final... grande, imenso, que comove a terra. Logo se faz uma pausa... um silêncio... tão sinistro quanto esse grito... Depois, tomando forças arduamente, com um cansaço de séculos na voz, mas segura, convencida do que diz, Bárbara continua)*  
Velha... no fundo da bolsa de pele de cabra... que tá no rancho... tão ainda... as erva do sonho... Eu e ocê pegamo... no meio da lua... numa noite de inverno... faz tempo... muito tempo...  
Velha: *(Atônita)* Índia...

\***David Cureses** (1935-2006) foi poeta, dramaturgo, jornalista, professor e diretor teatral. Escreveu quase 20 peças. *A fronteira* ganhou o Prêmio Argentores de Drama em 1960.



Medeia (1620), pintura de Artemisia Gentileschi (1593-1653). (Coleção privada/Reprodução)

Bárbara: *(Continua, sem ouvi-la)* Só umas folhinha...

Velha: Não, índia... não...

Bárbara: E depois o sono... o sonho pra sempre!... o sonho doce... quieto... sadio... pra nunca mais voltá!...

Velha: Índia... te conheço... num quero... num quero nem pensá no que que cê tá pensano... Índia... nunca...

Bárbara: Juntei essas folha pra mim... se fosse preciso...

Velha: *(Chorosa)* Índia, cê me dá medo...

Bárbara: E a ocasião chegô...

Velha: Não... índia... não...

Bárbara: Mas num é pra mim... eu devo vivê... até o fim dos meus dia... pra odiá... pra fazê tudo que tem de ruim caí em cima dos que me destruiu... eu devo sofrê... sofrê...

Velha: Índia... me dá medo... não... índia... num faz...

Bárbara: Esse vai sê o castigo... pra ele... pra mim...

## DICA DO EDITOR

*Uma trama na história*, de Juarez José Tuchinski dos Anjos (Editora UFPR): Neste livro somos transportados ao interior do Paraná do século XIX. A narrativa, que se vale dos aportes metodológicos da micro-história, acompanha a batalha do professor Pedro Fortunato para abrir e gerir uma escola pública. Realizada durante o mestrado do autor, a pesquisa esmiúça as nuances da educação brasileira naquele período, deixando evidentes as complexidades não apenas educativas, mas também sociais — como o problema da evasão, as divergências de classe, os preconceitos de raça num país escravocrata. Válido tanto para os que estudam história da educação quanto para aqueles que têm curiosidade em conhecer ao pormenor o Brasil de D. Pedro II.



indicação de leitura

# A geografia de si

Em uma narrativa singular, o livro *Canto eu e a montanha dança*, da escritora catalã Irene Solà, evoca a força da figura feminina através da natureza. — por *Jonatan Silva\**



*Canto eu e a montanha dança*  
Irene Solà  
Trad.: Luis Reyes Gil  
Editora Mundaréu  
224 p.



EM *A MONTANHA SAGRADA* (1973), seu longa mais famoso, e talvez o mais hermético e cheio de simbolismos, Alejandro Jodorowsky cria uma espécie de morfologia própria da relação entre a natureza e o homem. O cineasta mexicano já havia repetido essa mesma estratégia em *El topo* (1970), outro clássico de sua filmografia, que também se apropria do caráter mítico e místico de um ambiente inóspito para compor uma sinfonia de imagens surreais e muitos significados.

A escritora e artista visual catalã Irene Solà é herdeira da tradição jodorowskyana de narrar a partir do insólito e daquilo que povoa a imaginação de certos povos. *Canto eu e a montanha dança* (Mundaréu, 225 págs.) é um espelho da memória escondida na geografia, um mapa para uma história de uma beleza selvagem.

A ideia de liberdade, por sinal, está intimamente ligada às questões topográficas. Algo como se os limites físicos e metafísicos se entremeassem por meio da consciência de si dos personagens. A história que se passa nos Pirineus, na fronteira entre a região da Catalunha e a França, carrega essa ambiguidade desde a sua gênese, pois o idioma catalão é exatamente esse cruzamento entre línguas, adquirindo elementos do espanhol, do francês e do português. Essa multiplicidade se reflete diretamente na maneira como tudo se desenrola.

Narrativa singular, o livro abraça sujeitos que ainda vivem incrustados em uma espécie de redoma, uma proteção divina contra o mundo moderno que aflora — como se negasse outra

possibilidade de existência que não fosse aquela de pés no chão. Por isso não é exagero dizer que *Canto eu e a montanha dança* é a geografia de si mesmo e do outro. Não é à toa que “O chapéu de uma é o chapéu de todas. A carne de uma é a carne de todas. A memória de uma é a memória de todas”.

Solà explora bem as nuances e as dicotomias entre realidade e imaginário coletivo, encaminhando seus narradores para dentro de suas próprias obsessões. Por sinal, a polifonia que a autora estabelece é sem igual. Fugindo do antropocentrismo, temos nuvens, cachorros, pedras, montanhas, árvores, cogumelos e tantas outras figuras que dão, justamente, essa camada onírica à obra.

Ainda assim, *Canto eu e a montanha dança* não é indecifrável, mas é indefinível. Como boa parte da obra de Gonçalo M. Tavares, a narrativa de Irene Solà está à margem dos gêneros literários. Chamar de romance é reduzir a uma questão formulaica e fechada em si mesma, quando, na verdade, é uma obra imensa, que atravessa tantas perspectivas.

São histórias que cruzam e criam um universo muito particular como fez Richard Brautigan (1935-1984) em *Pescar truta na América* ou Italo Calvino (1923-1985) em sua obra-prima, *As cidades invisíveis*. Tudo é uma coisa e, ao mesmo tempo, são muitas outras. Partindo da morte de Domènec — atingido por um raio no campo — e do luto de sua família, *Canto eu e a montanha dança* é uma tentativa de experimentar a vida diante do inefável. Quando é a viúva quem narra, o leitor se depara com a resignação diante daquilo que não se pode controlar.

\* **Jonatan Silva** é jornalista, crítico literário, escritor, professor e assessor de imprensa. É mestrando da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) em Estudo de Linguagens. Escreve para os jornais *Rascunho* e *Cândido* e para o portal de cultura *Escotilha*. É autor dos livros *O estado das coisas* (2015) e *Histórias mínimas* (2019), além de desenvolver o projeto de não ficção *A vida dos outros*.

## Força feminina

*Canto eu e a montanha dança* é uma ode à força das mulheres. Os homens ou morreram na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) ou são remendados pelos estragos deixados pelo conflito. São as figuras femininas que comandam o povoado na prática, que precisam lutar contra a fome e criar seus filhos. Solà estabelece uma dinâmica muito interessante ao propor uma espécie de comunicação entre essas mulheres e a natureza — enquanto entidade — e é somente dessa possibilidade de enlace que existe um caminho a ser seguido.

Diante desse enigma, a escritora oferece ao leitor um certo tom clariceano, um mergulho interior — algo impossível de se alcançar sem essa simbiose entre o humano e o natural. Como Clarice Lispector (1920-1977), Solà espalha pela sua narrativa pequenas “bruxarias” e encantamentos que, em geral, nascem da coragem das mulheres que não aceitam as condições que lhe são impostas.

Existe uma potência que percorre todos os textos, que se revela como a força-motriz da narrativa e que ajuda a situar o leitor

e os personagens, como se tudo fosse uma coisa só — e quem lê também se transubstancia para as páginas. E essa potência é a identidade, a gana de não deixar que os legados se percam e se desfaçam no apagar de seus rastros. Em certo momento, Solà escreve:

*Terá começado o movimento, de novo. O desastre. O próximo princípio. O enésimo final. E vocês morrerão, porque nada dura muito tempo. E ninguém mais se lembra do nome dos seus filhos.*

E é essa história que Irene Solà conta: a história dos nomes que evaporam à medida que os pequenos são esquecidos, derrotados pela supremacia daqueles que escolhem a narrativa a vencer. *Canto eu e a montanha dança* é uma obra cheia de questões pontiagudas e necessárias, mas que consegue extrair beleza de onde só parece haver aridez.

Nudes (Women Dancing in a Ring)/Francisco Iturrino/  
Museo de Bellas Artes de Bilbao/Reprodução

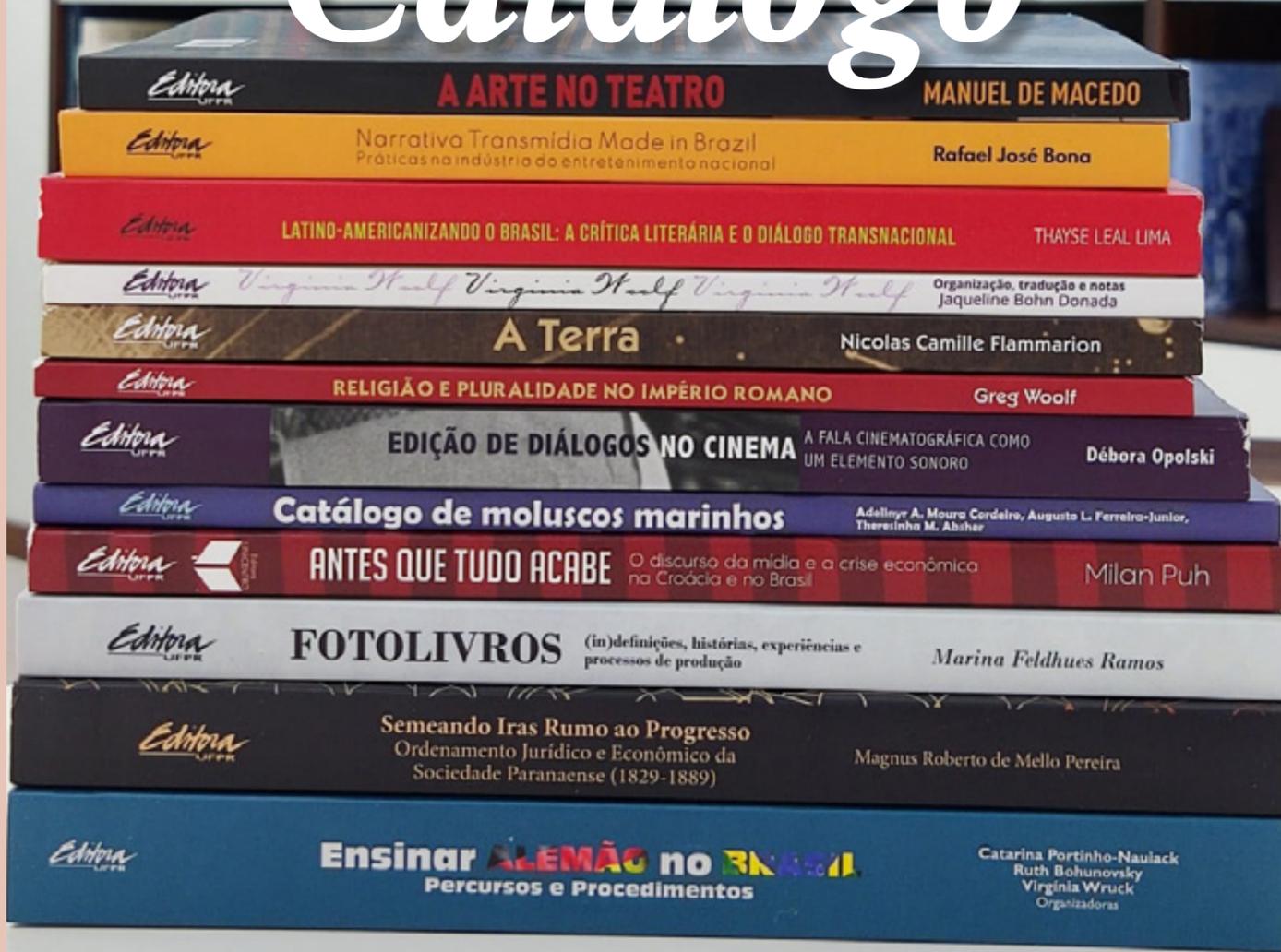


## DICA DO EDITOR

*Desobedecer*, de Fédéric Gros (Ubu): Um ensaio acerca desta palavra que preocupa os pais, apavora os reis e desestabiliza os governos: desobediência. Partindo de questionamentos filosóficos sobre por que desobedecemos, o trabalho analisa textos clássicos e contemporâneos refletindo a respeito das diversas formas pelas quais os seres humanos se submetem ou se insurgem contra o que lhes oprime. Segundo Gros, para que o *status quo* se mantenha, é preciso mais do que apenas se conformar à ordem; é imperioso “superobedecer”.



# Catálogo



Fotografia de Alan Santiago Norões Queiroz

Desde a última edição da **Tinteiro**, a Editora UFPR publicou, entre livros inéditos e reimpressões importantíssimas, mais de 60 obras. As mais variadas áreas do conhecimento foram contempladas, entre elas: a história, a literatura, o teatro, a sociologia, a política, a psicologia, a geografia. Confira alguns destaques nas próximas páginas.

Confira as principais publicações.  
Lista em ordem alfabética pelo título da obra.  
Catálogo completo em nosso site:

## Lançamento

**Ad astra, per aspera.** Harry Crowl

**Adulto diante da criança de 0 a 3 anos, O.** Andre Lapierre

**Aeroclube do Brasil, O. Um voo panorâmico sobre a história da formação de pilotos civis no Brasil.** Rejane de Souza Fontes e Claudia Musa Fay

**Agricultor a farmer, De.** Claiton Marcio da Silva

**Alfabetos: ensaios de literatura.** Claudio Magris. Maria Célia Martirani (Trad.)

**América Latina, sociedade e meio ambiente.** Dimas Floriani e Antonio Helizalde Hevia (Orgs.)

**América Latina: história e literatura.** Ana Amélia M. C. de Melo, Maria Soledad Falabella Luco e Adelaide Gonçalves Pereira (Orgs.)

**Análise experimental do comportamento: manual de laboratório.** 6ª ed. rev. e ampl. Paula Inez Cunha Gomide e Lidia Natalia Dobrianskyj Weber

**Anatomia da melancolia, A. – volume I – Demócrito Júnior: ao leitor.** Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

**Anatomia da melancolia, A. – volume II – A primeira partição: causas da melancolia.** Robert Burton. Guilherme G. Flores (Trad.)

**Anatomia da melancolia, A. – volume III – A segunda partição: a cura da melancolia.** Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

**Anatomia da melancolia, A. – volume IV – A terceira partição: melancolia amorosa.** Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

**Animal que não sou mais, O.** Étienne Bimbenet. Maurício José d'Escragnolle Cardoso (Trad.)

**Aeroclube do Brasil, O. Um voo panorâmico sobre a história da formação de pilotos civis no Brasil.**

Rejane de Souza Fontes e Claudia Musa Fay

Editora UFPR

**Antes que tudo acabe: o discurso da mídia e a crise econômica na Croácia e no Brasil.** Milan Puh

**Antonina dos meus dias revisitada.** Eduardo Nascimento

**Antonio Vieira dos Santos: reminiscências e outros escritos.** André Luiz Moscaleski Cavazzani e Sandro Aramis Richter Gomes (Orgs.)

**Armas, pólvora e chumbo: a expansão luso-brasileira e os índios do planalto meridional.** Almir Antonio de Souza

**Arte de praticar violino, A.** Robert Gerle. João Eduardo Tilton (Trad.)

**Arte no teatro, A.** Manuel de Macedo. Walter Lima Torres (Org. e notas)

**Artes de fazer na reforma escolar: a institucionalização dos estudos sociais no governo militar (Curitiba, 1975-1985).** Ieda Viana

**Artista do exagero, O. A literatura de Thomas Bernhard.** Matthias Konzett (Ed.). Ruth Bohunovsky (Org. da tradução)

**Assombrosa história do homem do cavalo branco, A. / Centauro bronco, O. (caixa).** Theodor Storm. Maurício M. Cardoso (Trad.)

**Atlas anatômico e histológico do caranguejo-uçá (Ucides cordatus).** Gisela G. Castilho-Westphal et al.

**Áustria: uma história literária.** Klaus Zeyringer e Helmut Gollner. Ruth Bohunovsky (Trad.)

**Axël.** Villiers de L'Isle-Adam. Sandra M. Stroparo (Trad.)

**Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês.** Viviane M. Alessi e Marynelma C. Garanhani

**Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro.** André Fernando Baniwa. João Jackson Bezerra Vianna e Aline Fonseca Iubel (Orgs.)

## + vendidos

**Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.** Linda Tuhiwai Smith. Roberto G. Barbosa (Trad.)

**Medindo a diversidade biológica.** Anne E. Magurran. Dana Moiana Vianna (Trad.)

**Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro.** André Fernando Baniwa

## Antes que tudo acabe: o discurso da mídia e a crise econômica na Croácia e no Brasil.

Milan Puh



**Cidade e os problemas socioambientais urbanos, A. Uma perspectiva interdisciplinar.** Francisco Mendonça e Myrian Del Vecchio Lima (Orgs.)

**Cidade, ambiente e desenvolvimento.** Francisco Mendonça

**Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana.** Alessandro Filla Rosaneli

**Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemãs no Brasil do séc. XIX.** Ana Luisa Fayet Salla

**Clima e criminalidade: ensaio analítico da correlação entre a temperatura do ar e a incidência de criminalidade urbana.** Francisco Mendonça

**Colapso: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo.** Carlos Taibo. Marília Andrade Torales Campos e Andréa Macedônio de Carvalho (Trad.)

**Coletânea de termos técnicos de entomologia.** 2ª ed. Zundir José Buzzi

**Comédia nova da Grécia e de Roma, A. R. L. Hunter.** Rodrigo Tadeu Gonçalves (Org. da tradução)

# Lançamento

## Conhecimento ambiental e pluralismo epistemológico. Um olhar desde as margens.

José Edmilson de Souza-Lima



**Bento, Brasil e David: o discurso regional de formação social e histórica paranaense.** Maria Julieta Weber Cordova

**Bifurcação.** Livro vencedor do II Concurso Literário Editora UFPR. Mauro Guidi-Signorelli

**Biodiversidade: a hora decisiva.** 2ª ed. Marc Jean Dourojeanni e Maria Tereza Jorge Pádua

**Bioética e vulnerabilidades.** Mário Antonio Sanches e Ida Cristina Gubert (Orgs.)

**Bioquímica: aulas práticas.** 7ª ed. Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular

**Brincando de teoria musical (edição bilíngue).** Maria Ignês Scavone Teixeira

**Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências.** Luciana Panke

**Canto gregoriano: uma abordagem introdutória.** Jacques Viret. Paulo Valente (Trad.)

**Carl Schmitt: uma introdução.** Stefano Pietropaoli. João Paulo Arrosi (Trad.)

**Catálogo de moluscos marinhos do Museu de História Natural Capão da Imbuia (MHNCI) – Paraná, Brasil.** Adelinnyr A. Moura Cordeiro, Augusto L. Ferreira-Junior e Theresinha M. Absher (Orgs.)

**Cegueira e normatividade social: a reconstrução da subjetividade frente à perda tardia da visão.** Fernanda Melo

**Cela enorme, A. e. e. cummings.** Luci Collin (Trad.)

**Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão.** Marilene Weinhardt e Mauricio Mendonça Cardozo (Orgs.)

## + vendidos

Som do filme, O. Uma introdução. 2ª ed. Rodrigo Carreiro (Org.)

Jörn Rüsen e o ensino da história. 2ª ed. Jörn Rüsen

Anatomia da melancolia, A. – volume I – Demócrito Júnior: ao leitor. Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

## Ensinar alemão no Brasil: percursos e procedimentos.

Catarina Portinho-Naujack, Ruth Bohunovsky e Virgínia Wruck (Orgs.)



**Comentário de texto filosófico.** Évelyne Rogue. Eduardo Barra (Org.). Bruna Abrahão et al. (Trad.)

**Cômico, O.** Concetta D'Angeli e Guido Paduano. Caetano W. Galindo (Trad.)

**Como se faz uma novela.** Miguel de Unamuno. Lucas P. Lazaretti (Trad.)

**Condição de estrangeiro, A. Literatura e exílio em Francisco Ayala.** Isabel Jasinski

**Confederação dos Tamoios, A.** Edição fac-similar seguida da polêmica sobre o poema. Domingos José Gonçalves de Magalhães

**Conhecimento ambiental e pluralismo epistemológico. Um olhar desde as margens.** José Edmilson de Souza-Lima

**Conservação da biodiversidade em paisagens antropizadas do Brasil.** Carlos A. Peres et al. (Orgs.)

**Constituição de 88: trinta anos depois.** Cristina Buarque de Hollanda, Luciana Fernandes Veiga e Oswaldo E. do Amaral (Orgs.)

**Curitiba e o mito da cidade modelo.** Dennison de Oliveira

**Cursos de português como língua estrangeira no CELIN-UFPR: práticas docentes e experiências em sala de aula.** Bruna Pupatto Ruano, Joviana Maria Perin dos Santos e Lygia Maria Leite Saltini (Orgs.)

**Da construção ao desmanche: análise do projeto de desenvolvimento paranaense.** Francisco de Borja Baptista de Magalhães Filho

**Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a capital ecológica.** Salete Kozel

**David Émile Durkheim: a atualidade de um clássico.** Márcio de Oliveira e Raquel Weiss (Orgs.)

**Décadas valiosas na história da reprodução humana no Paraná (1960-1970).** Ivo Carlos Arnt

**Democratização da educação superior: o caso de Cuba.** Regina Maria Michelotto

**Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.** Linda Tuhiwai Smith. Roberto G. Barbosa (Trad.)

## + vendidos

Anatomia da melancolia, A. – volume III – A segunda partição: a cura da melancolia. Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

Anatomia da melancolia, A. – volume IV – A terceira partição: melancolia amorosa. Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

**Desenhos, palavras e números: as marcas da matemática na escola.** Maria Lucia Faria Moro e Maria Tereza Carneiro Soares (Orgs.)

**Desenvolvimento da linguagem oral e escrita.** Sandra R. K. Guimarães e Maria Regina Maluf (Orgs.)

**Desenvolvimento do Eu, O. Ética, política e justiça em John Stuart Mill.** Gustavo Hessmann Dalaqua

**Design pop no Brasil dos anos 1970, O. Domesticidades e relações de gênero na decoração de interiores.** Marinês R. dos Santos

**Dialética do ideal, A. Escritos de E. V. Ilienkov.** E. V. Ilienkov. Marcelo José de Souza e Silva (Trad. e Org.)

**Diálogos com Bakhtin.** Carlos Alberto Faraco, Gilberto de Castro e Cristovão Tezza (Orgs.)

**Diário de Sandholm.** Dina Yafasova. Vinicius Mariano de Carvalho, Fernanda Gláucia Pinto, Louise Lauritsen e Eileen Petersmann (Trad.)

**Diário do Beagle, O.** Charles Darwin. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)

**Dicionário de epônimos.** Enny Arlette Pioli Bassetti e Manuela Bassetti de Souza Lima

**Direito, mercantilização e justiça.** Eneida Desiree Salgado e Emerson Gabardo (Orgs.)

**Disseminando conhecimentos e práticas: o PIBID na UFPR.** Leonir Lorenzetti et al. (Orgs.)

**Do som ao sinal: história da notação musical.** Jean-Yves Bosseur. Marco Aurélio Koentopp (Trad.)

**Dogmatismo e antidogmatismo: filosofia crítica, vontade e liberdade: uma homenagem a Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola.** Eduardo R. da Fonseca et al.

**Duas Clarices, As. Entre a Europa e a América – leitura e tradução da obra de Clarice Lispector na França e no Quebec.** Lúcia Peixoto Cherem

**E a cidade desperta.** Harry Crowl

**Edição de diálogos no cinema: a fala cinematográfica como um elemento sonoro.** Débora Opolski

**Educação do campo: território, escolas, políticas e práticas educacionais.** Maria Antônia de Souza e Geysy Dongley Germinari (Orgs.)

**Educação e movimentos sociais do campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2015.** Maria Antônia de Souza (Org.)

Em busca da mente musical. Beatriz Senoi Ilari (Org.)

## Lançamento

### Escrituras da violência na literatura latino-americana.

Andre Rezende Benatti e Livia Santos de Souza (Orgs.)

Editora  
UFPR

**Educação física escolar e ditadura civil-militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência e outros estudos.** Marcus Aurelio Taborá Oliveira

**Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964-1985).** Nadia G. Gonçalves e Serlei M. F. Ranzi (Orgs.)

**Eichmann em Jerusalém: 50 anos depois.** Marion Brepohl (Org.)

**El buen vivir, interculturalidades y mundialización: una mirada desde América Latina.** Juan Carlos Skeues e Antonio Marcio Haliski (Orgs.)

**Elementos de epistemologia da geografia contemporânea.** Francisco Mendonça e Salete Kozel (Orgs.)

**Elias Alexandre da Silva Correia: um militar brasileiro em Angola.** Magnus Roberto de Mello Pereira e Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz

**Élites en las Américas: diferentes perspectivas.** Adriano Codato e Fran Espinoza (Comps.)

**Em busca da mente musical.** Beatriz Senoi Ilari (Org.)

**Empresários, desenvolvimento, cultura e democracia.** Paulo Roberto Neves Costa e Juarez Varallo Pont (Orgs.)

+ vendidos

O presidente.  
**Thomas Bernhard.**  
Gisele Eberspächer e Paulo Rogério Pacheco Junior (Trad.).

Sonoridades brasileiras – método para flauta doce soprano.  
**Renate Weiland, Angela Sasse e Anete Weichselbaum**

Arte de praticar violino, A.  
**Robert Gerle.**  
João Eduardo Tilton (Trad.)

Editora  
UFPR

**Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná.** Márcio de Oliveira e José Szwako (Orgs.)

**Ensaio sobre a formação do romance brasileiro: uma antologia (1836-1901).** Fernando C. Gil

**Ensaio sobre as abelhas da região neotropical: homenagem aos 80 anos de Danúcia Urban.** Antonio J. C. Aguiar, Rodrigo B. Gonçalves e Kelli S. Ramos (Orgs.)

**Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos.** Ruth Bohunovsky (Org.)

**Ensinar alemão no Brasil: percursos e procedimentos.** Catarina Portinho-Nauaiack, Ruth Bohunovsky e Virgínia Wruck (Orgs.)

**Epigrama: Catulo e Marcial.** Robson Tadeu Cesila

**Equinócio dos sabiás, O. Aventura científica no seu jardim tropical.** Marcos Rodrigues

**Escrever Entre Mundos: literaturas sem morada fixa.** Ottmar Ette. Rosani Umbach, Dionei Mathias e Teruco Arimoto Spengler (Trad.)

**Escrituras da violência na literatura latino-americana.** Andre Rezende Benatti e Livia Santos de Souza (Orgs.)

## Lançamento

### Experiência e política no pensamento de Michel Foucault.

Daniel Verginelli Galantin

Editora  
UFPR

**Estado da arte e perspectivas para a Zooloogia no Brasil.** Rosana Moreira e Walter Antonio P. Boeger

**Estigma, discriminação e lepra.** Ricardo Luiz de Souza

**Estreita passagem, Uma. O conceito de corpo nas obras de Schopenhauer e Freud.** Eduardo Ribeiro da Fonseca

**Estrelinhas brasileiras – volume I (com CD).** 2ª ed. Maria Ignês Scavone de Mello Teixeira

**Estrelinhas brasileiras – volume II (com CD).** Maria Ignês Scavone de Mello Teixeira

**Estudos sobre motivação e emoção em cognição musical.** Rosane Cardoso de Araújo e Danilo Ramos (Orgs.)

**Ética e estética nos estudos literários.** Marilene Weinhardt et al. (Orgs.)

**Eutrofização em reservatórios: gestão preventiva – estudo interdisciplinar na Bacia do Rio Verde, PR.** Cynara L. N. Cunha et al. (Eds.)

**Experiência e política no pensamento de Michel Foucault.** Daniel Verginelli Galantin

**Fantástico, O.** Remo Ceserani. Cezar Tridapalli (Trad.)

**Ficção reunida.** Lúcia Miguel Pereira

**Filosofias da alteridade no Século das Luzes: Diderot, Fontenelle, Kant, Rousseau.** Ulysses Pinheiro

**Flexíveis, virtuais e precários? Os trabalhadores em tecnologias de informação.** Maria Aparecida Bridi e Jacob Carlos Lima (Orgs.)

**Formação de um cineasta, A.** Sylvio Back na cena cultural de Curitiba nos anos 1960. Rosane Kaminski

**Formação em políticas sobre drogas.** Maria Virginia Filomena Cremasco e Dione Maria Menz (Orgs.)

**Fotolivros: (in)definições, histórias, experiências e processos de produção.** Marina Feldhues Ramos

**Foucault e a crítica do sujeito.** 2ª ed. Inês Lacerda Araújo

+ vendidos

Equinócio dos sabiás, O.  
Aventura científica no seu jardim tropical.  
**Marcos Rodrigues**

**Foucault: verdade e loucura no nascimento da arqueologia.** Thiago Fortes Ribas

**Francisco José de Lacerda e Almeida: um astrônomo paulista no sertão africano.** Magnus Roberto de Mello Pereira e André Akamine Ribas (Coords.)

**Froissart e o tempo.** Michel Zink. Carmem Lúcia Druciak e Marcella Lopes Guimarães (Trad.)

**Fronteira, A.** David Cureses. Maria Fernando Gárbero (Trad.)

**Genealogia da psicanálise: o começo perdido.** Michel Henry. Rodrigo Vieira Marques (Trad.)

**Gênero e consumo no espaço doméstico: representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil.** Inéz Pérez e Marinês Ribeiro dos Santos (Orgs.)

**Geodésia celeste.** Camil Gemael e José Bittencourt de Andrade

**Gestão das paixões políticas, A.** Pierre Ansart. Jacy Seixas (Trad.)

**Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas.** 2ª ed. rev. e amp. Renata Senna Garraffoni

**Gramáticos latinos, Os. Varrão, Quintiliano, Donato e Prisciano.** Fábio Fortes e Julia Burghini

**Guia do observador de aves.** Fernando C. Straube

**Hamlet no Brasil.** Anna Stegh Camati e Célia Arns de Miranda (Orgs.)

**Hanseníase: a voz dos que sofreram o isolamento compulsório.** Dilene R. do Nascimento e Vera Regina Beltrão Marques (Orgs.)

**Hegemonia e cultura: Gramsci.** 3ª ed. rev. Anita Helena Schlesener

**História da Análise do Comportamento no Brasil em Autobiografias – volume 1.** Bruno Angelo Strapasson, Alexandre Dittrich e Robson Nascimento da Cruz (Orgs.)

**História e conhecimento: suas conexões e perspectivas.** Sérgio Paulo Muniz Costa

**História natural e conservação da Ilha do Mel.** Márcia C. M. Marques e Ricardo Miranda de Brites (Orgs.)

**História toda sua, Uma. Trajetória de historiadoras brasileiras (1934-1990).** Carmem Sílvia da Fonseca Kummer Liblik

**História, ciência, saúde e educação: a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (1912-1946).** Erica Piovam de Ulhôa Cintra

**Imaginação como presença: o corpo e seus afetos na experiência literária.** Ligia Gonçalves Diniz

## Lançamento

### Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas.

Renata Senna Garraffoni

Editora  
UFPR

Gestão das paixões políticas, A.  
**Pierre Ansart.**  
Jacy Seixas (Trad.)

História da Análise do Comportamento no Brasil em Autobiografias. – volume 1.  
**Bruno Angelo Strapasson, Alexandre Dittrich e Robson Nascimento da Cruz (Orgs.)**

**Gramáticos latinos, Os. Varrão, Quintiliano, Donato e Prisciano.**

Fábio Fortes e Julia Burghini

EDITORA  
UNICAMP

Editora  
UFPR

**Jörn Rüsen e o ensino da história.** 2ª ed. Jörn Rüsen

**Jornalismo cultural e crítica: a literatura brasileira no suplemento Mais!** Marcelo Lima

**Jovens de Curitiba, Os. Esperanças e desencantos.** 2ª ed. Ana Luisa Fayet Sallas et al.

**Jovens, consumo e convergência midiática.** Regiane Ribeiro (Org.)

**Lanço, o terço e os quinhões, O. Reciprocidade e troca na pesca coletiva da tainha na Ilha do Mel.** Evandro Cardoso do Nascimento

**Lar em terra estranha, Um. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba e o processo de individualização feminina nas décadas de 1950 e 1960.** Ana Paula Vosne Martins

**Latino-americanizando o Brasil: a crítica literária e o diálogo transnacional.** Thyse Leal Lima

**Legado democrático e apoio à democracia na América Latina: evidências e mecanismos explicativos.** Gabriel Ávila Casalecchi

**Leituras contemporâneas da modernidade.** Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)

**Lentes, pincéis e páginas: discurso de mulheres.** Anna Beatriz da Silveira Paula e Miriam Adelman (Orgs.)

**Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha.** Maria T. Silva Bega

**Linguagem e discurso.** Eugenio Coseriu e Oscar Loureda Lamas. Ceília Ines Erthal (Trad.)

**Linguística chomskyana e ideologia social.** Augusto Ponzio. Carlos Alberto Faraco (Trad.)

**Literaturas em trânsito, teorias peregrinas.** Isabel Jasinski (Org.)

**Luteria: coletânea de termos técnicos.** Rodrigo Mateus Pereira e Bogdan Skorupa et al. (Col.)

**Lutos coletivos e criação social.** Jean-Claude Métraux. Eduardo Nadalin (Trad.)

**Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT.** Maria Simone Utida dos Santos Amadeu et al.

**Imigração ucraniana ao Paraná, A. Memória, identidade e religião.** Paulo Renato Guérios

**Impactos socioambientais urbanos.** Francisco Mendonça (Org.)

**Inclusão racial e social: considerações sobre a trajetória UFPR.** Norma da Luz Ferrari-ni e Dirlene Ruppel (Orgs.)

**Indivíduo inquietante: sob o signo de Lope de Aguirre, O.** Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)

**Instrumentos e indicadores para avaliar a creche: um percurso de análise da qualidade.** Laura Cipollone (Org.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)

**Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950).** Névio de Campos

**Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964).** Carlos Eduardo Vieira (Org.)

**Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980.** Carlos Eduardo Vieira, Dulce Regina Baggio Osinski e Marcus Levy Bencostta (Orgs.)

**Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista: estudo sobre a CODEPAR – Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná.** 2ª ed. Maria Helena Oliva Augusto

**Intriga e amor: uma tragédia burguesa em cinco atos.** Friedrich Schiller. Mario Luiz Frungillo (Trad.)

**Introdução à filosofia da ciência.** 3ª ed. rev. Inês Lacerda Araújo

**Introdução à geodésia física.** Camil Gemael

**Introdução à metafísica da natureza, Uma. Representação, realismo e leis científicas.** Michel Ghins. Eduardo Barra e Ronei Clécio Mocellin (Trad.)

**Introdução ao manejo e economia de florestas.** Roberto Tuyoshi Hosokawa, José Brandão de Moura e Ulisses Silva da Cunha

**Investigações fenomenológicas: em direção a uma fenomenologia da vida.** Renaud Barbaras

**Itinerários. Livro vencedor do I Concurso Literário Editora UFPR.** Thássio Ferreira

**Jaguareté: o encontro – um RPG ambientado no universo indígena brasileiro do século XVI.** Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná

**João da Silva Feijó: um homem de ciência no Antigo Regime português.** Magnus R. de Mello Pereira e Rosângela M. F. dos Santos

+ vendidos

**Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica.** Roberto Esposito. Angela Couto Machado Fonseca et al. (Trad.)

**Coletânea de termos técnicos de entomologia.** 2ª ed. Zundir José Buzzi

**Colapso: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo.** Carlos Taibo. Marília Andrade Torales Campos e Andréa Macedônio de Carvalho (Trad.)

**História da análise do comportamento no Brasil em autobiografias – volume 1.**

Bruno Angelo Strapasson, Alexandre Dittrich e Robson Nascimento da Cruz (Orgs.)

Editora  
UFPR

**Margem do(s) cânone(s), À. Pensamento social e interpretações do Brasil.** Alexandro Dantas Trindade, Hilton Costa e Diogo da Silva Roiz (Orgs.)

**Margem do(s) cânone(s) II, À. Pensamento social e interpretações do Brasil.** Alexandro Dantas Trindade, Hilton Costa e Simone Meucci (Orgs.)

**Margem do(s) cânone(s) III, À. Arte e produção cultural.** Simone Meucci, Hilton Costa e Alexandro Dantas Trindade (Orgs.)

**Marinas (2003/04) para piano.** Harry Crowl

**Marxismo como ciência social.** Adriano Codata e Renato Perissinotto

**Medida do exagero e o apocalipse cristão, A. Uma breve digressão sobre a gênese do risco na sociedade ocidental.** Caetano Fischer Ranzi

**Medindo a diversidade biológica.** Anne E. Magurran. Dana Moiana Vianna (Trad.)

**Memória do arquiteto: pioneiros da arquitetura e do urbanismo no Paraná.** Andréa Berriel e Juliana Suzuki (Orgs.)

**Memória histórica de Morretes.** Antonio V. dos Santos. André L. M. Cavazzani e Sandro A. R. Gomes (Orgs.)

**Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velhos.** Marisete Teresinha Hoffmann-Horochofski

**Mentes em música.** Beatriz Senoi Ilari e Rosane Cardoso de Araújo (Orgs.)

**Métodos de estudos em biologia da conservação & manejo da vida silvestre.** 2ª ed. Laury Cullen Jr., Rudy Rudran e Cláudio Valladares-Padua (Orgs.)

**Metrópole imaginária, A.** André Azevedo da Fonseca

**Migrações na América Latina contemporânea: processos e experiências humanas.** Gislene Santos e Nádia P. Floriani (Orgs.)

**Modelo da estratégia argumentativa: análise da fala e de outros registros em contextos interativos de aprendizagem.** Monica Rabello de Castro e Janete Bolite Frant

+ vendidos

**Poema imperfeito, O. Crônicas de biologia, conservação da natureza e seus heróis.** 3ª ed. rev. Fernando Fernandez

**Bioquímica: aulas práticas.** 7ª ed. Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular

**Paisagens culturais.** Giuliana Andreotti. Ana Paula Bellenzier et al. (Trad.). Iria Zanoni Gomes (Rev.).

**Latino-americanizando o Brasil: a crítica literária e o diálogo transnacional.**

Thyse Leal Lima

Editora  
UFPR

**Narrativa transmídia made in Brazil: práticas na indústria do entretenimento nacional.**

Rafael José Bona



**Olhares sobre a América: história e filosofia.** Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)

**Ópera do mendigo.** A. John Gay. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)

**Outros dos outros, Os. Relações de alteridade na etnologia sulamericana.** Edilene Coffaci de Lima e Lorena Córdoba (Orgs.)

**Paisagem como cifra de harmonia, A. Relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico.** Fernando Aliata e Graciela Silvestri. Paulo Chiesa (Trad.)

**Paisagem sonora do Boi de Mamão paraense: uma geografia emocional.** Beatriz Helena Furlanetto

**Paisagens culturais.** Giuliana Andreotti. Ana Paula Bellenzier et al. (Trad.). Iria Zanoni Gomes (Rev.).

**Paisagens da fenomenologia francesa.** Rodrigo Vieira Marques e Ronaldo Manzi Filho (Orgs.)

**Palcos e jornais: representações do teatro em Curitiba entre 1900 e 1930.** Marta Morais da Costa

**Papel para a história, Um. O problema da historicidade da ciência.** Mauro Lúcio Leitão Condé

Lançamento

**Para conhecer, escute seu corpo. Diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza.**

José Vicente Carnero



**Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente.** Nilson Fernandes Dinis e Liane Maria Bertucci (Orgs.)

**Mundo rural e ruralidades.** Alfio Brandenburg (Org.)

**Museu dos Instrumentos Musicais (MIMU).** Juarez Bergmann Filho (Org.)

**Nanoelementos da mesoeconomia: uma economia que não está nos manuais.** Huáscar Fialho Pessali

**Narrativa transmídia made in Brazil: práticas na indústria do entretenimento nacional.** Rafael José Bona

**Naturalista e outros animais, Um. Histórias de uma vida em campo.** George B. Schaller. Peter G. Crawshaw Jr. (Trad.)

**Nihilismo e grande política em Nietzsche: a aurora da superação humana a partir da morte de Deus.** João Paulo Simões Vilas Bôas

**Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX.** Renata Palandri Sigolo

**Nomes populares de insetos e ácaros do Brasil.** Zundir José Buzzi

**Novo tratado de acompanhamento para cravo, órgão e outros instrumentos, de Monsieur de Saint Lambert.** Monsieur de Saint Lambert. Anaiz Dessartre Mendonça (Trad.)

**Oásis de sombra e luz em cada escola, Um. As escolinhas de arte e a formação do homem do futuro (1960-1970).** Ricardo C. Antonio

**Obediência, autoritarismo e foro interior.** Marion Brepohl e Roseli Boschilia (Orgs.)

+ vendidos

**Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês.** Viviane M. Alessi e Marynelma C. Garanhani

**Diário do Beagle, O. Charles Darwin.** Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)

**Métodos de estudos em biologia da conservação & manejo da vida silvestre.** 2ª ed. Laury Cullen Jr., Rudy Rudran e Cláudio Valladares-Padua (Orgs.)

**Religião e pluralidade no Império Romano: um debate necessário.**

Greg Woolf. Pedro Paulo Abreu Funari e Renata Senna Garraffoni (Orgs.).

Guilherme Floriani Saccomori et al. (Trad.)



**Para conhecer, escute seu corpo. Diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza.** José Vicente Carnero

**Para pensar outra agricultura.** 2ª ed. Angela Duarte Damasceno Ferreira e Alfio Brandenburg (Orgs.)

**Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais.** Ciméa Barbato Bevilaqua e Felipe Vander Velden (Orgs.)

**Parque Estadual Pico do Marumbi.** Edson Struminski

**Participação e qualidade em Educação da Infância: percursos de compartilhamento reflexivo em contextos educativos.** Anna Bondioli e Donatella Savio (Orgs.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)

**Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965), O.** Alessandro Batistella

**Planejamento, implantação e manejo de trilhas em unidades de conservação.** Larry Lechner

**Poder e religiosidade: o espaço do sagrado no século XXI.** Euclides Marchi e Marion Brepohl (Orgs.)

**Poema imperfeito, O. Crônicas de biologia, conservação da natureza e seus heróis.** 3ª ed. rev. Fernando Fernandez

**Política externa e relações diplomáticas na Antiguidade Tardia.** Bruno Miranda Zétola

**Políticas de memória e experiências de (des)exílio.** Marion Brepohl e Marcos Gonçalves (Orgs.)

**Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais.** Marcella Lopes Guimarães (Org.)

**Portuguesas na diáspora: histórias e sensibilidades.** Roseli Boschilia e Maria Luiza Andreazza (Orgs.)

**Poucos, muitos, todos: lições de história da democracia.** Pietro Costa. Luiz Ernani Fritoli (Trad.)

**Pragmática e filosofia da mente I: o pensamento na linguagem.** Marcelo Dascal. Rodrigo B. de Faveri (Trad.)

**Práticas do filme etnográfico.** Paulo Guérios

**Presidente, O.** Thomas Bernhard. Gisele Eberspächer e Paulo Rogério Pacheco Junior (Trad.)

**Processos de criação de unidades de conservação na floresta com araucárias: o caso do Parque Nacional dos Campos Gerais, ímpar na história da política ambiental brasileira.** Emerson A. de Oliveira

**Professora Julia Wanderley: uma mulher-mito (1874-1918).** Silveite Aparecida Crippa de Araujo

**Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba.** Alessandro Filla Rosaneli e Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)

**Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações.** Maria Helena Fávero

**Psiquismo e vida: sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche.** Eduardo Ribeiro da Fonseca

**Reabilitação nas ataxias: orientação multiprofissional aos pacientes, cuidadores e profissionais.** Marise Bueno Zonta, Lúcia Helena Coutinho dos Santos e Hélio Afonso Ghizoni Teive (Orgs.)

**Relato da jornada de Pedro de Orsúa a Omágua e a El Dorado: crônica de Lope de Aguirre.** Hernán Neira. Nilce Siqueira Pedra (Trad.)

**Religião e pluralidade no Império Romano: um debate necessário.** Greg Woolf. Pedro Paulo Abreu Funari e Renata Senna Garraffoni (Orgs.). Guilherme Floriani Saccomori et al. (Trad.)

**Reprodução assistida post mortem: aspectos jurídicos de filiação e sucessório.** Juliane Fernandes Queiroz

**Reverso da cura, O. Erro e efeitos adversos do trabalho médico.** Maria Marce Moliani

**Revisões em Zoologia: Mata Atlântica.** Emygdio Leite de Araujo Monteiro-Filho e Carlos Eduardo Conte (Orgs.)

**Revolução e cultura em Gramsci.** Ed. rev. Anita Helena Schlesener

**Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin.** Viviane Maria Alessi

**Rose Ausländer.** Simone Brantes

**Saber Sobre Viver: A (o)missão da filologia.** Ottmar Ette. Paulo Soethe e Rosani Umbach (Trad.)

**Saberes da manutenção: uma visão sistêmica.** Enon Laércio Nunes

Lançamento

**Sérgio Buarque de Holanda: escrita de si e memória (1969-1986).**

Raphael Guilherme de Carvalho



**Virginia Woolf.**

Jaqueline Bohn Donada  
(Org., trad. e notas)



**Saberes, paisagens e territórios rurais da América Latina.** *Nicolas Floriani e Narciso Barrera-Bassols (Orgs.)*

**Salomão e as mulheres (edição fac-similar).** *Jorge de Lima*

**Saudade do matão: relembrando a história da conservação da natureza no Brasil.** *Teresa Urban*

**Saúde e Sistema Único de Saúde: estudos socioanalíticos.** *José Miguel Rasia e Claire Tezrinha Lazzaretti (Orgs.)*

**Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889).** *Magnus Roberto de Mello Pereira*

**Sentido da nova lógica, O. 2ª ed.** *W. O. Quine*

**Sentidos e sensibilidades: sua educação na história.** *Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (Org.)*

**Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções.** *Marion Brepohl, André Mendes Capraro e Renata Senna Garraffoni (Orgs.)*

**Sérgio Buarque de Holanda: escrita de si e memória (1969-1986).** *Raphael Guilherme de Carvalho*

**Shakespeare sob múltiplos olhares. 2ª ed.** *Anna Stegh Camati e Célia Arns de Miranda (Orgs.)*

**Síndrome do X Frágil: pessoas, contextos & percursos.** *Vitor Franco (Org.)*

**(Socio)Ecologismo dos povos do Sul: clamores por justiça.** *José Edmilson de Souza-Lima e Sandra Mara Maciel Lima (Orgs.)*

**Som do filme, O. Uma introdução. 2ª ed.** *Rodrigo Carreiro (Org.)*

**Sonoridades brasileiras: métodos para flauta doce soprano.** *Renate Weiland, Ângela Sasse e Anete Weichselbaum*

**Suíte antiga brasileira.** *Harry Crowl*

**Teatro em francês: quando o meio não é a mensagem.** *Walter Lima Torres (Org.)*

**Teatro reunido.** *Lúcio Cardoso*

**Teoria crítica do juízo de imputabilidade criminal: a partir da história do encontro entre o saber jurídico e o saber psiquiátrico.** *Joe Tennyson Velo*

**Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade.** *Marlene Tamanini, Roseli Boschilia e Sônia Fátima Schwendler (Orgs.)*

**Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica.** *Roberto Esposito e Angela Couto Machado Fonseca et al. (Trad.)*

**Terra, A. Astronomia popular: descrição geral do céu.** *Nicolas Camille Flammarion. Cristian Cláudio Quinteiro Macedo (Trad.)*

**Territórios de tradições e de festas.** *Maria Geralda de Almeida (Org.)*

**Testemunho da poesia, O. Seis conferências sobre as aflições de nosso século.** *Czeslaw Milosz. Marcelo Paiva de Souza (Trad.)*

**Textos sobre Curitiba: investigações sobre a cidade e seus arredores.** *Alessandro Filla Rosaneli e Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)*

**Thomas Bernhard e seus seres vitais: fotos, documentos, manuscritos.** *Martin Huber, Manfred Mittermayer e Peter Karlhuber (Eds.). Ruth Bohunovsky e Daniel Martineschen (Trad.)*

**Tiestes.** *Lúcio Aneu Sêneca. José Eduardo S. Lohner (Trad., notas, estudos)*

**Tópicos de filosofia francesa contemporânea.** *Leandro Neves Cardim (Org.)*

**Tornando os parques eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos.** *John Terborgh et al. (Orgs.)*

**Trama na história, Uma. A criança no processo de escolarização primária nas últimas décadas do período imperial.** *Juarez José Tuchinski dos Anjos*

**Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt.** *Alessandro Jocelito Beccari*

**Travesseiro de pedra: entretecendo discursos sobre as escutas de doentes.** *Vânia Regina Mercer*

**Travessia: uma história de amor.** *Anna Seghers. Daniel Martineschen (Trad.)*

**Trincheiras, resistências e utopias pedagógicas: escolas alternativas em Curitiba durante a ditadura militar.** *Maria Rosa Chaves Künzle*

**Triplíce fronteira, A. Espaços nacionais e dinâmicas locais.** *Lorenzo Macagno, Silvia Montenegro e Verónica Giménez Béliveau (Orgs.)*

**Villa-Lobos, um compêndio: novos desafios interpretativos.** *Paulo T. Salles e Norton Dudeque (Orgs.)*

**Virginia Woolf.** *Jaqueline Bohn Donada (Org., trad. e notas)*

**Xadrez e educação: contribuições da ciência para o uso do jogo como instrumento pedagógico.** *Wilson da Silva (Org.)*

**Xadrez para todos: a ginástica da mente.** *Wilson da Silva*

**DICA DO EDITOR**

*Colapso*, de Carlos Taibo (Editora UFPR): O diagnóstico de Taibo sobre o futuro é assustador: o sistema vai colapsar; e não demorará muito para que isso aconteça. Entender precisamente o que causará essa hecatombe planetária é o objetivo do professor espanhol. Para isso, analisa o esgotamento das matérias-primas, a falta de água, a fome, as guerras etc. Mas não há apenas destruição no estudo; algumas alternativas possíveis são apontadas como saída para a crise iminente.



# Concurso Literário

Luci Collin

2020



Detalhe de *Jardim de papel* (2013), de Dulce Osinski: obra composta em acrílica sobre papel.

A Comissão Organizadora da XXII Semana de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) realizou, em 2020, a segunda edição do Concurso Literário Luci Collin, novamente com o gênero “contos”. A participação, antes restrita aos alunos de Letras da UFPR, foi ampliada a todos os graduandos e pós-graduandos da instituição, de qualquer curso. Os três melhores contos foram divulgados durante o encerramento da XXII Semana de Letras, que ocorreu em outubro de 2020. Os contos ganhadores, *O peso do mundo*, de Alex Brasil, *Também o tempo senta-se à mesa*, de Eduardo Forgiarini, e *O que vem depois do fim*, de Layla Gabriel de Oliveira, podem ser conferidos nas páginas seguintes.

primeiro lugar 2020 | conto

# O peso do mundo

— por *Alex Brasil\**

*aqui dentro sou menino, e aqui também, dentro da cabeça, e dentro do corpo todo sei que eu sou mesmo não sabendo como é que se é por dentro.*

*Eu precisaria de alguém que me "ouvisse",  
mas que me ouvisse sentindo cada palavra como um tiro ou uma facada. [...]  
Cada uma tem seu significado sangrento.  
Ariano Suassuna*

POR QUE É QUE deus fez isso comigo, mãe?

deixa de ser boba, menina.

deus foi mau comigo, muito mau. que que eu fiz pra ele além de nascer?

a mãe baixou as agulhas de crochê, o olho direito só lágrima, o esquerdo tremelique:

deixa de ser boba. deus não erra nunca, nunquinha.

eu não pedi pra nascer, mãe, eu só nasci. e aí nasci desse jeito, tudo errado.

errado como, menina?

a criança levou a mão direita da mãe até o coração:

aqui. aqui dentro sou menino, e aqui também, dentro da cabeça, e dentro do corpo todo sei que eu sou mesmo não sabendo como é que se é por dentro mas eu imagino e sinto nos meus ossos nos meus dedos das mãos e dos pés e até nos fios dos cabelos e na ponta do nariz, só que tem uma parte errada em mim, acho que deus colocou errado ou se esqueceu de colocar, não sei, queria que a senhora me ajudasse a entender.

qual parte, querida?

a criança pegou a outra mão da mãe e levou ao ventre:

aqui. acontece que na fábrica de deus, bem na minha vez, ele se distraiu um pouquinho e esqueceu de colocar aquela coisa que todos os meninos têm, menos eu. o que eu tenho é um nada, uma fenda, um vazio, um corte.

deus não erra, minha filha, nós somos feitos à sua imagem e semelhança.

mas, mãe, deus errou comigo, eu sei que errou. ele quis me castigar, quis me punir por alguma coisa que fiz na vida passada.

quê?

vida passada, mãe, reencarnação.

sim, filha, eu sei, mas onde é que cê viu isso?

na internet, mãe. na aula de informática pesquisei sobre isso de menino se sentir preso em corpo de menina feito maldição e entre tantas coisas tinha uma que dizia que um homem que foi muito malvado no passado muito pilantra xexelento vagabundo cachorroto e afins nasceria mulher na reencarnação seguinte pra ver se aprendia a ser gente mas depois eu vi uma frase dizendo não se nasce mulher torna-se e não entendi mais nada e queria que a senhora me ajudasse a entender por favor mãezinha eu imploro

ai filha hoje a mãe tá cansada mas amanhã

mãe por favor

pergunta pro teu pai

Verdade seja dita: era tudo culpa da nossa ex-vizinha, a viúva negra, que tinha dois filhos e um marido, mais uma amante que, vejam só, convivia com eles dentro da mesma casa. O marido, corno manso que era, não levantava a voz, não dizia nada, só aceitava. Eu, no lugar dele, tinha tacado

fogo no barraco. Acabou que, no final das contas, o marido ficou no quarto de hóspedes, e as mulheres ocupavam a cama de casal, do matrimônio. O filho mais velho saiu cedo de casa, casou, foi pro Nordeste. O filho mais novo era especial (é assim que se diz?), aí acabou ficando, ficando, até que o pai morreu, do nada, de um dia pro outro. Podem dizer que é coisa de novela, sim, mas tenho certeza que foi a viúva negra quem matou o marido. Ninguém fala sobre, todos têm medo. Mas eu falo.

O que é que isso tudo tem a ver? Diacho: o filho especial (acho que é assim mesmo) era o melhor amigo da minha filha. E o melhor, ou pior de tudo, é que era apaixonado por ela. E ela nunca quis nada com ele, não sei se porque ele era daquele jeito, com as mãozinhas tortas, ou se por conta das histórias que ele contava. Tenho certeza que ele contava pra ela todo o dia a dia das mulheres dentro da casa, o caos, a imundície. Devia era ouvir e ver as piores barbaridades, o coitadinho. Então, tá aí: minha filha foi influenciada. Ponto. Não é difícil de entender: num dia, viu a morte do pai do menino, no outro, a viúva negra e a amante, de mãos dadas, duas mulheres, duas senhoras, uma pouca vergonha, e o amiguinho cabisbaixo, andando junto, no meio da rua, pra toda a vizinhança ver. A dita cuja cortou até o cabelo, usava camisa social, cigarro de palha na orelha, sapato. Faltava só implantar a piroca. E não queriam influenciar a menina? E não era

\***Alex Brasil** (Alexander Brasil de Siqueira) nasceu em Curitiba, em 1997. É estudante de letras da UFPR e trabalha com incentivo à leitura no Programa Curitiba Lê, da Fundação Cultural de Curitiba. Homem trans e autista, encontra na escrita o seu lugar de fala e ativismo.

pecado? No meio disso tudo, minha filha era só uma criança. Uma menina. Tudo bem, uma menina meio, digamos, hum, masculina?, não sei se é a palavra certa ou se, como diziam na minha época, meio bofinho, sapatão, caminhoneira, mulher-macho, geluda, fanfarrona, bolacheira, cola-velcro, tesoureira, fanchona, aranha de briga, maria sapatão sapatão sapatão, de dia é maria de noite é João, não, não, não, onde eu estava?

Sim: meu ex-marido. Culpa dele também. Tudo começou porque a menina dizia quero carrinho da *Hot Wheels*, e ele ia correndo comprar, e naquela época já era caro, e ele comprava mesmo assim, e depois a menina dizia quero um dinossauro, e depois quero um robô, e ele ia, sorriso no rosto. Eu não entendo. Não consigo entender. A infância ainda era boa, as crianças tinham Xuxa, tinham Angélica, a Eliana, e a desgraçada não queria Barbie nem Fofote, só queria era saber de carrinho, de *Beyblade*, de soltar pipa, brincar de bola com os rapazes da rua. E eu morria de medo. Era minha única filha, a única, e eu espiava da janela, escondida, ficava vendo ela e os rapazes brincarem na frente de casa. Nunca vi menina perto dela. Acho que tinham medo, sei lá. Mas era uma coisa bonitinha, até. A minha filha. Tinha os olhos muito verdes e os cabelos muito loiros, rebeldes, até os ombros. Eu tentei, eu juro, eu tentei colocar no balé. Ficou duas semanas. Voltava pra casa chorando. Não queria comer, não queria dormir, não queria viver. Era uma criatura muito teimosa, cabeça dura. Coloquei na capoeira: era muito violenta, não seguia as regras, os ensinamentos. Quando fez sete anos, mesa posta do jantar, pediu pra jogar futebol. Pediu não: exigiu. Só que na escola só tinha time de meninos: aí, dia de campeonato, os pais das crianças comentavam, cochichavam, se acotovelavam.

Liguei pra uma prima: ela disse que achava melhor prevenir do que remediar, que não era normal deixar a criança mandar em si mesma, que fizesse o que bem entendesse quando fosse de maior, era dever dos pais educar e transmitir os valores, etc. e tal. Aí liguei pra minha tia: católica roxa, carola, já de idade, mas de coração bom, os conselhos saudosos, e ela lembrou que a minha filha era assim desde que nasceu, o coração selvagem, nada a segurava, nem ninguém, sempre um redemoinho, passava pela casa quebrando tudo: um dia tomaria jeito, você vai ver, é coisa da idade, e isso aí de carrinho,

de dinossauro, de robô, de jogar bola, não tem nada a ver, isso de separar brinquedo de menino e de menina é bobagem, brinquedo é brinquedo, boa noite, durma com Deus.

Ah, mas eu não tive filha à toa. Filha. Menina. Nascida dia 2 de outubro de 1995: quatro kg, um útero, uma vagina, um ânus, duas mãos, dois braços, duas pernas, dois olhos, duas orelhas, um nariz, uma boca, um coração. Tudo funcionando, tudo nos conformes. Tinha até laudo médico atestando: sexo feminino: cromossomo XX confirmado. Eu e meu ex-marido, naquele tempo marido, sonhamos: casa própria, um cachorro, carro zero na garagem, o chá de bebê, as roupinhas cor-de-rosa, as camisetas da Minnie, tudo muito bonito. Então, eu achava que iria passar, que era só uma fase. A gente sempre acha que é fase. Tenta acreditar. A gente finge que não sabe, se faz de cega, de sonsa, até que a criaturinha olha bem nos olhos, bem fundo dentro da gente, pede amor, pede carinho, e a gente até que dá, mas sabe que queria que fosse diferente, que as coisas não tivessem corrido daquele jeito, desse jeito que não é o certo, não é o natural, não é o jeito de Deus. Tento lembrar minha infância, ver se somos tão diferentes assim. Ela nasceu de dentro de mim. Parte de mim, parte do que sou hoje, nasceu junto com ela. Respiro fundo. Descobri um negócio chamado *mindfulness*. Fico repetindo: o que importa é o agora. Nada é como na minha cabeça: as coisas são como são. Expiro.

Sei por ouvir dizer que ela se tornou aquilo tudo. Aquilo tudo que eu temia. E foi além. Três meses que foi morar com o pai, pasmem, só três meses, primeiro ano do colegial, começou a fazer tudo o que queria: cortou o cabelo bem curtinho, bem moleque. Comprou uma Zorba. Camisa xadrez. Calça jeans. Botas de escalar montanha. E o pai? Nada fazia, nada dizia? Achava bonito, só pode. Ex-marido é assim: faz de tudo pra se vingar da gente. Devia era achar graça. Não bastava se vestir de moleque, não: engrossava a voz, cuspiam no chão, namorava todas as meninas do colégio. E as meninas, não sentiam falta de nada? Deviam sentir. Eu é que sei? Coragem. Os boatos corriam: diziam que ela usava um par de meias no meio das pernas, e por isso é que andava daquele jeito, as pernas espaçadas, carregando o peso do mundo. A Cleide, dona da mercearia da esquina, vejam só, parou até de me cumprimentar. Fazia cara feia quando me via, empinava o nariz. Diacho.

Dia desses, a Elizete, filha da minha melhor amiga, a Rita, encontrou ela nessas coisas de rede social. Disse que procurou pelo sobrenome: o nome tinha mudado. Quis me mostrar foto. Eu não quis saber. Nadica de nada. A Elizete dizia veja, com todo o respeito, ela tá ficando muito bonita, quer dizer, é ela ou ele? E eu não sabia o que dizer, não sabia. É ela. Sempre vai ser. A Elizete passava horas vendo as fotos da transformação. Será que ela também pendia pra outros lados? Estava apaixonada? Apaixonada pela minha filha? Senti certo orgulho. Era orgulho? Repentino. Devia ser um homem bonito, sim. Mas não era homem. Não tinha o principal. Ave-maria. Estaria na faculdade? Trabalhava? Tinha futuro? E se descobrissem que não era homem de verdade? Tanta gente má nesse mundo, meu Deus. Até que teve um dia que não aguentei. Pedi pra Elizete me mostrar uma foto, só uma. Coisa rápida, cinco segundos. Quase desmaiei: e não é que ficou a cara do pai? Cuspido e escarrado. Até o tipo de bigode. Os olhos os mesmos. Os cabelos loiros agora com corte estilo militar. É: eu precisava falar com a minha filha. Com o meu filho. Precisava saber se ela, se ele, estava bem. Daí a Elizete conseguiu o telefone dela. Dele. Apreendi a usar o tal do Zap. Fiz a coisa à moda antiga, feito carta. A Elizete chamou de textão, disse que a mensagem chegou, que ela, que ele visualizou, que tinha dois tracinhos azuis do lado. Não respondeu ainda. Azar. Problema dela. Dele.

Corria, pés descalços, jogando a camisa pro alto, pro vento levar. O passado enterrado sob a sola, o ar indo e vindo, batendo no peito, arrepiando os pelos, os mamilos recém-costurados, horas e horas numa mesa cirúrgica. Primeira vez sem camisa: dia sonhado, moedas guardadas num porquinho: o gosto agridoce de ser a imagem da cabeça de criança, o homem do espelho, vindo do futuro. No alto, gaiotas assistindo ao milagre: renascer. Devagar, entrou na água: ficou: pele enrugada feito banho demorado. Permaneceu até o anoitecer quando, em silêncio, voltou a pisar em terra firme. Levou as mãos ao peito: fechou os olhos: abriu: fechou: abriu: tudo continuava ali. O peito lisinho: a pele colada ao músculo. Levou as mãos cruzadas aos ombros, num abraço. Dançou seu baile fúnebre, valsa pro seu outro corpo, até cair e adormecer sob a maresia.

segundo lugar 2020 | conto

# Também o tempo senta-se à mesa

— por *Eduardo Forgiarini\**

*Tem o prazer absoluto de feri-la. Tem a sensação embriagante do meu cinto arrancar-lhe a pele, até chegar à carne, até sentir o cheiro doce da sua pequenez.*

Detalhe de *Mar* (2020-2021), de Dulce Osinski: obra composta em aquarela sobre papel (instalação).

TENHO TAMBÉM, dentro de mim, bem no fundo, reservas colossais de tempo<sup>1</sup>. Mas sou um homem pequeno. Os calos das minhas mãos machucam os talheres que tomo de sobre a mesa. Minha vista está cansada. Meus ouvidos escutam pouco, o essencial. Minha voz quase extinguiu-se. Minha boca, rude, perdeu-se em discussões passadas, quando ainda havia futuro. O tempo já me cobrou seu preço. À minha esquerda está Sophia. O rosto carnudo, os olhos velozes, a fome do mundo. A custo é que se mantém sobre a cadeira, tentando alcançar a mesa. Seus pés mal tocam o chão, e devem balançar enquanto come. Minha neta tem graça. Não me recordo da data exata, levei-a ao parque pela primeira vez. Ficou encantada com todas aquelas outras crianças gritando e correndo como se fugissem dalgum perigo mortal, ou como corresse para ele. O sangue jovem a galope nas veias miúdas. Segurava a minha mão com tanta força, como se a sensação do novo a tomasse por inteiro, como adentrasse um planeta desconhecido, como tivesse diante de si uma nova aventura audaz. Assegurei-a: não há o que temer. Estava, porém, imóvel. Seus pés haviam-se cravado ali, naquele chão de areia, e recusavam-se a andar. Passado um tempo, convenci-a: desde que segurasse a minha mão, estaria segura. Ela dispensava, também, o contato com outras crianças. Tinha traços antissociais — normais para algumas crianças da sua idade, imaginei. Fomos, então, até um brinquedo de escalada — o primeiro que tínhamos à frente. Os ferros emaranhados davam na minha altura, mas, para ela, formavam uma montanha vertiginosa. Titubeou, resmungou um pouco, até que a convenci a subir: primeiro uma mão, depois um pé, depois a outra mão, e por fim o outro pé. Começou a

escalar, mas logo parou. Tinha subido alguns centímetros e se havia deixado consumir pelo medo. Vi seus olhos se inundarem rapidamente, em pânico. — Vovô, me tira daqui! Por favor! Não a tirei. Tentei mostrar-lhe que tudo aquilo era tolice. — Olhe para baixo e você vai ver que não há perigo algum. Embaixo de você, só há o chão, o chão e mais nada. Mas era tarde. Havia paralisado. Não demorou muito, as outras crianças ao redor começaram a nos encarar, curiosas. Os olhos bem abertos, os ouvidos bem atentos. — Vovô, eu não consigo... Me deixa sair... — Não. Você vai sair daí sozinha. É só fazer o caminho inverso. Primeiro um pé, depois o outro, até chegar no chão. Ela, no entanto, se apavorou. A dificuldade de ordenar suas pernas para que descessem daquele monstruoso brinquedo era tamanha que, misturada ao temor sinestésico correndo pelas veias, urinou-se. Primeiro um pontinho escuro na calça rosa, depois um caminho úmido que ia até o fim das coxas. Chorou, covardemente. E não conseguiu descer. Apanhei-a e fomos para casa. Nunca mais falamos daquilo. Hoje está mudada — acho. Crescida. Diante de mim, olha para a mãe. Um misto de diligência e receio. Seus olhos são imensos, e devoram as coisas. — Vô, hoje eu fiz uma conta que foi difícil — anunciou. A luz cobria-lhe, e seus traços se dissolviam. As paredes brancas abraçavam-na. Era pequena para a sua idade. — E conseguiu? Chegou ao resultado? — Consegui. — Então difícil não foi — atestei. — É, mas eu demorei. E a tia me ajudou. — Mas conseguiu? — Consegui. — Então difícil não foi. Sophia me observava. Media-me. Bisbilhotava as minhas feições, à procura de algum indício de zanga. Limpei minha expressão, para confundi-la. Permaneci estático. Mas *ela* en-

\*Eduardo Forgiarini tem 24 anos e é professor de escola pública. Nascido e criado em cidade pequena, desde cedo conheceu o mundo pelas mãos enrugadas da ficção. Escreve menos do que deveria, mas tem interesse pela literatura mais intimista e pelos monólogos sobre a culpa. Hoje, é mestrando em letras na UFPR.

1 Referência ao poema “Idade madura”, de Carlos Drummond de Andrade.

tão interveio. Quase me esqueci de que estava ali. Era mais uma presença, um fantasma que se prendera a nós, à nossa casa. — Deixa o seu avô comer — disse, como que prevendo minha impaciência com a criança. E *ela* não estava de todo errada. Paciência era-me artigo raro, embora às vezes fizesse visita. Pensei encontrá-la com maior frequência quando velho. Mas a morte parece-me mais próxima. *Ela* me olha com o modo fugidio de sempre. Quando, porventura, encaro-a, *ela* se esquivava. Lembra-me o mesmo olhar de quando eu gritava com ela, anos atrás — tantos quantos as árvores levam para minguar. *Ela* detestava quando eu o fazia. *Ela me* detestava quando eu o fazia. Talvez, eu penso, porque eu gritasse com pouca frequência, e, ao fazê-lo, dava vazão ao ódio. Não me continha. Coisa curiosa o grito. É a vazão da ira, pura e viva, a pungência do sentimento que se entortava na palavra, e ganhava fôlego na saliva. Hoje consigo sabê-lo. Eu era covarde. Houve uma vez em que eu gritei demais. Havia pavor no seu olhar. Eu me exaltei, meu juízo se ia lesto, pelo ar. Todas as coisas evaporam. A sombra do meu braço rasgava a parede. Percebi a cena e então baixei-o, aturdido. Tive medo. Desculpei-me, confuso, ébrio pela vazão a que tinha dado lugar. Mande-i-a sair. Temi o prazer absoluto de feri-la. Temi a sensação embriagante do meu cinto arrancar-lhe a pele, até chegar à carne, até sentir o cheiro doce da sua pequenez. Não era só expurgo, era poder, era fome. Algo agora me distrai da minha lembrança, e volto a mim. Olho a cena de fora. Sophia tem graça. Neste dia, uma exceção, parece enchida de sua meninice. Mexe-se na cadeira; anseia sair. Impaciente. Engole tudo tão rapidamente que sequer percebi, àquele instante, que havia quase terminado seu prato. — Para quieta, filha. Mastiga direito. A criança continua.

Nada parece acalmá-la. Tem dentro de si o leão da infância, ainda algo selvagem. — Filha, eu não vou falar de novo... — Mas, mãe... — Eu já disse que você só vai sair depois do dever de casa... e de comer tudo — emendou. Sophia emburrou-se. Menina volúvel. Seu temperamento a dominava. Assim, tão ágil, de um segundo a outro, apanhou seu copo de suco, ergueu-o bem no alto, desenhando a sombra do seu braço no chão, para finalmente jogá-lo. — Eu quero brincar agora! *Ela* parou sua refeição. Um pedaço grande do vidro, que antes fora o fundo do copo, dançava, produzindo música, no chão. Dava ritmo ao espetáculo. *Ela* encarou Sophia, sisuda, contendo a fúria. Segurava nas mãos os talheres e os apertava, como que imaginando o pescoço da criança, como quisesse quebrá-lo, esmagá-lo até o último suspiro. Sophia logo esquivou-se; retraiu-se; manteve-se imóvel, tão silente quanto pôde. Teve medo. *Ela* gritou. Um grito agudo, sólido, umedecido, carregado das suas vísceras. Um grito arraigado, parasita, irradiante de toda a sua sujeira, de toda matéria interna, e do âmago da cólera; o núcleo próprio do detestar, do não suportar, do não suportar ter de suportar — o que torna tudo ainda pior. Na calça lilás de Sophia, um pontinho escuro apareceu. Ele foi crescendo, rastejando, ganhando força e desbravando o caminho, até que parou no fim das coxas. Outra vez. Outra. Isso me vem à mente quando olho para cadeiras vazias. Melancólicas... Vem-me tudo. Todas as manhãs de domingo, todas as roupas rasgadas, toda pele sangrada e toda a dor das feridas abertas, dos tombos que precederam o choro, toda noite em claro, todo o ócio das tardes quentes, todo grito e toda raiva, todo o medo que vinha do escuro e toda velha memória, tudo me atravessa. Como um poema. Mas já não há mais tempo.



Detalhe de Mar (2020-2021): obra composta em aquarela sobre papel (instalação).

terceiro lugar 2020 | conto

# O que vem depois do fim

— por *Layla Gabriel de Oliveira\**

*Quis devolver a guerra, as mãos de sangue, a carne esfolada e batida, quis devolver a guerra, mas não conseguiu.*

ERA UMA CASA pequena, velha, espremida. Ela, espremida dentro da casa. Queria ser menor que a casa, queria desaparecer. Andava encolhida, o corpo rígido sendo engolido pelos batentes das portas. Era silêncio, tudo silêncio, não fazia barulho viver. A casa já era velha quando comprou, muitos anos antes. A natureza reivindicando o jardim, as partes carcomidas da estrutura, e quando vinha chuva tinha goteira, uma na sala e outra no quarto. Quando chegou, quis deixar tudo como estava, fez o menos possível, é mais prudente deixar as coisas como estão. Consertou a goteira no quarto, para não molhar os lençóis. Deixou a da sala, afogando o assoalho. Trabalhou no jardim, na amoreira que crescia no quintal dos fundos, as folhas secas se agarrando na madeira frágil. Disseram que não ia vingar, mas vingou.

Sua vida, sua outra vida longe dali, se transformava em canção velha da qual pouco recordava. Aos poucos se apagavam as memórias, aos poucos os sonhos se tornavam vazios, sem sentido. Gostava de dormir sono de morte, trazer nada de lá, poder sossegar. A maioria das noites passava em claro, o sono esperava o chegar da manhã. Como que pra ter certeza de que a manhã viria, como que pra ter certeza de que era possível descansar, agora, depois do Sol. Às vezes, nem assim. Às vezes desistia de dormir, aceitava as coisas como eram, passava café.

Pouco ficou, além do rosto dos filhos. A mente teimava, esquecia, ela deixava esquecer. Queria vê-los, os filhos, queria ter trazido eles com ela. Queria colocar os filhos de volta dentro da barriga, para que sumissem, dentro das suas entranhas, no útero seco e sem calor. Com os filhos desnascidos, a salvo, uma semente de esperança, quem sabe o sono viria à noitinha, e ela poderia dormir.

Quis ver os filhos. Quando eles os trouxeram, quis ver, os corpos retorcidos de latão, mas não deixaram. Plantaram direto na terra, os seus meninos, que ela regou com sal. Esperou que crescessem, mas nunca cresceram. Quis esquecer, mas nunca esqueceu. Quando perguntavam, na cidade, ela dizia que não tinha, que nunca teve. Ali não era mais mãe. Encontrava nisso

um profundo sossego. Ali, silêncio e trabalho de casa, ali pouco alimento, não agradava muito a ida até a cidade, nem fazer esforço para chegar aos vizinhos. Os parentes não procuraram, eram poucos, eles mesmos com perdas demais, com corpos demais, com chão plantado demais pra regar.

Era comum que se lembrasse, de repente, a memória rompia para afastar o sossego e se agarrava, trazia de novo os gritos do amanhecer, o brilho do amanhecer no meio da noite, que devastava a terra, acordava todos com os barulhos dos aviões. Queria morrer ali sozinha e sem ajuda, queria saber o que os filhos tinham visto e confortá-los. Queria ela mesma ter mãe, mas não se lembrava mais como era, ser criança, ser mulher, ser de verdade, com olhos e pulso que guarda sangue e esperança. Tinha uma irmã, ainda, fora. De antes. De vez em quando ela vinha, trazia flores, batia forte nos batentes pra espantar a poeira, fazia barulho. O barulho assustava, durava dias, por pouco não ia embora. As flores secavam, como tudo secava. A natureza sabida de continuar. Quando a irmã não voltava por meses, ela não procurava. Gostava de esquecer. Gostava da casa pequena e silenciosa, gostava dos sonhos negros, do útero seco, de quando o barulho ia embora.



## DICA DO EDITOR

*A Eva futura*, de Villiers de L'Isle-Adam (Edusp): Este romance de 1886, pioneiro na ficção científica, conta a história de Thomas Edison — ele mesmo, o cientista norte-americano, que na época ainda estava vivo — e sua busca por construir o protótipo da mulher perfeita. O autor, um francês simbolista amigo de Mallarmé e Huysmans, enxerga ironicamente a questão do progresso e a problemática ética em torno das tecnologias.

\***Layla Gabriel de Oliveira** nasceu em Curitiba, é educadora, tradutora e estudante de Letras na UFPR. Foi finalista do Prêmio Off Flip de Literatura 2020, na categoria poesia, e teve seus trabalhos publicados em revistas como *Belas Infêis*, *Mallarmagens* e *Torquato*. É autora do livro de poemas *O que há por trás da porta* (2020), publicado pela Kotter Editorial.

No fim da guerra, eles prometeram outra vida, diferente. Recebeu dinheiro no corpo dos meninos, formalidades, honrarias e desculpas de estranhos. Ela não quis, devolveu tudo. Quis devolver a guerra, as mãos de sangue, a carne esfolada e batida, quis devolver a guerra, mas não conseguiu. Quis esfregar a guerra da ponta dos dedos, com sabão, jogar a guerra fora com a água da banheira, quis ferver a guerra na chaleira e deixar secar, o grito ficando rouco até desaparecer. Quis que a guerra desaparecesse dentro da casa pequena, que ficasse velha junto com a madeira, junto com as juntas dos dedos, que fosse roída pelos cupins e sufocada no silêncio que ela mesma deixou. Quis que a guerra se enterrasse junto com os outros, que sumisse dentro dos corpos, amarrados, contorcidos, mingando. Quis cortar a mão da guerra que se esticava para acordá-la no meio da noite, de dentro do sonho, quis furar os olhos da

guerra pelos quais ela enxergava a própria vida para trás, regando tudo com sal. Quis fechar todas as portas, afogar a guerra num abraço, rever os filhos, fingir que tudo foi uma história ruim. Não conseguiu. Dormia todos os dias embalada na mesma canção de guerra, ancestral, mais velha que a noite. Ela e a guerra uma só. Não conseguiu separar, a mão pesada demais para se desfazer, a marca profunda demais para sumir com o tempo.

Um dia, teve um sonho longo de silêncio, em que era de novo uma criança, dentro do colo da mãe. As coisas tinham o gosto suave, do recém-provado, do recém-sentido. O mundo novo de novo, dentro da boca, na palma da mão. Foi criança, feliz. O sonho durou doce, deixou saudade. Quando acordou, a lembrança se desvencilhou quietinha, escorrendo para longe dos olhos, e acabou.

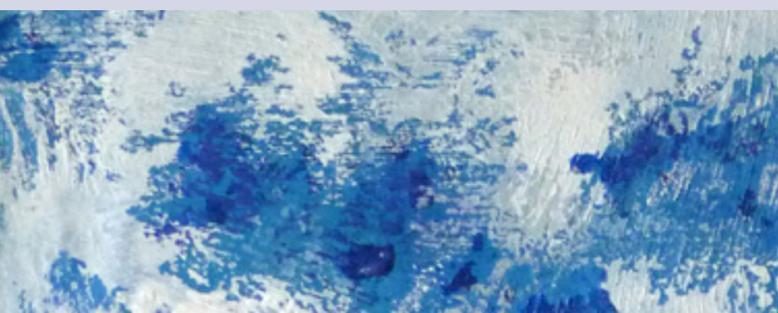


## verdeazul

Em 17 de abril de 2021, o Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC) reabriu suas portas aos visitantes com a mostra individual **verdeazul**, da artista paranaense Dulce Osinski. A exposição reuniu pinturas, gravuras e aquarelas produzidas pela artista entre 2008 e 2021 – muitas delas pensadas como instalações. A mostra contou com a curadoria de Benedito Costa Netodia e ficou em cartaz até 19 de setembro de 2021. As obras *Jardim de papel* (2013), *Mar azul* (2019) e *Mar* (2020-2021) fizeram parte da exposição que teve como tema a natureza.

**Dulce Osinski** é artista plástica, ilustradora e professora da Universidade Federal do Paraná.

Link da exposição: <http://www.mac.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/verdeazul>



concurso da agenda 2022

# UM ANO EM 14 IMAGENS

*Imagens selecionadas em concurso promovido pela Editora UFPR ilustram Agenda 2022 da universidade.*

— por **Lorena Klenk\***

NO ANO EM QUE completa 110 anos, a UFPR utilizou a sua tradicional agenda para reforçar, por meio de imagens, a relevância da ciência e a integração entre a universidade e as comunidades interna e externa. A agenda 2022 é ilustrada com 14 imagens selecionadas por meio de um concurso promovido pela Editora UFPR e que teve 71 trabalhos inscritos, entre fotografias, desenhos, criações digitais e outras linguagens.

“É a primeira vez que fazemos um concurso assim para a agenda, bastante amplo: além de aceitar variadas linguagens das artes visuais, não havia limite de idade para participar”, diz a idealizadora e coordenadora da iniciativa, Maria Perigo. As imagens deveriam retratar temas relacionados à ciência, à universidade e à pandemia da Covid-19. As vencedoras foram definidas por uma comissão que não teve acesso aos nomes dos autores.

A escolhida para a capa é uma imagem digital criada pela estudante de Química da UFPR Maria Jackeline Rodrigues dos Santos, de 23 anos, que soube do concurso pelas redes sociais, ao ser marcada por amigas em publicações sobre o assunto. A ilustração mostra Minerva, a deusa romana da sabedoria, cercada por uma série de elementos relacionados à ciência, à universidade e à pandemia da Covid-19.

Aluna do 10º período de Química (licenciatura e bacharelado) na UFPR, ela conta que o gosto pela arte se manifestou há cerca de três anos: “Eu estava muito atolada de coisas da faculdade e queria um tempo pra mim. Percebi que gostava de pintar, e comecei com aquarelas”.

Durante a pandemia, por sugestão de amigas, ela passou a publicar no Instagram ilustrações relacionadas a temas científicos, com o objetivo de explicá-los de forma simples e, assim, contribuir para popularizar o acesso

*Ilustração da capa*  
**Maria Jackeline Rodrigues dos Santos**



\***Lorena Klenk** é formada em Jornalismo pela UFPR, trabalhou por 20 anos em redações de jornais. Tem reportagens publicadas em veículos como *O Estado de S. Paulo*, *The Intercept Brasil* e *Plural*. Nos últimos três anos, trabalhou na Editora UFPR. Atualmente é jornalista do Núcleo de Concursos da universidade.



Menção honrosa  
Thaís Yuri Murakami dos Santos

à ciência. Entre os temas já explorados na página estão “como funciona o olho humano”, “a química dos vagalumes” e “por que a melancia é vermelha”.

“Eu procuro explicar de forma lúdica conceitos complexos, principalmente de química, que é a minha área de domínio. Quero que todos vejam como a ciência é maravilhosa e o que a universidade produz”, diz Maria Jackeline. Outro objetivo da página é dar visibilidade a mulheres cientistas negras, como Alice Ball e Dorothy Vaughan.

### As imagens

A autora da imagem que ilustra a capa da Agenda UFPR 2022 conta que a inspiração partiu de uma deusa da série de desenho animado *Steven Universo*, a que seu irmão mais novo costuma assistir. A partir daí, ela chegou a Minerva como figura central da ilustração e foi adicionando elementos relacionados à ciência, à universidade e à pandemia: “Coloquei vidrarias de laboratório, simbolizando a ciência; a vacina, que é a conclusão de todo o esforço dos cientistas durante a pandemia; e a logo da UFPR, como geradora do conhecimento”. Também compõem a imagem representações do ônibus Intercampi e do coronavírus, o mapa do estado do Paraná, um pinhão e o símbolo do Hospital de Clínicas da UFPR.

Além dessa imagem, foram selecionadas mais 12, entre fotografias, desenhos e outras produções. Cada uma ilustra um mês do ano na agenda. Os autores dessas imagens são: Lisa Yurie Oda, Silvana Weihermann, Luana Moraes Costa, Jayne Moreira Análio, Juan Henrique Stonoga, Carolina Correia Alves, Lorenzo Martins Bonicontró, Larissa Nunes da Costa, Ana Paula dos Santos Stonoga, Giovana Villela Santos Victor, Natâmy Nakano e Heloisa da Silva Panuci.

A comissão julgadora — composta por um membro interno da Editora UFPR, Maria Cristina Perigo do Nascimento, e dois membros do Setor de Artes, Comunicação e Design da UFPR (Sacod), Hertz Wendel de Camargo e Patricia Guilhem de Salles — decidiu conceder ainda menção honrosa a Thaís Yuri Murakami dos Santos, de 11 anos, estudante do 6º ano. Ela participou do concurso com um desenho que mostra o planeta Terra com máscara e dois braços, cada um carregando um cartaz: um com a inscrição “UFPR” e outro com desenhos de vacinas e do coronavírus.

“O mundo inteiro está na pandemia, e a UFPR está fazendo bastante coisa, até o teste para uma vacina nova”, explica Thaís. Ela conta que, quando soube do concurso, já quis participar: “Não é porque eu sou uma criança que eu não posso participar. Mesmo que não ganhasse, acho legal participar. Fiquei muito feliz com a menção honrosa”.

“**Não é porque eu sou uma criança que eu não posso participar. Mesmo que não ganhasse, acho legal participar. Fiquei muito feliz com a menção honrosa.**”

### Mais perto da comunidade

A variedade de trabalhos inscritos no concurso — tanto no que diz respeito às técnicas utilizadas quanto ao perfil dos participantes — surpreendeu os organizadores. “O resultado foi muito satisfatório, uma vez que o concurso visava mostrar como as comunidades interna e externa veem a importância da universidade no combate ao anticientificismo e ao negacionismo. Ficamos felizes com a qualidade dos trabalhos premiados”, disse o professor Rodrigo Gonçalves, diretor da Editora UFPR na época do concurso.

“Foi uma ótima oportunidade de estreitar nossos laços com a comunidade, e uma forma de esses trabalhos, que de alguma maneira retratam também nossas angústias atuais, serem vistos e eternizados”, completa Maria Perigo.

Além de certificação emitida pela Editora UFPR, os autores das imagens escolhidas receberão exemplares da Agenda 2022 UFPR e títulos do catálogo da Editora UFPR, escolhidos por eles.

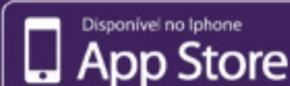


UNIFM 94,5

Junto com você  
fazendo a **diferença!**



Ouçá também pelo nosso App!



Nossas redes sociais:



/unifm @unifm94.5 41 9999.0113

# Estamos sempre abertos para a inovação.

Abrir um livro pode ser o ponto final de várias histórias. A história do autor. A história do revisor. A história do designer. A história do produtor gráfico. A história do livreiro. E a história da editora. O mais importante é que esse simples gesto de abrir um livro significa começar uma nova história que tende a transformar a visão do leitor sobre si mesmo, o outro e a sociedade. Cada livro lançado representa o vínculo entre os leitores, a arte, a ciência e a cultura, mas isso não seria possível sem o investimento em ideias inovadoras. Só assim a vida da Editora UFPR será sempre de muitos livros abertos.

**Inovar, nossa vocação há mais de 30 anos.**

